

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 6 DE FEVEREIRO DE 1969 N.º 16 571 ANO 48.º UM ESCUDO

ESPECTACULAR
SORTEIO DE 20
AUTOMÓVEIS OPEL
PHILIPS
TRIUNFO DA TÉCNICA

NOVO REGULAMENTO DO INTERNATO MÉDICO

Foi publicado no «Diário do Governo» de hoje o novo Regulamento do Internato Médico, que vem introduzir algumas importantes modificações no regime até agora em vigor. Entre essas modificações contam-se em geral que se referem ao regime de admissão ao internato, (que passa a estar aberto a todos os licenciados independentemente do numero de vagas existentes), aos exames finais daquele e do complementar á possibilidade do primeiro internato poder ser autorizado nos hospitais regionais, de se criar um Conselho Nacional de Internato Médico, etc.

(Ler noticia na pág. 12)

ALERTA EM SAIGÃO

OS GUERRILHEIROS INFILTRAM-SE NA CAPITAL

SAIGÃO, 6 — (R.) — «Rangers» sul-vietnamienses bateram, durante sete horas, uma zona pantanosa nos limites da própria cidade de Saigão, á procura de guerrilheiros que, segundo se afirma, estão a infiltrar-se na capital.

Por sua vez, aviões sul-vietnamianos atacaram e bombardearam essa região, depois de terem sido recebidos relatórios de espionagem sobre a presença de guerrilheiros.

Saigão está em estado de alerta para se prevenir contra novos ataques.

Durante a operação os «Rangers» encontraram 2 obuses de morteiro, uma espingarda de fabrico e 200 balas de armas ligeiras, informou uma porta-voz militar. Mas não foram avistados quaisquer guerrilheiros.

Fontes da Polícia disseram, por outro lado, que dois terroristas numa mo-

torizada lançaram uma carga explosiva contra a sede dos serviços de auto-defesa civil, na parte sul de Saigão. Ficou ferido um rapaz e o edificio ficou muito danificado.

AVISO DE VAN THIEU
SAIGÃO, 6 — (F. P.) — O Governo «esmagará» os

(Continua na 17.ª página)

Kissinger precederá Nixon na Europa

WASHINGTON, 6 — (F. P.) — Henry Kissinger, conselheiro pessoal do presidente Nixon em matéria de politica estrangeira, parte dentro de alguns dias para a Europa a fim de preparar a viagem que o chefe do Executivo se propõe fazer além-Atlântico no próximo mês — indicam os círculos informadores da capital federal.

Kissinger que será acompanhado de outro conselheiro da Casa Branca, John Erlichman, visitará sucessivamente a França, Bélgica, Inglaterra, Alemanha Ocidental e Itália.

Nixon tenciona passar o próximo fim-de-semana na Florida, aproveitando essa altura para fixar com o seu conselheiro de politica externa e o secretário de Estado William Rogers as linhas principais da sua viagem. Kissinger e Erlichman partirão pouco depois para a Europa, onde se demorará uns dias.

ACORDO

WASHINGTON, 6 — (F. P.) — O presidente Nixon deu o seu acordo em princípio á proposta francesa de conversações «a quatro» sobre o Médio Oriente, confirmando assim ontem o que dera 14 dias antes claramente a entender. A concordância porém compreende uma suspensão que é susceptível de retardar um pouco as conversações. O departamento de Estado americano deseja que as negociações prévias numa base bilateral ou seja, não só entre representantes diplomáticos nas Nações Unidas, mas também entre os quatro grandes países envolvidos na crise do Médio Oriente.

DOIS DE PÁGINAS
FICADO
PELA CENSURA



Soldados norte-americanos atravessando um curso de água após terem feito prisioneiros, durante uma operação militar segura no Vietnam do Sul

Baixa geral de preços

— Convite da I. G. A. E. a todos os sectores das actividades económicas

Um apelo no sentido de uma baixa geral de preços foi este manhã dirigido a todos os sectores de actividade económica nacional, ao decorrer de uma conferência de imprensa efectuada na I. G. A. E. No decor-

rer da reunião, presidida pelo inspector-geral, sr. dr. Enes Ferreira, foi ainda anunciada uma fiscalização assidua e atenta com o objectivo de travar e, quanto possível, sustar a corrente inflacionista.

A reunião assistiram, além dos representantes dos órgãos da informação, os presidentes da Corporação do Comércio, da União de Grêmios das Lojistas de Lisboa, e director dos serviços de fiscalização da I. G. A. E. e ainda os oficiais delegados da F. R. P., G. N. R. e G. F. Antes de se colocar á disposição dos jornalistas para as perguntas que quisessem pôr á sua consideração, o sr.

dr. Enes Ferreira deu uma breve comunicação, na qual começou por lembrar as palavras do sr. Presidente do Conselho, na sua «conversa» de 9 de Janeiro, em que afirmava a necessidade de se exercer fiscalização assidua e atenta sobre os que «procuram especular para ganhar mais». Disse o inspector-geral das Actividades Económicas que os pessoais da I. G. A. E.,

alheio ás dificuldades das tarefas que terá de desempenhar lá, mais uma vez, corresponder, multiplicando-se, em tempo e esforço de serviço, na vigilância rigorosa de todas as actividades económicas, providenciando a regularização ou normalização dos mercados e reprimindo inexoravelmente todas e quaisquer elevações de

(Continua na última página)

Os deputados espanhóis divididos no que respeita o estado de excepção

MADRID, 6 — (F. P.) — O estado de excepção decretado em 24 de Janeiro será hoje debatido nas Cortes, que ouvirão a este respeito as explicações do almirante Carrero Blanco, vice-presidente do Governo.

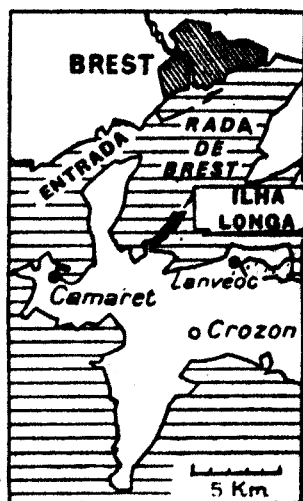
Os deputados, tal como o Governo, mostram-se divididos quanto á oportunidade desta medida e muitos deles, prevêem os observadores, acentuarão que embora a agitação estudantil se tenha tornado «intolerável», o estado de excepção é, todavia, um erro político, que comporta, ao mesmo tempo, importantes riscos económicos. Na realidade, soube-se de boa origem, 80 por cento das reservas feitas por turistas britânicos e 70 por cento das feitas pelos franceses para o mês de Fevereiro foram anuladas. Os ministros aos quais dizem respeito os assuntos económicos, inquietos com os riscos que corre o turismo espanhol devido ao estado de excepção, teriam pedido que este seja suspenso antes do prazo de três meses previsto, a fim de não travar mais o afluxo de turistas, em particular na Semana Santa, que este ano será no começo de Abril.

Perante aqueles que pensam, como o escreveu, na

semana passada, apesar da censura, o diário católico «Ya», que são os detentores

(Continua na 17.ª página)

FUTURA BASE DE SUBMARINOS ATÓMICOS



A localização da Ilha Longa, na Bretanha, onde está a ser construída a base francesa de submarinos nucleares, o primeiro dos quais entrará ao serviço dentro de um mês. Os trabalhos em curso estão orçados em 200 milhões de francos (cerca de 1 200 000 contos)

PROBLEMAS DO ENSINO NO DISTRITO DE BRAGA

LEVANTADOS NA ASSEMBLEIA NACIONAL

Sob a presidência do sr. dr. Soares da Fonseca, vice-presidente em exercício, prosseguiram hoje os trabalhos da Assembleia Nacional.

No período antes da ordem do dia, o sr. dr. Joaquim Nunes de Oliveira, deputado de Braga, começou por acentuar que aquele distrito é constituído por treze concelhos e conta com uma população superior a 600 mil habitantes. Além de outros problemas, propõe-se aquele deputado referir-se aos problemas do ensino naquele distrito, com a certeza de que o Governo está empenhado nas soluções convenientes.

Deficiências no ensino primário e falta de escolas técnicas

«No que respeita ao ensino primário — disse a certa altura o orador — embora o ritmo da construção tenha em dada altura correspondido ao aumento da frequência escolar, o certo é que parece ter-se verificado um

acentuado afrouzamento a causar algumas preocupações, numa altura em que a extensão da escolaridade obrigatória exige uma intensificação que urge não descurar. Por outro lado continuam a existir classes com 40 e mais alunos. Os melhores princípios pedagógicos são assim tralados, com reflexos profundos no aproveitamento escolar, sabendo-se que a capacidade intelectual difere entre os alunos e não permitindo um trabalho individual que por vezes é aconselhável e se impõe.

«O enriquecimento cultural da região impõe certas exigências noutros sectores do ensino que importa considerar. Segue-se, por ordem cronológica, o ensino secundário onde é evidente a necessidade de novas unidades escolares, aguardando Vila Nova de Famalicão a sua tão justa como justificada aspiração da criação de uma Secção Liceal, e Vizeira a sua satisfação da instalação de uma Secção da Escola Industrial e Comercial de Guimarães,

como aliás está de há muito previsto e o seu desenvolvimento industrial, económico e demográfico aconselha. Não se compreende mesmo o motivo porque não foi posto em execução o estudo que havia sido feito e que Vizeira ansiosamente espera».

Prosseguindo, o dr. Nunes de Oliveira aludiu à situação precaríssima em que funciona a escola técnica de Barcelos, «pois que além do edifício inicialmente adaptado para o efeito e sem as indispensáveis condições, já houve necessidade de alugar uma outra casa e a Câmara Municipal ceder o antigo Matadouro, andando os alunos a saltitar diariamente de um para outro lado com prejuízo de um eficiente aproveitamento e submetidos à inclemência do tempo».

Pedido um Instituto Industrial para a cidade de Braga

O orador, apolando-se no parecer da Câmara Corporativa, da autoria do actual mi-

nistro da Educação, relativo ao capítulo do Ensino do III Plano de Fomento, afirmou mais adiante:

«Justifica-se plenamente e é de inteira justiça dotar Braga de um instituto industrial e comercial, com ramificações em Guimarães e Barcelos, permitindo desse modo que uma grande percentagem de alunos que frequentam os diversos estabelecimentos de ensino encontrem meio de atingir uma útil finalidade que se traduz numa benéfica especialização, não apenas útil à região mas a todo o País, dado que até ao momento existem somente os Institutos de Lisboa, Coimbra e Porto».

Acentuou aquele deputado a elevada frequência de alunos nos liceus e escolas técnicas do distrito (11 816), «que só por si constitui o melhor aval para a decisão que Braga aguarda confiadamente».

A terminar, solicitou a criação em Barcelos de uma Escola de Regentes Agrícolas.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ Enquanto, através de um microfone, um dos secretários procedia, ontem, à chamada dos deputados — e a que só responderam 61 — trocámos algumas impressões com o dr. António Cruz, deputado pelo Porto e professor da Faculdade de Letras daquela cidade. «Quando se resolveu a prestar a devida homenagem a Leonardo Coimbra? — perguntámos. (Vale a pena recordar que foi Leonardo Coimbra quem, quando ministro da Instrução criou a primeira Faculdade de Letras do Porto, Faculdade de curta vida, mas originalíssima e de belas tradições culturais, de que ela própria foi director). «Já estamos a pensar nisso» — informou-nos o dr. António Cruz. Ainda este ano haverá um curso monográfico consagrado à vida e obra de Leonardo Coimbra. Esse curso de extensão universitária, será o primeiro passo da homenagem devida ao pensador e criador da Faculdade».

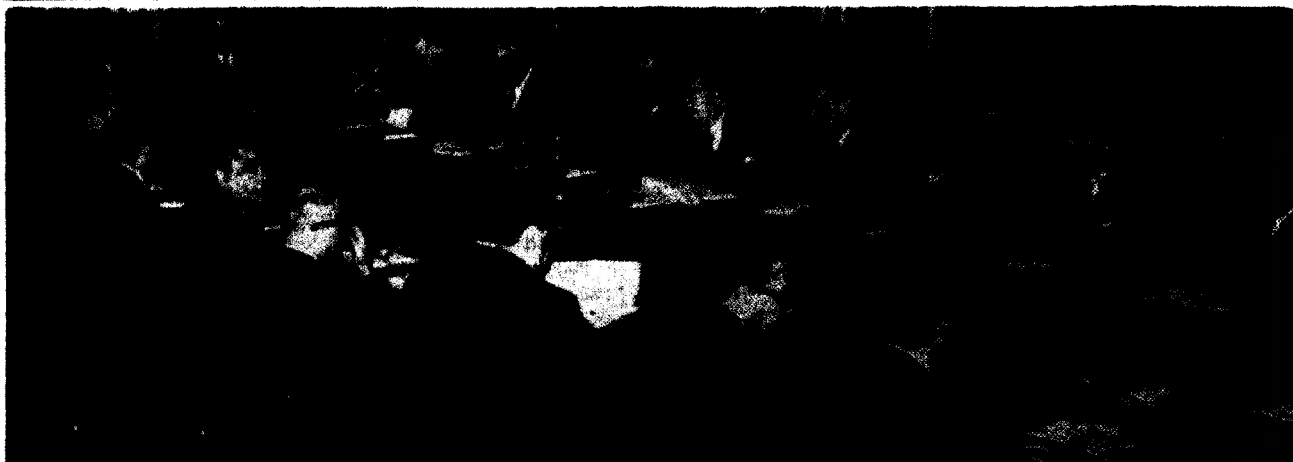
★ Aquele mesmo deputado do Porto, ao falar pouco depois na ordem do dia — o debate na generalidade do aviso prévio em defesa da língua portuguesa — afirmou: «Para a difusão da lei da Portugalidade, o que se impõe, a meu ver, é a preparação imediata de uma selecta de textos do Presidente Salazar. Faculte-se, depois, a todos os novos, já na escola, já na oficina ou escritório, a leitura destes textos: através dela, será oferecido a todos o conhecimento imediato do Evangelho português, bem como a formação necessária para sentir, amar e respeitar a pureza da nossa língua».

★ Aliás, a defesa da língua continua a interessar os deputados, como tema e exercício parlamentar sem grandes riscos. Ontem, intervieram no debate quatro deputados: o sr. dr. Arlindo Soares, o sr. dr. António Cruz, o sr. dr. Hironório Paizão Fernandes e o sr. dr. Vaz Pires.

★ Mas, na sessão de ontem, não se atacaram só os estrangeirismos, nem se defendeu só a necessidade de uma verdadeira campanha de profilaxia, para defesa do idioma. No período antes da ordem do dia o deputado Sebastião Alves referiu-se ao V centenário do nascimento de Vasco da Gama: o deputado coronel Sousa Rosa aludiu à crise do turismo, particularmente no Algarve e o deputado dr. Cunha Araújo comentou o actual momento político

★ Este ultimo parlamentar, embora com todas as cautelas e reservas, aceitou que caminássemos para «um profícuo arejamento e apaziguamento dos espíritos, como modo de alcançar-se a preconizada renovação na continuidade». Mas nem por usar de todas as reservas o deputado Cunha Araújo, que se não considera «extremista nem intolerante», se livrou de alguns ápartes discordantes do sr. Casal-Ribeiro.

★ O debate do aviso prévio sobre a defesa do idioma prossegue hoje, estando inscritos mais quatro oradores. Pensa-se, nos meios parlamentares, que já se falou de mais sobre a língua e, portanto, o aviso prévio deverá terminar amanhã, com uma moção que — tudo o indica — será aprovada por unanimidade. A língua portuguesa continua!



O ministro do Interior reunido com os governadores civis

As próximas eleições tratadas em reunião do ministro do Interior com governadores civis

Pelas 10 e 30, no Salão Nobre do Ministério do Interior, começou uma reunião de trabalho do titular daquela pasta, sr. dr. Gonçalves Raposo, com os governadores civis de todos os distritos do Continente e das ilhas adjacentes, excepto do distrito autónomo do Funchal.

O ministro foi a primeira personalidade a entrar no

salão, logo seguido dos chefes dos diferentes distritos, bem como dos drs. António Pedrosa Pires de Lima, secretário-geral do Ministério e director-geral da Administração Política e Civil, e Carlos de Melo, chefe de Gabinete daquele membro do Governo.

Em frente do ministro Gonçalves Raposo sentou-se o chefe do distrito de Lisboa, dr. Afonso Marchetti, junto de quem se encontravam os governadores dos distritos autónomos dos Açores.

Na reunião, que se prolongou por toda a manhã, foram tratados assuntos de interesse para a vida política e administrativa, particularmen-

te os que importam às operações do próximo acto eleitoral.

Ainda não há em Viseu vacina antigripal?

VISEU, 6 — Ainda não se aplica aqui a vacina contra a «gripe asiática».

Orvimos dizer que, na Rua Alexandre Herculano, há crianças atacadas. Talvez o mal não passe de gripe vulgar, quase benigna.

Contudo, os familiares, esses e outros, querem recorrer à referida vacina. Telefonaram para a Delegação de Saúde, telefonaram ao director clínico do Hospital da Misericórdia. Essas autoridades sanitárias e clínicas desfez-se em atenções. Manifestam simpatia por quem lhes fala e o desejo de serem prestáveis mas de vacina, até o fim da tarde de terça-feira nem sinal.

Novas viaturas para os Bombeiros Voluntários de Cantanhede

CANTANHEDÉ, 6 — No salão de festas do quartel dos Bombeiros Voluntários reuniu-se a assembleia geral, que aprovou o relatório e contas do ano findo.

Verifica-se, pelo relatório, que a benemérita corporação vive em desafogo financeiro e que está para breve a aquisição de duas viaturas. Assim, incentiva-se uma campanha para angariação de fundos com esse fim, que vai já em mais de duzentos contos.

Roberto Nobre

Salu do Hospital de Jesus, onde foi operado, para sua casa, em convalescência, o conhecido artista plástico e crítico de Cinema Roberto Nobre. Desejamos-lhe pronta recuperação.

Conte connosco
contamos consigo

BANCO DO ALENTEJO

DE ONTEM PARA HOJE

ACTIVIDADE ECONÓMICA

O Crédito Predial Português teve ontem a sua assembleia geral. A exposição de eng.º Nogueira da Costa, em nome do conselho de administração, analisou os principais acontecimentos do ano passado e as tendências da economia mundial e nacional. Disse ele que pelo que respecta a 1959 tudo indica que a recuperação tenha continuado mas com alguma irregularidade quando consideradas os diversos sectores da actividade económica. Conforme se faz notar nos documentos referidos, verifica-se em particular um abrandamento de investimento na indústria — e que, julgamos nós, augura mal da viabilidade de se manter e consolidar a recuperação notada, já que o investimento é elemento dinamizador por excelência da economia. E acrescentou que se impõe, pois, tomar redobradas medidas com vista a essa dinamização, e que, para além das questões relacionadas com o investimento propriamente dito implica decisões de política económica que tenham em consideração quer o aspecto da utilização efectiva da capacidade produtiva de cada um dos sectores importantes — quer os problemas inerentes à evolução da procura relativamente a diversos tipos de produtos. Um outro domínio em que a evolução verificada ficou longe de ser satisfatória, foi o dos preços. Julgo desnecessário insistir neste problema, tão bem conhecido e tão sentido por todos. E disse: «A este aspecto menos satisfatório da evolução do poder de aquisição interno da nossa moeda, há a contrapor o aspecto positivo da continuidade e substancial expansão das disponibilidades em ouro e divisas da zona de escudo. O escudo, moeda convertível, entre apenas externas, continuou a revelar a maior firmeza nos mercados de cambiais». Houve realce para o cargo de vice-governador de eng.º Salomão Quinhones Levy e para o conselho fiscal o dr. Armando Ribeiro de Almeida. Na assembleia participou também, pela primeira vez, o novo administrador, há pouco nomeado para o cargo, e antigo subsecretário de Estado da Presidência, dr. Paulo Rodrigues.

NA PONTE DO SORRAIA

Rodava em grande velocidade uma motociclista em que se deslocavam o pintor de construção civil sr. Bonifácio Rodrigues Feio e a sr.ª Olinda Marques dos Santos, doméstica, ambos de Chão do Couce, Ansião. Ao chegar à ponte so-

bre o rio Sorraia, em Benavente, foi chocar violentamente com um automóvel, ficando a senhora estatelada no chão, a distancia, com fractura do crânio e graves contusões; o motociclista sofreu fractura de uma perna.

NOVAS ZONAS DE TURISMO

Um decreto da Presidência do Conselho criou as novas zonas de turismo de Elvas, Agueda, Serpa, Beja e Évora, coincidindo as zonas de turismo com as áreas das respectivas concelhas. A área de turismo de Évora passa a abranger toda a área do concelho.

CORONEL OSÓRIO CRUZ

O coronel Américo António Osório Cruz, comandante do Campo de Instrução Militar de Santa Margarida, foi ontem condecorado pelo sr. ministro da Marinha, almirante Manuel Pereira Crespo. Recebeu a medalha naval de prata comemorativa do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.

A CAMIONETA CONTRA A BARREIRA

No sítio da Ribeira Brava, perto de Grandola, vinha uma camioneta carregada de hortaliça e laranjas, guiada pelo sr. Jesus Latino Henriques Moniz, de 32 anos, de Belxal de Lourinhã. No veículo seis descarregadores e ainda outras pessoas na cabina. Em dada altura foi embater numa barreira. A camioneta ficou danificada e mortos logo ao ar. Lourenço Manuel Santos Baltasar, de 17 anos, e Luís Filipe Damilho, de 16, e muito ferido o sr. António Augusto Nunes, de 20 anos. Não houve de Belxal de Lourinhã.

COMO ANTÓNIO SÉRGIO ENSINOU UM CATÓLICO A LER OS EVANGELHOS

Por JOSÉ ESTEVES

FOI HA UMA DUZIA DE ANOS ATRAS que, ali numa livraria do Chiado, o Jodo Sá da Costa me apresentou o seu grande amigo, e também seu antigo professor, no ensino secundário particular, António Sérgio. Ficámos a conversar uma larga meia-hora, e, a determinada altura, eu refiro uma admirável conferência, a que assistira no C. A. D. C., em Coimbra. Nesta, o orador ironizava os cristãos que não gostam de ouvir falar em promoção económico-social, e para tanto invocam uma passagem dos Evangelhos, aquela em que se diz: «Pobres haveis de ter sempre entre vós.» Como se — acrescentava o conferencista — esses fiéis de qualquer modo receassem um desmentido às palavras do Senhor...

Mal eu acabava de contar o episódio, e oiço a voz de António Sérgio a repreender-me suavemente: «Mas não é isso, amigo, o que se lê

nos Evangelhos... Jesus Cristo afirmou a existência de pobres, mas no presente, que era o do seu tempo, e não se referiu à sua existência, ou sobrevivência, no futuro... Aliás, a própria cena em que Jesus faz tal comentário — a da mulher que derrama o bálsamo valioso e provoca a reacção dos que pensavam poder o seu equivalente em dinheiro ter mais proveito no socorro dos pobres — apenas confirma a contemporaneidade manifesta da mesma afirmação...

Semanas depois, o grande mestre convidava-me para uma reunião de convívio, em sua casa; e como eu tivesse aparecido com uns minutos de avanço, em relação a outros convidados, a ligação do Chiado continuou. «Venha aqui à minha biblioteca, para lermos aquela passagem da Bíblia, de que falámos quando o Jodo nos apresentou.» Aproxima-se de uma estante, e dela

tira um volume do Novo Testamento (que eu depois reparo estar profusamente anotado, nas margens das páginas folheadas e para no capítulo XXVI do Evangelho de S. Mateus, onde se lê: «Porque vós tendes sempre convosco os pobres, mas a mim nem sempre me tendes.» Logo a seguir passa ao livro de S. Marcos, capítulo XIV, e mostra-me: «Porque vós tendes sempre convosco os pobres, e, quando quiserdes, podéis fazer-lhes bem; porém a mim, não me tendes sempre.» Feitas estas leituras, e para que eu não ficasse com a mais pequena dúvida, tira da mesma estante outra Bíblia, em francês, e ainda uma terceira, em inglês — a confirmarem, ambas, a correcção do texto da primeira consultada. Após o que se me dirige, com um sorriso largo e bondoso, mas também severo: «Quando é que vocês, católicos, aprendendo a ler e a estimar os Evangelhos?»

O PERÚ, A COVA E O HOMEM DOS BOIS

Na tarde do primeiro sábado depois da liquidação do movimento de 18 de Abril de 1925, António Damão dos Santos, amigo sempre bem disposto, que dirigira a Polícia de Segurança do Estado, no Governo de Cunha Leal, após o 19 de Outubro, e Raul Esteves dos Santos durante muitos anos presidente da benemérita Sociedade A Voz do Operário, convidaram-nos, a mim, ao Norberto de Araújo e a outros camaradas, no café «A Brasileira», do Chiado, para um passeio, de automóvel, a Santarém, em cujo prédio estavam diversos oficiais implicados na revolta, entre os quais um da família (parece-me que irmão) daquele homem público.

Como, nesse tempo, não havia jornais da tarde ao domingo, pelo menos o Norberto e eu aceitámos.

Dirigimo-nos todos à Graça, a casa do escravidão Videira, sogro do engenheiro Cunha Leal, e com a conversa acompanhada a bebidas, esperamos que acabasse de ser conhecido um grande peru destinado ao familiar preso.

Em seguida, pusémo-nos em marcha, no automóvel de aluguer — que era dos maiores existentes em Lisboa — com a intenção de coar e de dormir em Santarém, a fim de, na manhã de domingo, nos despenharmos da nossa missão de amizade e de abastecimento...

Mas — «o Diabo tece-as»:

Em Vila Franca de Xira, encontramos o velho amigo e «fictional» Carlos Gonçalves, antigo presidente do Município, que nos «obrigou» a ir à sua adega pessoal, a fim de provarmos a sua água-pé branca, que parecia «champagne».

Com fidelidade ribatejana, o an-

fúrio quis que aceitássemos umas quantas garrafas «para a viagem», mal supondo que elas seriam para a viagem, mesmo...

É que, perto da Azambuja, sentimos um grande solavanco e vimos que o carro não saía do mesmo sítio, por mais que o motorista acelerasse.

Apedmo-nos e verificámos que a parte dianteira estava metida numa cova muito maior do que aquelas a que estávamos acostumados.

Depois de um esforço conjunto para fazer sair o carro daquela «ratoeira», tivemos de desistir. Paciência!

Pouco depois, um camponês que se dirigia à sua casinha, depois de um «fim de semana» bem regado, disse-nos:

— Escusam de puxar! Tem é de esperar que nasça o sol e que venha um dos homens dos bois...

Por palavras que lhe ouvimos e raciocínio lógico, concluímos que aquela cova na estrada era um «furo» comercial. Bem podiam os cantoneiros enchê-la de pedra e areia. Era sabido que a chuva, ou, na sua ausência, uma enchada, se encarregava da sua «conservação».

Começou, então, um sermão literário, com rectificações pelo Norberto e por outro camarada cujo nome não quero dizer, com receio de me enganar, entrecortadas por anedotas e piadas de ocasião. Até que «uma voz no deserto» propôs:

— E se nós comêssemos metade do peru, que é tão grande? Demais a mais, acompanhamento não falta...

A proposta foi aprovada por unanimidade; mas a sua execução foi exagerada: da saborosa ave só ficaram os ossos...

Quando começava a clarear, antes do sol, chegou o homem dos bois.

Feito o serviço de reboque e recebido o respectivo dinheiro, com algumas frases de «desconfiança certa» à mistura, dirigimo-nos a Santarém.

Entrámos numa sala do presidio; e eu adiantei-me e disse, a um oficial, que pretendia visitar os presos:

— Mas olhe que só são permitidas visitas de pessoas de família muito chegadas...

— Esplêndido! Eu tenho cá um tio: o capitão Frederico Vilar.

— Ah, sim? Mas de quem é filho?

— Da Maria — riposte, tão tranquilo, como infundadamente.

— Da Maria? Então, ainda somos parentes!

E deu-me um carinhoso abraço, mandando vir o que havia de comandar e modernizar o Batalhão de Sapadores Bombeiros de Lisboa.

Claro que eu avancei para ele e, dizendo: «Sua bênção, meu tio, beije-lhe a mão».

Frederico Vilar (a quem explicito o que nos acontecera, pedindo-lhe que transmitisse o relato, com as nossas desculpas, ao destinatário do peru devorado na estrada) e os meus companheiros iam rebentando a rir...

Desempenhada, «bênção» a nossa missão, regressámos à capital, com a inevitável paragem na feira do Cartaxo; e o que é certo é que, dali por diante, fosse ante quem fosse, capitão o que depois ascendeu a general nunca deixou de me saudar assim:

— Olá, «sobrinho»!

Que «tio»...

FÉLIX CORREIA

Nota do dia

«ALLEGRO MOLTO VIVACE»

HA UM SERVIÇO EM LISBOA que é conhecido pelo nome do local onde está instalado, Santa Marta, onde se vão pagar as multas por transgressões dos regulamentos do trânsito, agora da competência ampliada das Câmaras Municipais. Como hoje quase toda a gente tem automóvel, mesmo muita gente que não tem mais nada, apura-se daí que outros tantos são os que conhecem o sítio, ou por lá terem sido convocados ou pelo desejo de não o virem a ser. E como se trata de um serviço central, ele pode muito bem ter-se como paradigma do que sejam os outros similares instalados pelo País fora.

Chega o paciente, queremos dizer o infractor ou o suposto como tal, portador do papelinho da convocação que lhe chegou pelo correio. Chega e olha. Olha e vê as dezenas de pessoas presentes, quase todas movendo-se com certa timidez, que aquilo é uma polícia, tacteando o lugar onde hão-de aguardar a vez de chegarem a algum dos postigos abertos, atrás de cada um dos quais um funcionário vai atendendo, no ritmo adequado de quem esmiuça papéis que tem de ler e apura a letra para os papéis que tem de escrever.

Feitas as contas, em grande parte dos casos trata-se apenas de uma recolha de dados de identificação, que também em grande parte dos casos já lá existiam no ficheiro, conforme se esclarece na presença do convocado. E agora? Bom, então espera que pelo correio lhe mandem outro papel, este agora com o valor da multa que há-de ir pagar a outro sítio, claro está se não quiser contestar, como é certo que a maior parte das pessoas não querem, só para não perderem mais tempo, que para alguns continua a ser como se fosse dinheiro.

A falar a verdade, isto não é um protesto, nem mesmo um lamento. Mas parece vir a propósito perguntar se não será possível arranjar as coisas de modo que ao menos andem mais depressa. Não se trata de dizer que não multem, nem que multem menos, nem que multem mais barato, mas simplesmente de dizer que ao menos multem mais depressa, renunciando ao método de pedir o que já têm ou de perguntar o que já sabem. E, se não sabem e se trata apenas de preencher um questionário, porque não o expedem pelo correio para que o suposto infractor o devolva preenchido?

Ora isto parece, por isso se refere, o exemplo acabado do que precisa de ser corrigido. Quantos casos como este são a rotina das nossas repartições? Quando está em estudo a reforma dos serviços públicos, prometida lá para o fim do ano na lei orçamental, a eficiência que se reclama não é consentânea com tal embaraço de coisas. O tempo é outro. Não é possível chegar-se a uma repartição e ser-se atendido ao ritmo da valsa. Tem de ser em andamento vivo, nem que seja... a toque de caixa.

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVINCIA

AO JURO DA LEI A CONFIDENTE

ROSSIO, 3 2

TELEF. 369384

FESTAS DO CARNAVAL E AMENDOEIRAS EM FLOR NO ALGARVE

Comunicamos a C. P. que realiza nos próximos dias 16 a 18 do corrente, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa ao Algarve, por ocasião das Festas do Carnaval e das Amendoeiras em Flor, incluindo a viagem em comboio de 1.ª classe, com ar condicionado,

circuito artístico em autocarro, alojamento e refeições.

Preços da excursão completa
MODALIDADE 1
(Hotel de 1.ª classe A)
840\$00

MODALIDADE 2
(Hotel de 2.ª classe)
700\$00

Para esta excursão admitem-se passageiros só para o percurso de caminho-de-ferro, de Lisboa a Faro e volta, ao preço de 155\$00.

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do caminho-de-ferro em Lisboa, onde são distribuídos folhetos descritivos.

MEDICINA GERIÁTRICA — Prevenção, tratamento, recuperação

(doenças do envelhecimento)

por DR. JOSÉ REIS JR.

Pela 1.ª vez em Portugal. Único livro existente na literatura médica ibero latino-americana, focando os seguintes problemas:

O que é a velhice; história da geriatria; teorias do envelhecimento; profilaxia; arteriosclerose; doenças da velhice; exigências nutritivas na velhice; vida sexual; tratamento; recuperação; tentativas de rejuvenescimento

A venda nas livrarias e na CITÉCNICA — Rua Tristão Vaz, 15, 2.º, Dt.º
Tel. 611989 — Lisboa-3

Contas novas para gente nova
BANCO DO ALENTEJO



12 anos

Fimitalus



O LADRÃO DE QUEM SE FALA

realização de HENRIQUE CAMPOS

FERNANDA DORSATI · LUIS CERQUEIRA · LINDA SILVA · RUY FURTADO · ALINA VAZ · LUIS MORTA · LEONOR POEIRA · LUIS TITO e o estranho CARVALHINO

PRODUÇÃO GENERAL FILMES FOTOGRAFIA JOÃO MOREIRA MÚSICA JOÃO NOBRE

A MAIS COMPLETA FARSA DO CINEMA NACIONAL

FEITA COM A ÚNICA INTENÇÃO DE DIVERTIR, DELICIAIR E FAZER RIR

HOJE, ÀS 21.30

NO

POLITEAMA

ESTREIA

DE DIVERTIDO FILME NACIONAL

Um exclusivo DOPERFILME—ADULTOS

ROMA

UM ROMANCE DA SÉRIE NEGRA

Num filme de GEORGES LAUTNER

com

MIREILLE DARC

2.^A
SEMANA

FLOR AMARGA

EASTMANCOLOR — FRANSOPE

A HISTÓRIA
DE UMA MULHER
BONITA
COM UMA ARMA
NA MÃO!EUNICE
MUÑOZFERNANDO
GUSMÃO

UM ACONTECIMENTO ARTÍSTICO

VASCO MORGADO APRESENTA

numa encenação de

NO TEATRO

T. 32 60 37

PAULO
RENATO

VARIEDADES

MUITO BREVEMENTE • ESTREIA
PELA 1.ª VEZ EM LISBOA UMA OBRA
DE ARNOLD WESKER

AS QUATRO ESTAÇÕES

(ADULTOS)

(THE FOUR SEASONS)

Tradução de JOSÉ PALLA e CARMO
Música de JORGE PEIXINHO
Cenário de OCTÁVIO CLÉRICOA MAIS BELA IDEIA DE TEATRO ADMIRAVELMENTE
INTERPRETADA POR DOIS GRANDES ARTISTASÉXITO! ENTRA, HOJE, EM 6.º MES
DE REPRESENTAÇÕES, NO

• MARIA VITÓRIA •

A REVISTA DA GARGALHADA

• Grande Poeta é o Zé!



ADULTOS

DORA LEAL
na «Variação»(Prémio da Imprensa-1968 para
a melhor revista do ano)• UM SUCESSO EXCEPCIONAL COM
SALVADOR • JOSÉ VIANA
(Prémio da Imprensa-1968)

• MARIEMA

MAX • ANITA • DORA • V. MEN-
DES • MARIANO FRANCO

E A NOTÁVEL ATRACÇÃO

• MAY AVRIL

• ÀS 20.45 E ÀS 23 HORAS

• DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 H.

TRINDADE
— F. N. A. T. —HOJE, às 21.45 (17 anos)
o T.N.P., sub. pelo Fundo
do Teatro, apresenta
SABINA FREIRE
de M. Teixeira Gomes
com Lourdes Norberto
na protagonista
SABADO, tarde às 16 h.Teatro
LAURA ALVESTel. 68 47 56 (Adultos)
HOJE NÃO HA ESPECTÁCULO
PARA DESCANSO OFICIAL DA
COMPANHIAAMANHÃ EM 2 SESSÕES
ÀS 20.45 e 23 H. prosegue a vito-
riosa carreira da deliciosa comédia

O Jovem Mentiroso

SABADO «MATINÉE» ÀS 16 H.
PARA TODO O PÚBLICO (Para
estudantes preço único de 10000)EM TRIUNFAL
2.º MES

FERNANDA

* ADEGA *
Machado
(M. 17 anos)
*
RUA DO NORTE, 91 - LISBOA-2 - TELEFONE 30095 - 328/1RESTAURANTE
TÍPICOARMANDO MACHADO
COMUNICA AOS SEUS ESTIMADOS CLIENTES
A REAPARIÇÃO, SABADO, DIA 8,
DA ATRACÇÃO INTERNACIONAL

«OS 3 DE PORTUGAL»

DEPOIS DE TRIUNFAL DIGRESSÃO PELO BRASIL

NO MESMO PROGRAMA, FADOS POR:

IVETE PESSOA
TRISTÃO DA SILVA JÚNIOR
FERNANDA PINTO
HERMENEGILDO LOPES (guitarra)
NICOLAU NEVES (viola)
FADOS DE COIMBRA NA VOZ DE
JOÃO QUEIROZDANÇAS REGIONAIS PELO
GRUPO TÍPICO
DE VILA FRANCA DE XIRA
DIRIGIDO POR VITALINO
E AINDA, A MUNDIALMENTE
CONHECIDA
MARCHA DO MACHADO

2.ª Feira estreia de CLARA D'OVAR — artista convidada

Atenção ao nosso GRANDIOSO CARNAVAL onde a alegria é constante
música pelo CONJUNTO SEM NOMEAvisamos todos os nossos estimados clientes, Hóteis e Agentes de Viagem que a partir do pró-
ximo dia 24 passamos a encerrar todas as 2.ª-feiras para descanso de Artistas e Empregados

ADULTOS

QUANDO A ESCÓRIA DA TROPA
AMERICANA ENFRENTOU A ELITE
DO EXÉRCITO CANADIANO A GUERRA
TOMOU UMA NOVA DIMENSÃO
...E NASCEU

A BRIGADA DO DIABO

Com **WILLIAM HOLDEN** **CLIFF ROBERTSON** **VINCE EDWARDS**



APRESENTA **3.ª SEMANA**
EM
UM FILME FORA DE SÉRIE!

... SUPERIOR RECONSTITUIÇÃO CINEMATOGRAFICA DUMA ESPANTOSA EPOPEIA MILITAR

Sessão no «Império»
promovida pelas
alunas do Liceu
Filipa de Lencastre

Com o objectivo de reunir fundos para a montagem da sua nova sala de convívio, as alunas do Liceu de D. Filipa de Lencastre promovem no Cinema Império, amanhã, às 18 e 30, uma sessão de cinema com o famoso filme «Melodia Intelectual», cujos protagonistas são: Glenn Ford, Eleanor Parker e Roger Moore (o Santo). Os bilhetes estão à venda na bilheteira daquele cinema e aquelas estudantes esperam a melhor colaboração de todos os colegas liceais e de suas famílias.

«BLOW-UP»
NO ABC CINECLUBE

No prosseguimento do seu Ciclo de Cinema Moderno, o ABC Cineclube de Lisboa exhibem amanhã (18 e 30) no cinema Lys o discutido «blow-up» (História de lango António). A sessão, a exemplo das anteriores, é franqueada a não-sócios.

As estreias de hoje
No Politeama

Titulo em português — «O ladrão de quem se fala»
Produção — Portuguesa
Realização — Henrique Campos
Interpretes — Camilo de Oliveira, Fernanda Borsati, Luís Cerqueira, Linda Silva, Ruy Furtado e Alina Vaz
Género — Comédia
Distribuição — General Filmes
Processo — Normal a preto e branco
Classificação — 12 anos

TEATRO VILLARET

4

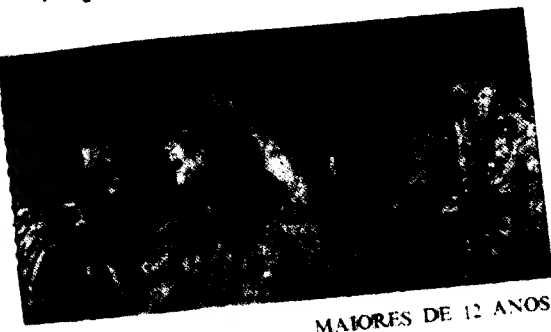
UNICOS ESPECTACULOS

Dia 10, às 21 h. e às 23 h.
Dias 11 e 12, às 18.30 h.

BILHETES A VENDA

Depois de VINICIUS • BADEN • MARCIA...

EDU LOBO!
e os MUTANTES



MAIORES DE 12 ANOS

A NOVISSIMA MÚSICA DO BRASIL!

EDU LOBO e OS MUTANTES VIAJAM PELA TAP

A B C ONDE O ÉXITO MORA

Tel. 366745 — (Adultos) JOSE MIGUEL APRESENTA
HOJE E TODAS AS NOITES ÀS 20.45 E 23 HORAS
A NOVA REVISTA

ELAS É QUE SABEM

Original de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha — com musica de João Nobre e João de Vasconcelos



IVONE SILVA



NICOLAU

com IVONE SILVA, NICOLAU BREYNER, HENRIQUETA, MAYA, OSCAR ACORSIO, DELFINA CRUZ, JULIA CHRISTY e JOSE DE CASTRO

A voz de
MARIA DA FE

A direcção nacional
TONY DE MATOS

SABADO E DOMINGO, AS 16 HORAS, «MATINEES»

AMANHÃ **ROMA** M 6 anos

REAPARIÇÃO SENSACIONAL

DUO OURO NEGRO

NUM RECITAL INÉDITO QUE CONCLUI UMA LONGA DIGRESSÃO PELOS ESTADOS UNIDOS, BRASIL, FRANÇA, ALEMANHA, JUGOSLAVIA E BÉLGICA E ANTES DA SUA EXIBIÇÃO NO MÉXICO, ARGENTINA, ROMÉNIA E CHECOSLOVAQUIA

CAPITÓLIO

Tel. 32 03 79
As 18.30 h. — (M. 17 anos)

TANGO
(Preços reduzidos)

As 21.45 h.
M/ 12 anos

FREI LUIS DE SOUSA

Amanhã, às 21.45 horas:

«TANGO»

Sábado, às 16 h.: «FREI LUIS DE SOUSA» (preços reduzidos) — As 21.45 horas:

«TANGO»

Domingo, às 16 h.: «TANGO» (tarde para estudantes):

às 21.45 h.: «FREI LUIS DE SOUSA»

Em RIO MAIOR, «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se em TABACARIA SANTANA — Rua Serpa Pinto, n.º 20.

TEATRO DA TRINDADE

(F. N. A. T.)

DOMINGO, 9 DE FEVEREIRO, às 11 horas da manhã
CONCERTO PELA

BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

Dedicado aos beneficiários da F. N. A. T., Sócios dos Sindicatos Nacionais, C. A. T. e C. R. P.

Direcção: MAESTRO TENENTE SELVA DIONISIO

PROGRAMA

ALEGRES COMADRES DE WINDSOR, NICOLAI — PHAETON, Poema Simfónico, SAINT-SAËNS — OTTO CANÇÕES RUSSAS, LEADOW — LA CHASSE, ALBERT VAULET — FANTASIA ESPANHOLA, T. BRETON — RAFAEL LIGIERA, SANTOS ROSA (1.ª audição pela Banda) — CONCORD MARCH, STANLEY BLACK (1.ª audição pela Banda).

— Distribuição gratuita de bilhetes a partir de hoje —
(MAIORES DE 6 ANOS)

Durante a execução de qualquer dos números do programa — não é permitida a entrada na sala de espectáculo —

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «Romeu e Julieta» (1968).

REALIZAÇÃO — Franco Zeffirelli.

INTERPRETES — Leonard Whiting, Olivia Hussey.

Adaptação fidelíssima — como seria de esperar, desta história de dois verdadeiros apaixonados. Contudo, há aqui uma leveza e uma frescura que não são habituais no universo das tragédias. Ficamos a devê-lo a Zeffirelli. O seu segredo é duplo: restituir a juventude e o arrebatamento sensual a um amor que nos acostumáramos a conceber na distância do mito, e reencontrar o dinamismo de um espaço filmico povoado de corpos e de gestos. Nesta versão de *Romeu e Julieta*, predominam a alegria e a irreverência. E, no entanto, a tragédia, a pouco e pouco, ganha o peso que é o seu, o espaço concentra-se, as personagens enraizam-se, as cores carregam-se de sombras, e tudo converge para a asfixia sepulcral da última cena.

Trata-se de um espectáculo inquestionável. Espectáculo, isto é, objecto para ver: Zeffirelli restitui o ambiente de Verona com uma precisão e um requinte admiráveis. Há aqui um sentido profundo dos lugares, da sua pulsação íntima. Duas ruas desta cidade ao interior dos seus palácios, percorremos um só espaço e um só texto. É esta a unidade profunda do cenário que só um grande artista saberia construir. Por outro lado, o colorido é uma proeza técnica de primeiro plano. É toda a experiência histórica da pintura da época que se reaviva em nós, através de quadros de uma beleza de composição incomparável. Neste ponto, é difícil poupar adjectivos: trata-se de um trabalho excepcional.

Mas existe um segundo as-



Olivia Hussey e Leonard Whiting, os intérpretes do filme «Romeu e Julieta» de Franco Zeffirelli

pecto que merece ser acentuado: é a agilidade diabólica da câmara, a par de uma segurança e de uma intencionalidade perfeita e geométrica. Zeffirelli excede-se nas cenas de movimento em que participam grupos numerosos: lutas nas ruas, por exemplo, ou a sequência do baile. Há ainda a apontar um doseamento modelar das sequências agitadas e das sequências calmas, que se contrabalançam num encadeamento sem falhas. Tudo contribui assim para que, em certos momentos, este filme seja um prazer de excepção para os verdadeiros apreciadores. É certo que nem sempre encontramos a mesma perfeição: as cenas de amor parecem-me mais convencionais, e a segunda parte tem alguns pontos mortos. Contudo, o balanço geral é amplamente positivo.

Por fim, será importante falar das interpretações. Embora Olivia Hussey me não convença inteiramente, o nível do seu trabalho não está em causa. Como não está o de nenhum dos outros intérpretes. Zeffirelli procurou acentuar-lhes o carácter extrovertido, o temperamento á flor da pele, a exuberância que tão bem se conjuga com a exuberância da própria realidade ambiente. Mas estes grandes actores reencon-

tram facilmente a contenção e o tom justo nos momentos em que a tragédia se apura na sua dimensão mais intensa. Dicção impecável, movimentação passmosa de segurança, elegância e acerto: Zeffirelli é também um grande director de actores.

Espectáculo esplendoroso. É verdade que Zeffirelli nunca chega a cometer ousadas com um clássico: a sua versão é inteiramente respeitadora, e por isso mesmo é que nós vamos mantendo um distanciamento emotivo, irredutível. Contudo, plasticamente, trata-se de uma obra invulgar, que apresenta todas as condições para ser um grande sucesso. Não teve no entanto a estreia que seria de esperar: o público (talvez porque já conhece o fim da história...) não respondeu como devia. O que, numa altura em que se fabricam tantos êxitos com fitas de terceira ordem, é com certeza uma grande injustiça. Para ouvir o texto belo e denso de Shakespeare e para apreciar a realização habilíssima de Zeffirelli — vale a pena ir ao Império.

Em complemento: no Jornal de Actualidades Portuguesas, vimos algumas imagens sobre Nova York que nos pareceram de muito interesse.

EDUARDO PRADO COELHO

«ELAS É QUE SABEM!» NO «ABC» — ANO 13

A revista é o melhor espectáculo do mundo. Mas, para que não haja nem fiquem de que se diz a mais leve confusão, não lhe chamemos Teatro. Digamos que a revista se serve do teatro do mesmo modo que o circo se serve da ginástica sem ser exactamente ginástica. E, aí está, o circo é também dos maiores espectáculos do mundo. Mas, enfim, isto serve mais para situar o crítico do que para falar da agradável revista que o ABC estreou, no seu ano 13.

Ora «ABC» quer dizer Zé Miguel e, mais uma vez, ele demonstrou ser um empresário valente. Há 13 anos meteu os ombros a uma obra e construiu um teatro-edifício, no topo do Parque, onde parecia nem sequer se darem as casas de petiscos. Abriu, por assim dizer, com a fachada pintada por fora, mas ainda em madeira os camarins. Estreou uma revista que fez tanto sucesso como a sua perseverança.

Hoje os tempos mudaram. O ABC de há 13 anos, foi substituído por um novo teatro-edifício, mas ainda foi o Zé Miguel quem meteu os ombros e as mãos à obra. Estreou uma revista, que, também desta vez, está talhada a fazer tanto êxito como a sua perseverança.

O resto é o espectáculo. Para já e mais para aqueles que andam à procura de triunfadores, digamos que há três. O primeiro dos quais e sem sombra de dúvidas é o cenógrafo-figurinista Mário Alberto. Nunca uma revista ficou a dever tanto a uma personagem em «off». Mário Alberto tem, pelo seu lado, os melhores momentos da revista. O seu trabalho chegou mesmo — e porque não? — a esca-motear o êxito de certas rábulas. Em repetidos quadros tornou-se mais fácil — e mais agradável — «ver» do que «ouvir». Pode mesmo dizer-se que, mais do que «Elas», quem mandou foi o Mário Alberto. O resto é que ficou para os outros.

Outra triunfadora foi Ivone Silva. Notável de comunicação e de crítica. Usando processos directos. Tornando tão leve o texto que cada espectador o pôde facilmente trazer consigo sem grandes esforços de memória. Bastando mesmo só vê-la para se entender tudo o que ela dizia ou queria dizer — que é nesta descoberta que está o ganho de uma Revista.

A outra grande triunfadora foi Henriqueta Maya na interpretação e caricatura do «Quarto dos Brinquedos». É impossível ser mais ridícula do que o é a caricaturada e a jovem actriz ainda o foi lendo a «graca-nenhuma» que a outra tem. Nesta rábula não foi só o texto que mandou; foi muito mais a figura. Aqui está um quadro que puxa a gargalhada sem o dichoto pesado ou o equívoco grosseiro. É crítica pura e Henriqueta Maya fez-la pela via mais difícil que é a de limitar no traço subtil.

Ma, não só do que é mais conseguido vive a revista do ABC. Vive também do resto. Vive também dos outros.

Tony de Matos, por exemplo, não teve canções à sua altura, mas, em compensação, está muito mais actor, mesmo do que se podia pensar que chegasse a ser. Nicolau Breynier luta com um texto frágil para o seu estilo, mas, apesar disso, compõe figuras que entram pelo gosto da nossa ternura, como a do Velho da Xi-

cara e a do Zé Povinho do loica, que não acredita que a «liberdade» possa passar por debaixo da «ponte». José de Castro é ainda um personagem à procura de um autor, mas esteve quase a encontrá-lo no homem do burro. Um pouco mais de ternura posta na palavra escrita e ali estava uma rábula que se dava com a sua arte de representar — que, aliás, foi ingável. Mas, na voz trabalhada pela declamação, o peso de certas graças é uma pedrada que não acerta em ninguém.

Depois, há a fadista. Agradável de voz, sim-senhora, mas o fado de hoje ou diz mais alguma coisa do que o fadurão ou, então, tem que dizer o muito bem. E as letras da Maria da Fé, santo-deus!

Há também a Dália Cruz, constantemente a acusar o papel mal-suredo por uma precipitada substituição e, ainda por cima, a arrastar a careca de Oscar Acunso. Mas disto, podem queixar-se os autores da revista que ti-

veram aqui um desenho novo de «comparação». Não se pode queixar o público que senta que o estilo tem validade suficiente para exigir outro tipo de segurança.

Finalmente, há o corpo de baile. Gracioso. Vivo. Dinâmico. Bem trabalhado. E se, na verdade, a corista — que hoje cedeu o todo a um corpo organizado — é a alma de uma revista, as do ABC são uma alma em corpo-inteiro. Por aí, está tudo muito bem e até melhor do que era hábito no Parque. Já é progresso.

Há também — isto para falar em tudo — uma americana que, se calhar, por ser muito grande, é de mais numa Revista Portuguesa, como esta de «Elas é que sabem!».

TAVARES da SILVA

Para o novo Teatro ABC a EFACEC encarregou-se do projecto, fornecimento e execução de toda a instalação eléctrica, compreendendo, nomeadamente, os quadros eléctricos, a iluminação, a força motriz e a sinalização.



Estas são as cada vez mais famosas «Jacobísticas», que aparecem tal e qual as vemos na foto numa imagem do filme alemão «O quarteto na cama»

O DISCO VEM AÍ

Caned Heat, o único conjunto de «blues» que não engloba elementos de cor tem sido afastado de muitos cartazes norte-americanos, exactamente por preconceito racial. Mas o grupo não desiste: e, com «On the road again» atingiu os primeiros lugares no «Hit-parade» americano. A etiqueta «Liberty» revela essa composição em que se destacam as interpretações do vocalista Al Wilson e do guitarrista Larry Taylor.

* Destaque para a mais recente gravação de Jess & James: «Thank You Show Biz» deve percorrer o mesmo caminho de «Move». Na outra face deste «Single» figura «Motherless Child».

* «Não volto a fazer as pazes» e «Todos os caminhos»

COLISEU
Hoje, às 21.30
(Maiores de 12 anos)
Grande Companhia Internacional de CIRCO
SÓ ATÉ DOMINGO
Atrações mundiais
PALHAÇOS
Um tigre a cavalo!
CARNAVAL DO COLISEU
Bilhetes à venda

vão dar a ti» (de Eduardo Dantas e Manuel Paíño) atingem nova edição: a voz pertence a Manuel Fernandes e a etiqueta é a «Estúdios».

* «Tudo na vida passou» (por Maria da Fé) e «Oh meu amor marinheiro» (na interpretação de Saudade dos Santos) vão integrar um LP de fado editado para a «Trevo».

Atrás do Reposteiro

- Está prevista para muito breve a estreia da peça «Maria Stuart» pelo Teatro Experimental de Cascais.
- No Monumental continua a preparação da revista «Rite, rite».
- A Companhia de Teatro Alegre estreia dentro de dias no Porto a peça «O Mundo-Gato».
- O encenador Rosa Mateus prepara activamente a peça infantil «História de uma princesinha».

Recintos de diversões

- Após alguns dias de ausência, já se encontra a actuar na «Lisboa à noite» a cantadeira Fernanda Maria.
- Encontra-se doente a cantadeira Odete Mendes.
- Está a actuar no «Timpas» a cantadeira Tina Santos.

RIA COM GOSTO AO VER A FARSA NO

teatro MONUMENTAL

TEL. 555133 (ADULTOS)
2 SESSÕES
20.45 e 23 h.
UM ESPECTÁCULO de VASCO MORGADO



com desempenho notável de CAMILO D'OLIVEIRA FLORBELA QUEIRÓS
nos protagonistas
CARLOS COELHO
CARMEN MENDES
YOLA e LINDA
ALDA e CARLA
encenação de
SANTOS CARVALHO
Domingo, à tarde, às 16 h.
e à noite às 21.45 h.
Sábado, às 16 h. e Domingo, às 18.45 h. A FANTASIA MUSICAL «A PIMPINELA» (M. 4 anos)

VASCO MORGADO apresenta

AR CONDEIGNADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

EM 2.º MÊS

DE GRANDE EXITO

LOTAÇÕES ESGOTADAS

EM 2 SESSÕES: às 21 e às 23 h.
com RAUL SOLNADO
(O HOMEM DA PREGUIÇA)



UMA COMÉDIA ALEGRE
«A PREGUIÇA»

AS 2.ªS-FEIRAS NÃO HÁ ESPECTÁCULO

Dia 10, às 21 e às 23 h. — Dias 11 e 12, às 18.30 h.

«A NOVISSIMA MÚSICA DO BRASIL»

com EDU LOBO e os MUTANTES
BILHETES A VENDA — MAIORES DE 12 ANOS

Gabriel Pais regressou do Brasil e actua hoje (sòzinho) em Cascais

Regressou recentemente do Brasil o actor Gabriel Pais. Lembra-se dele?

Estreou-se em 1945 no Teatro Nacional, na peça «Fúrias», dos irmãos Quintero. Trabalhou cerca de dez anos no D. Maria, de onde saiu para interpretar o protagonista do filme «O Dinheiro dos Pobres». Passou depois para a revista.

Desde 1958 que se encontra a actuar no Brasil. Concomitante, declamador e actor, Gabriel Pais transformou-se no «homem espectáculo», actuando sózinho. Assim fez, por exemplo, numa digressão pelo norte do Brasil durante dois anos e meio, sem ir ao ato de Janeiro.

Com o seu espectáculo «Afirmativamente», — em que

actua só, num compromisso entre poesia, teatro e «músic-hall» — apresenta-se no hoje no Teatro Experimental de Cascais.

Depois de Cascais actuará em Lisboa e no Porto, seguindo para uma digressão pelas novas províncias ultramarinas.

Gabriel Pais, de quem muitos leitores certamente se lembrarão, como actor, é agora a «homem-show», o «homem espectáculo».

A sua esperança de êxito nas plateias portuguesas fundamenta-se na série de êxitos obtidos no Brasil, de que traz vasta prova em dois volumosos álbuns de recortes.

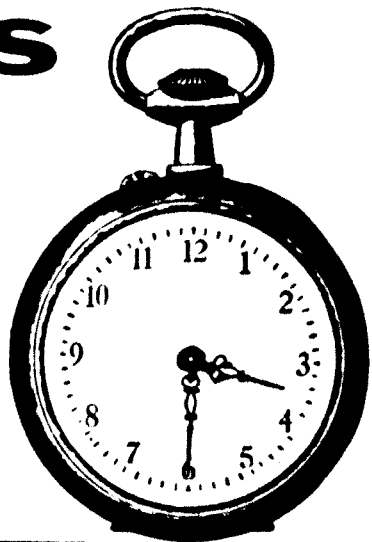
«Afirmativamente», A, pois, o renascer de um artista português para as plateias portuguesas.



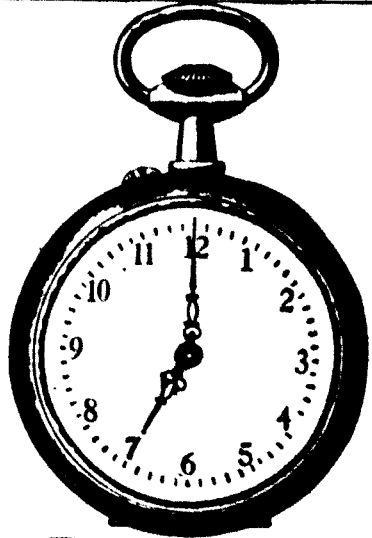
GABRIEL PAIS

a VIASA voa sem escalas para CARACAS

LISBOA
SAÍDA
15.30H



CARACAS
CHEGADA
19H LOCAIS



SÁBADOS e QUARTAS

Agora Você pode **Viasa**, saindo de Lisboa às 15.30 horas nos jatos DC-8 da Viasa e chegando a Caracas às 19 horas locais — hora ideal para ser recebido pelos seus familiares. Se a sua viagem não termina em Caracas, o mesmo avião leva-o a BOGOTÁ e LIMA ou CURAÇAO e PANAMA.

Consulte o seu Agente de viagens ou a KLM, Agente Geral — Viasa—Praça Marquês de Pombal, tel. 53 09 69 - 56 22 40 - 56 17 42.



NA VIASA O TEMPO PASSA VOANDO
VENEZOLANA INTERNACIONAL DE AVIACION, S. A.

ora diga-nos...

— Contra que doenças está vacinado?

A gripe de Hong-Kong trouxe para a mó de cima as vacinas. Vai daí fomos perguntar, quisemos saber quais as vacinações recebidas pelos leitores, encontrados, nesta ronda diária.



profissão, o sr. Manuel Guerreiro Raimundo, que veio há pouco do Ultramar, onde prestou serviço militar, disse-nos:

— Estou vacinado contra a varíola e contra o tétano. São essas as minhas únicas vacinas.



Por fim, ouvimos o sr. António Pedro dos Santos, empregado de es-



critório. Tem as mesmas vacinas:

— Estou vacinado contra a varíola e o tétano. E fiz, também, aquela reacção contra a tuberculina... Agora quero ver se, meus filhos, minha mulher e eu nos vacinamos contra esta gripe de Hong-Kong. Até agora ainda não consegui, mas espero e desejo que isso venha a acontecer.

- — Contra a varíola e o tétano — respondeu o sr. João de Almeida Cardoso, motorista de profissão. E acrescentou: — Actualmente são estas as doenças contra que estou prevenido. Mas também lá fui vacinado contra a febre amarela.
- Outro motorista de

ESTREIA-SE ESTA NOITE NO POLITEAMA O FILME DE HENRIQUE CAMPOS «O LADRÃO DE QUEM SE FALA»

Dinâmico e empreendedor, Henrique Campos não se furtou a esbanjar energias na sua luta em prol da valorização do cinema nacional. Ele aí está com mais um filme — «O Ladrão de Quem se fala», que esta noite se estreia no Politeama. Para o realizador tratase de uma nova experiência: a penetração, pela primeira vez, nos domínios da farsa destemida, de grande simplicidade narrativa e boa clareza de expressão.

Trata-se, portanto, de um filme de Carnaval — um autêntico escândalo de gargalhada. A lógica não existe, o espalhato e a incongruência são as dominantes

principais e tudo, nesta película, foi especialmente concebido com o fim exclusivo de fazer rir perdidamente. Não há verosimilhança, nem isso interessa, quando houve a preocupação de criar um clima de disparates e desconchavos, num ritmo tão imprevisível que impede de avaliar a intensidade hilarante que irradia do movimento das personagens.

De assinalar a interpretação de Camilo de Oliveira (que incarna duas personagens). No desempenho participam ainda Fernando Borsatti, Luís Cerqueira, Linda Silva, Aina Vaz, Luís Horta, Ruy Furtado, Luís Tito e o estreante Carvalhinho.

Concurso de marionetas na Casa da Comédia

No sábado, às 18 horas, estará presente no palco das Janelas Verdes, um grupo concorrente ao I Concurso Nacional de Marionetas, com a história da tradição popular «O Velho, o Rapaz e o Burro».

Esta divertida história, dirigida pela professora D. Maria Natália de Sá é manipulada pela directora do grupo com a ajuda de nove alunos da segunda classe da Escola Primária do Bairro Padre Cruz.

Na oportunidade de oferecer ao seu público uma primeira realização de real mérito, o actor Francisco Esteves fará uma reposição dos seus diálogos do «Zé Nabo e Zé Quitola» e «As Duas Colheres de Pau».

No infeto da sessão serão, como habitualmente, prestados esclarecimentos sobre diversos aspectos da criação e manipulação de marionetas. Espectáculo para maiores de 4 anos, subsidiado pelo Fundo de Teatro.

CRISE NA INDÚSTRIA DO DISCO?

A última edição do «Cash-Box», referente a 1968, publica a lista dos cem discos mais vendidos nos U. S. A. no ano passado. Entre os dez primeiros, figuram sete de etiquetas representadas em Portugal pela Rádio Triunfo:

- «Young girl» (Union Gap—CBS).
- «The Dock of the Bay» (Otis Redding—Atlantic).
- «Mrs. Robinson» (Simon and Garfunkel—CBS).
- «Honey» (Bobby Goldsboro—United Artists).
- «People got to be free» (Rascals—Atlantic).
- «This Guy's in love with you» (Herb Alpert—A & M).
- «Tighten Up» (Archie Bell and Drells—Atlantic).

Como curiosidade extra salienta-se que a Rádio Triunfo editou e lançou, no decorrer de 1968, quatrocentos e cinquenta e seis discos. Um «caso» que desmentia a apregoada crise de músicos, intérpretes e compositores. Ou talvez ajude a compreender a florescência de uma indústria onde os «comandantes» não desistem...

O ILUSIONISTA CONDE DE AGUILAR VAI À ARGENTINA REPRESENTAR PORTUGAL

O conhecido Ilusionista Conde de Aguilar representará o nosso País na 1.ª Semana Internacional de Ilusionismo, que decorrerá no Teatro Vitoria, em Saia (Argentina), de 14 a 20 de Abril próximo. O artista português acaba de aceitar o convite



CONDE DE AGUILAR

que para esse fim lhe foi dirigido pelo Internacional Club Lions e por El Circulo Magico Argentino. Participarão os ilusionistas de maior fama na Europa e na América.

A receita dos espectáculos destina-se a fins beneficentes, pelo que os artistas nada cobram pelo seu trabalho. O convite ao Conde de Aguilar para tomar parte em tão importante reunião mágica constitui uma honrosa e justa distinção, a juntar a muitas outras conquistadas ao longo de uma carreira de brilhantes êxitos.

O famoso artista português é considerado uma das maiores figuras mundiais da arte de ilusão.

«Os sonetos de Camões e o soneto quinhentista peninsular» de Jorge de Sena

Jorge de Sena, ora entre nós após anos e anos de ausência, é um caso raro entre os artistas. Poeta grande nem por isso deixa de raciocinar sobre a sua emoção poética e de analisar esmiuçadamente a arte poética.

Há quem oponha a razão à emoção poética e considere até uma incompatível com a outra. Esse mestre extraordinário do racionalismo que se chamou António Sérgio por mais de uma vez tratou do tema nos «Ensaíes» e com a luminosidade característica dos seus escritos.

Jorge de Sena, poeta, ensaísta e crítico, com uma formação científica marcada,

apresentara-nos há tempos uma análise funda, famosa a escrever anatómica, de «Uma Canção de Camões». Agora apresenta-nos «Os Sonetos de Camões e o soneto quinhentista peninsular» a que a Portuguesa Editora deu apresentação conveniente, aliciante mesmo.

A erudição não faz mal às musas. E o volume de Jorge



JORGE SENA

Jantar de homenagem às Agências de Viagens de Lisboa

Realizou-se no Hotel Ritz um jantar de homenagem às Agências de Viagens de Lisboa, oferecido pela Ibéria — Linhas Aéreas de Espanha.

Para esse fim deslocaram-se ao nosso País o sr. D. José Luís de Ceballos, director da Ibéria para a Península Ibérica, acompanhado dos srs. Enrique Miguelañez, Vítor Mendoza e Casimiro Madera, altos funcionários daquela companhia. Na mesa da presidência encontravam-se ainda o sr. António Besada (director da Ibéria para Portugal), o dr. Carlos Correia Matias, o sr. Jaime Garcia de Enterría (director do Turismo Espanhol em Portugal), o dr. Ruy Leitão, administrador da STAR, e o sr. Albino André, do Grémio Nacional das Agências de Viagens.

Estiveram presentes, na sua quase totalidade, os directores das Agências de Viagens de Lisboa.

O sr. José Luís de Ceballos referiu-se à boa colaboração existente entre a Ibéria e a TAP, e aproveitou a ocasião para agradecer ao actual presidente da TAP, eng.º Eduardo Mendes Barbosa, a cooperação existente entre as duas companhias.

Falou, também, o sr. dr. Ruy Leitão.

de Sena sobre o soneto camoniano tem um recheio de cultura, conhecimentos tão vastos, desde a bibliografia à evolução das formas literárias, que enriquece sobremodo os seus ensaios.

Desde há tempo ele tomara assento entre os devotos analistas de Camões e ainda bem que a bibliografia camoniana se enriquece com estudos como os de Jorge de Sena, mais avultando o génio lírico ou épico à medida que o estudam com conhecimentos, com amor. E ainda bem que Jorge de Sena promete continuar já que «o presente volume é uma Primeira Parte do estudo dos sonetos atribuídos a Camões de 1595 a 1663, e trata deles exclusivamente do ponto de vista da análise de forma externa, e do da revisão necessária dos conhecimentos eruditos acerca deles, e também, quanto à forma externa, de enquadrá-los numa evolução da forma do soneto peninsular através dos poetas portugueses e espanhóis mais significativos».

Ainda bem que um artista e erudito como Jorge de Sena estuda Camões.

Vêm ao Algarve jornalistas, cineastas e locutores da BBC

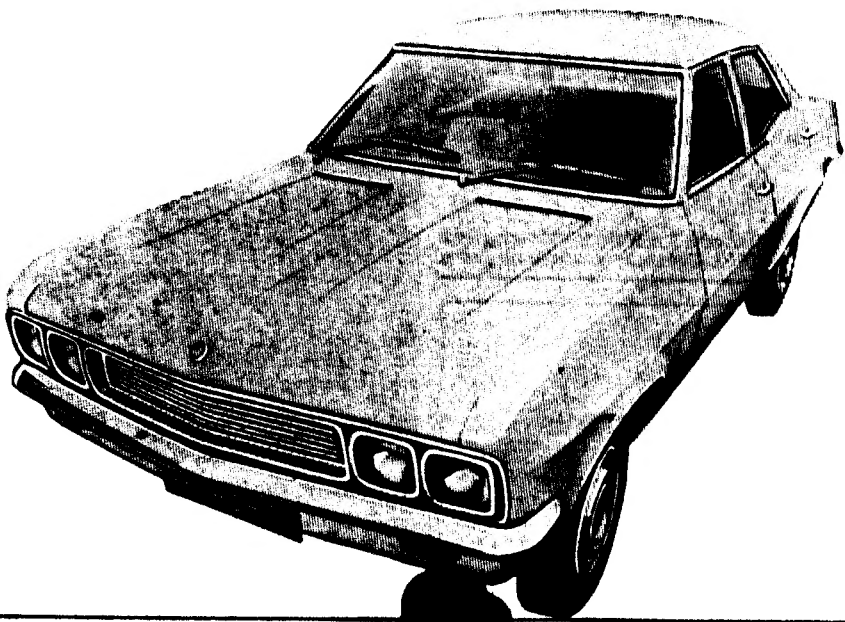
ALTE (Algarve), 6 — Em voo inaugural da B. E. A., no dia 15, com o patrocínio da Direcção-Geral de Turismo, em colaboração com a Casa de Portugal em Londres, é esperado em Faro um grupo de jornalistas, cineastas e locutores da B. B. C. para uma visita ao Algarve, principalmente ao concelho de Loulé.

Os visitantes ficarão instalados no Hotel D. Filipe e visitarão as principais unidades hoteleiras da província.

Está a ser preparada uma recepção nesta típica aldeia de Alte, que incluirá a exibição do seu grupo folclórico e visita aos locais mais aprazíveis.



Os minis e as minis estão na moda — e nos mais diversos sectores. Assim este é — dizem — o mais pequeno guarda-chuva de bolso até agora fabricado, e que teve assinalado êxito nas Feiras Internacionais de Paris e Bruxelas. Automático, e criado em Aachen, na Alemanha Federal, baptizaram-no com o nome de «Super-Mini-Kobold» e, dobrado, tem apenas 22 centímetros de comprimento, bastando premir um botão para o transformar num guarda-chuva normal.



Victor um senhor automóvel!

VAUXHALL

Características:

	Mod 2000	Mod 1600	Ventura
Cilindros	4	4	6
Diâmetro	86,25 mm	85,7 mm	82,1 mm
Curso	88,5 mm	88,5 mm	82,5 mm
Cilindrada	1975 c.c.	1598 c.c.	3299 c.c.
Potência	104 HP às 5500 rpm	83 HP às 5000 rpm	140,2 HP às 4800 rpm

OU POR OUTRA, UM AUTOMÓVEL QUE É UM SENHOR: as linhas, duma importância que respiram confiança, dão-lhe o grande ar dos verdadeiros carros de luxo; o motor, duma técnica que, respira segurança, dá-lhe o bom andar dos verdadeiros carros de grande turismo; o interior, dum bom gosto que respira conforto, dá-lhe o bem-estar dum verdadeiro lar na estrada.

Um produto Vauxhall Motors, montado em Portugal, com assistência técnica em todo o país.



MARK OF EXCELLENCE

Excursões - F.N.A.T.

MADRID — 15 a 18 de Fevereiro, com visitas a CAJERES, TRUJILLO, BADAJOZ, ESCORIAL, VALE DOS CAIDOS e um dia livre em Madrid. Hotel de 1.º no centro da cidade.

SINTRA — Domingo, 9 de Fevereiro, com visitas ao Palácio de Queluz, Azenhas do Mar, Boca do Inferno e Estoril.

MAFRA — Domingo, 16 de Fevereiro, com visita ao Convento de Mafra, Ericeira e Cascais.

SINES — Terça-feira de Carnaval, dia 18 de Fevereiro, para assistir ao famoso corso de Sines e visitas a Alcácer do Sal e Setúbal.

COLINAS SALOIAS — Domingo, 23 de Fevereiro, com visitas a Tojalinho (magnífico panorama), Loures, Bucelas, Caneças, Sintra e Cascais.

Disponos ainda de bons lugares para estas excursões. Os associados da F.N.A.T. e seus familiares, bem como os dos Sindicatos Nacionais, C.A.T. e C.R.P., Caixas de Previdência, Casas do Povo e Casas dos Pescadores, poderão fazer as suas reservas na 2.ª Secção — Calçada de Santana, 180. Informações pelo telefone 53 88 71.

NAS ASAS DA IBÉRIA (LINHAS AÉREAS DE ESPANHA)

UMA PORTUGUESA EM SARAGOÇA NA ELEIÇÃO DA «MAJA INTERNACIONAL»

**Ao título de «Maja de Portugal-1969»
podem habilitar-se todas as raparigas
portuguesas, solteiras, com mais de 18
anos de idade**

Continuam a receber-se, no nosso jornal, cupões-inscrição para o título de «Maja de Portugal-1969», certame organizado com o patrocínio da Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha) e a colaboração do «Diário de Lisboa».

Nas candidaturas que já nos chegaram as mãos, e vão ser apreciadas por um júri prévio, figuram bonitas raparigas, que (nota-se na gravura anexa aos talões de inscrição) são bastante fotogénicas, têm graciosidade e irradiam simpatia. Esse somatório de qualidades vai tornar extremamente difícil a tarefa do júri, o que constitui um agradável sinal de êxito deste nosso concurso. Continuamos, até final do mês corrente, a publicar os respectivos cupões de inscrição. Depois de devidamente preenchidos e de, em anexo, trazerem as fotos solicitadas, ficará no ar a hipótese de consagração de uma bela mulher. Um sonho que é acessível a todas as portuguesas, solteiras, com mais de 18 anos de idade e fotogénicas a credenciar uma figura esbelta e atraente.

A representante portuguesa concorrerá, em Saragoça, ao título de «Maja Internacional-1969», concurso organizado pela Associação Goya Internacional. (Na pág. 19, o cupão de inscrição).

AS ÚLTIMAS CONCORRENTES

Apenas a título de curiosidade, lembramos pequenas notas biográficas das «Majas» concorrentes ao título internacional de 1968.

Alemanha

Heldi Horn-Kauertz, eleita em Frankfurt. Nasceu em Hamburgo em Novembro de 1914. Secretária. Fala também

inglês. Cabelo castanho e olhos verdes. Altura: 1,80 m. Peso: 60 quilos. Apaixonada pelos desportos e pela música (em especial «pop»). O homem que considerou mais importante em 1968 foi o dr. Barnard.

Argentina

Lidia Esperanza Navarro, eleita em Buenos Aires. Nasceu a 17 de Julho de 1942 em Córdoba (Argentina). Modelo e esteno-dactilógrafa. Sonha ser actriz. Cabelo castanho-escuro e olhos castanhos. Pesa 56 quilos e mede 1,67 m de



Jeanette Christiansen (da Dinamarca) que venceu o concurso internacional em 1966

altura 1,68 m. Gosta de música e vai muito ao cinema. Autor preferido, o poeta Garcia Lorca. O Papa Paulo VI foi, a seu ver, a figura humana mais destacada do ano.

Bélgica

Eleita em Waterloo, Claudine Swaelz nasceu a 8 de Julho de 1946, em Uccle. Modelo de publicidade. Conhece a língua inglesa. Loura, tem olhos azuis. Gosta de desporto e de leitura, pesa 52 quilos, admira o ex-presidente Johnson e mede 172 centímetros de altura.

DEZOITO PAÍSES REPRESENTADOS

Neste quarto concurso para eleição da «Maja Internacional» participam representantes da Alemanha, Argentina, Bélgica, Chile, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos da América do Norte, França, Grã-Bretanha, Holanda, Irlanda, Itália, Marrocos, Noruega, Portugal, Suécia, Suíça e Uruguai.

O espectáculo final efectuar-se-á em Saragoça, no deslumbrante Palácio de La Lonja, e o júri é constituído por personalidades de relevo internacional.

Criada uma secção hospitalar na corporação de assistência

A recente publicação do Estatuto Hospitalar e do Regulamento-Geral dos Hospitais veio dar maior acuidade aos problemas ligados à actividade hospitalar. Assim, o Conselho da Corporação da Assistência, em sua sessão de 25 de Julho de 1968, sugeriu a constituição de uma secção hospitalar em conformidade com o respectivo regimento, a fim de se ocupar das questões respeitantes à gestão dos estabelecimentos hospitalares das instituições de assistência particular e resultantes da aplicação do Estatuto Hospitalar e do Regulamento-Geral dos Hospitais.

Depois de consultados os vice-presidentes e os vogais da direcção, o presidente da Corporação da Assistência, dr. António Lino Netto, designou os seguintes membros do conselho para constituírem a respectiva secção:

Egas da Silva Saigueliro, José de Paiva Morão, dr. Fernando de Albergaria Pinheiro, Manuel Estanislau Vieira de Barahona, dr. Joaquim da Rocha Peixoto de Magalhães, eng.º Albano Rodrigues Sarmiento, Francisco de Paula Ferreira, eng.º Abel José Maria Osório de Almeida, general Fernando dos Santos Costa e rev. dr. Agostinho Gonçalves Gomes.

Ainda em conformidade com o regimento, o dr. Lino Netto convidou para tomarem parte nas sessões, com voto meramente consultivo, os srs. dr. Domingos Braga da Cruz, director clínico do Hospital de Santo António, do Porto; a irmã Cecília Maio, chefe da secção hospitalar da Federação Nacional dos Institutos Religiosos Femininos; e a madre Maria S. João de Brito, administradora do Hospital de Sant'Ana da Parede.

Concluídas as obras do Sanatório Hélio-Marítimo na Figueira da Foz que serve o Centro do País

FIGUEIRA DA FOZ, 6 — Depois de alguns anos em construção, estão concluídas as importantes obras do Sanatório Hélio-Marítimo, importante conjunto hospitalar, construído por iniciativa da Junta Distrital presidida pelo sr. prof. dr. Bissau Barreto, e edificado ao sul do concelho, na Gaia, local um pouco além do rio Mondego. O referido conjunto hospitalar engloba, além do edifício central, com uma área de 1830 metros quadrados, mais quatro pavilhões, todos destinados a Traumatologia, Ortopedia e Recuperação, cujas instalações constituem o melhor que existe no País.

e tem condições para exercer uma notável acção nos distritos de Coimbra, Leiria, Castelo Branco, Viseu e Aveiro. Estas amplas e valiosas instalações, que se devem, como se diz, à Junta Distrital de Coimbra, tiveram a cooperação do Ministério das Obras Públicas e vão ser devidamente equipadas, trabalhos, que, segundo nos informaram, já estão em curso. A sua localização é numa das melhores zonas de pujante vegetação e que recebe as brisas aromatizadas pelas essências florestais, tão importantes para os doentes, que das regiões já indicadas e principalmente da Beira Litoral, ou, ainda, de qualquer outro ponto do País.

O nome de Fialho de Almeida para uma rua de Cascais

A Câmara Municipal de Cascais decidiu dar o nome do escritor Fialho de Almeida ao arruamento, no Bairro da Pampilheira, que, saindo da Rua do Cobre, junto ao lavadouro, termina no cruzamento formado pelas ruas Ramalho Ortigão e Dr. João de Barros.

Museu Municipal
O movimento no Museu Municipal «Dr. Santos Rocha», do decurso do ano findo, foi o seguinte: visitas, tendo em conta, apenas, os que registaram o seu nome, no livro respectivo, 2961 (homens, 1677 e senhoras, 1274), salientando-se muitos estrangeiros; e 830 alunos, do ensino médio e primário, em visitas de estudo guiadas; ofertas, constituídas por obras de arte (óleos e gravuras); depósitos, 2; cerâmica, vidros, moedas e medalhas diversas, 977; aquisições, 43, salientando-se o auxílio, neste sector, do Grupo dos Amigos do Museu.

AOS COSTUMES DISSE NADA

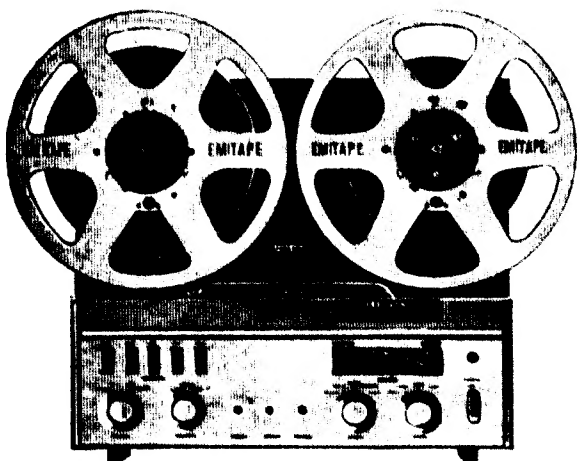
...A partir de ontem as infracções saem mais caras

A crónica de ontem do Tribunal de Polícia nada pôde referir em particular, nos aspectos insólito e humano. O sr. Monteiro, condutor do taxi estacionado fora da praça; o sr. Lobato, que levava 5 pessoas no banco traseiro do seu carro particular; o sr. Felisberto, que aumentou a barraquilha, na Quinta da Laje, sem licença; o sr. Figueiredo, acusado de pisar o risco; o sr. Ri-

ta, que virou sem fazer sinais e, afinal, a lâmpada tinha-se fundido; o sr. Morato, que estacionou no Cais do Sodré durante 5 horas, etc., etc. Alguns absolvidos, outros punidos. Nada de novo. O trivial. A única novidade consistiu nas penalidades em que incórem quantos transferem para o Tribunal de Polícia a solução dos seus problemas de trânsito.

A partir de ontem, à multa pela infracção cometida (seja relativa ao trânsito ou a qualquer outra matéria) e ao imposto de justiça, acrescenta-se a obrigatoriedade de pagamento de uma importância que reverte para a Procuradoria do Serviço Social do Ministério da Justiça. Esta importância varia, consoante os casos, de 50 a 300 escudos.

**Novo! O SENSACIONAL
REVOX A 77**
PARA ESTUDIOS E CADEIAS DE ALTA FIDELIDADE



CONHECE ALGUM GRAVADOR
QUE REÚNA TODAS ESTAS
CARACTERÍSTICAS PROFISSIONAIS?

- Resposta: 30 a 20.000 ciclos a 7 1/2; distorção a pontas máximas: 2 1/2% ruído de fundo: -54 db (normas de estúdio)
- Utilização de bobinas tipo profissional NAB de 28,5 cm de diâmetro
- 2 motores — tracção directa ao eixo
- Bloco de alimentação estabilizado eletronicamente
- Igualização NAB e IEC
- 2 velocidades comutadas eletronicamente
- Funções mecânicas comandadas por relés
- Motor de tracção com servo-regulação eletrónica de velocidades
- Circuitos de tipo «plug-in»
- 2 volímetros incorporados para regulação dos níveis de entrada e saída
- Célula foto-elétrica para paragem no fim de fita
- Mecânica telecomandável
- Possibilidades de tracção (eco, multiplay, duoplay, etc.)
- Cabeça de reprodução independente
- Saída para auscultadores estéreo
- TOTALMENTE TRANSISTORIZADA

Peça uma demonstração aos
PROFISSIONAIS DO SOM

VALENTIM DE CARVALHO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S.A.R.L.
RUA NOVA DO ALMADA, 95, 97-LISBOA

No Norte: VADECA — R. DE ST. ANTONIO, 210 — PORTO

SOLUÇÕES PARA PROBLEMAS**IMPORTANTES DO TRÁNSITO CIDADINO****APROVADAS PELO MUNICÍPIO DE COIMBRA**

COIMBRA, 6 — Na reunião da Câmara Municipal, presidida pelo sr. eng.º Araújo Vieira, o vereador e presidente da Comissão Municipal de Trânsito, sr. eng.º Azevedo Sobral, tratou de diversos aspectos do trânsito cittadino, lamentando, ao mesmo tempo, não ter podido obter certos esclarecimentos sobre problemas rodoviários, dos quais de-sejava tratar. Todavia, pôde, ainda, inteirar-se de algumas anomalias, e apresentou propostas que mereceram a aprovação unânime da vereação.

As principais dessas propostas são: abrir concurso para o alargamento do parque de estacionamento diante do Pavilhão de Turismo, cujo projecto está já aprovado há tempo; que seja eliminado o parque semelhante junto do referido pavilhão, passando, devidamente sinalizado, para o outro lado da rua, obtendo-se, assim, um melhor escoamento para a Rua Ferreira Borges; que sejam demarcados e sinalizados, imediatamente, os parques de automóveis de aluguer sem distintivo, acabando, definitivamente, com perturbações e reclamações originadas pelo estacionamento nos locais dos automóveis com distintivo, sugerindo que, em frente daquele pavilhão, se poderia demarcar uma área para aqueles veículos; como já foi estabelecida a postura que regulamenta o trânsito pela Rua Nicolau Rui Fernandes, propõe que, a título experimental, se coloque a placa de estacionamento proibido, no sentido descendente, que, aliás, já lá esteve, aguardando-se o tempo necessário para verificação da hipótese de ser suficiente para um melhor escoamento do trânsito; e, finalmente, que tendo sido encerrada a sugestão relacionada com a possível transferência das praças de táxi na Praça 3 de Maio e junto ao mercado, para o local em frente ao Jardim da Manga, foi considerada não viável, embora o referido parque venha a ser objecto de um futuro estudo, quanto ao estacionamento condicionado.

Foi ainda aprovado, e por unanimidade, o projecto da passagem superior da Arraça, o qual vai ser submetido à aprovação superior, para efeitos de declaração de utilidade pública urgente, bem como de comparticipação.

Foi também deliberado adquirir um terreno em Tavira, destinado à construção de um bairro, de escolas primárias e de um campo de futebol; e o vereador do Pe-

DOIS JOVENS AGREDIDOS À FACADA

EVORA, 6 — Dois jovens evorenses foram vítimas, na 1.ª facada. Ambos receberam tratamento no Hospital da Santa Casa da Misericórdia desta cidade, onde um deles ficou internado.

O agressor, que é pessoa conflituosa e reincidente é o sr. Félix do Mundo Couto Candetas, residente na Rua dos Peneireiros, nesta cidade, e fugiu após a agressão.

As vítimas são Artur José Marção Tirapicos, de 15 anos, natural desta cidade e aqui residente na Rua João de Deus, 10, 2.ª, esq.; e João Francisco Belo Old, também de 15 anos, e natural desta cidade, onde reside na Rua das Fontes, 9, 1.ª. O Artur recebeu a casa depois de ter sido tratado no hospital, mas o João Francisco ficou ali internado, em estado grave, ferido no abdómen.

Comunicado das Forças Armadas na Guiné

BISSAU, 6 — (A. N. I.) — Foi distribuído o boletim informativo das Forças Armadas da Guiné relativo ao período de 27 de Janeiro a 2 de Fevereiro:

«Durante o período, o inimigo flagelou as povoações de Luase, Tite e Fiaque In-dequete, os aquarteamentos de Empada, Cameconde, Goleje e Rinar, e implantou en-

genhos explosivos a norte de Piosse (Jolmete), na região de Embande (Bissorá), na região de Bucuré, em Dari Prine e Buruntuma, na estrada Buba-Sinchan-Cherno, na região de Bendugo-Cacine, na região de Cheche e, ainda, na estrada Kiole-Mansambo. Armou emboscadas a uma viatura civil na estrada Ingore-S. Vicente, e às nossas forças na região de Capafa-

gei, em Jolmete e Sansanto (Mansoa).

«Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu na região de Sansanto (Mansoa) seis mortos e a apreensão de armamento e munições na região do Cheche um morto e a apreensão de munições, na região de Posse (Jolmete) um capturado.

«Nas vias fluviais foram

desarticulados meios de transpo-

sição. «No conjunto destas acções foram recuperados quatro elementos da população.

«Durante o período, o inimigo sofreu sete mortos e um capturado. As nossas forças sofreram dois mortos em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados aos órgãos de informação.»

ACORDE-O!



O dinheiro quando está parado não rende.
Multiplique o seu dinheiro e faça-o trabalhar para si com o nosso auxílio.



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

UMA CARTA DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DA FACULDADE DE FARMÁCIA DO PORTO E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A PROPÓSITO

Da Associação de Estudantes da Faculdade de Farmácia do Porto, recebemos uma carta, referente aos problemas que ultimamente têm agitado o meio farmacêutico e dos processos utilizados na sua discussão. Eis o seu teor:

«Temos acompanhado com interesse (e sobretudo com profundo pesar) a demonstração pública de irresponsabilidade que tem constituído o debate sobre o último decreto relativo ao exercício da profissão farmacêutica.

V. não ignora certamente que interesses se manobram nos bastidores de toda esta campanha.

No entanto é, para nós, fora de dúvida inedito em países evoluídos problemas de natureza profissional e deontológica extremamente delicados, serem discutidos na imprensa diária por pessoas não qualificadas quando os mesmos dizem respeito a elementos com formação universitária.

V. não poderá também deixar de ter estranhado (como nós próprios) que o referido decreto tenha sido sempre e apenas discutido do ponto de vista de grupos profissionais restritos, de interesses pessoais, de vezes mesmo pessoais.

«Somos aprendizes ou mesmo já membros de uma profissão que como nenhuma outra se orgulha de longuíssimas tradições liberais e por isso mesmo professamos um profundo respeito pelas opiniões alheias, pelas opções legítimas. Somos, além disso, alunos de uma Faculdade que se singulariza, na Universidade portuguesa, exactamente pelas particulares relações de cordialidade e de respeito mútuo entre todos os seus membros e como tal abertos ao diálogo, o livre confronto de opiniões. Só pensamos que esse diálogo se tem que fazer com um mínimo de elevação, elevação essa que não se poderá atingir quando se pretende apenas falar com a plateia sobretudo quando essa plateia, como é o caso, é constituída por leigos, isto é, por pessoas a quem falta para a total compreensão dos problemas em causa uma formação profissional e deontológica que só uma longa preparação universitária especializada pode fornecer.

«Temos notado que alguns dos intervenientes no debate se intitulam farmacêuticos. Parece-nos que nessa condição podiam e deviam pronunciar-se nas colunas das revistas profissionais que estão amplamente abertas a todos os que o desejem e o possam fazer nas necessárias condições de isenção.

«Ignoramos os motivos porque o não fazem. Queremos acreditar que não seja por pura e simples desonestidade de propósitos. Sentem talvez necessidade de uma audiência mais aberta, mais viva, mais receptiva?

«Pois bem. É isso mesmo que vimos oferecer-lhes por intermédio do vosso conceituado jornal. Dispõe a Associação dos Estudantes da Faculdade de Farmácia do Porto excelentes instalações que utiliza frequentemente para esse género de debates, diálogos, colóquios. A casa é nossa mas é também em certa medida de todos os farmacêuticos. Aqui terão um público numeroso, vivo, aberto ao diálogo como nenhum outro profundamente interessado e que pela sua formação poderá perfeitamente aperceber-se de todos os aspectos do problema, mesmo daqueles que involuntária ou deliberadamente se têm omitido o que naturalmente escapam aos leigos.

«Encontrarão aqui quem discorde mas também certamente quem os apoie. Não afimamos todos pelo mesmo diapasão e ainda bem. Julgamos pois que só perante um público destes os assuntos profissionais poderão ser validamente discutidos.

«Se esses senhores farmacêuticos descrejam sinceramente o decreto n.º 48.517 venham discutir-no conosco e com os profissionais interessados que não deixaram de comparecer. Do confronto de opiniões fundamentadas alguma coisa se apurará. E, se for caso disso, então em comum, iniciaremos as diligências para remediar o que não esteja certo.

«Mas venham. A porta está aberta para todos. Venham tranquilamente porque em matéria de tolerância e mais geralmente de respeito pela dignidade e pelas liberdades humanas os farmacêuticos ou os discípulos não recebem lições de ninguém. Se é o interesse do público que os move (o único que deve contar) venham. Como farmacêuticos devem saber que temos atrás de nós alguns séculos de luta pela independência moral da profissão e sempre nessa luta os nossos interesses profissionais coincidem com o interesse das populações que servimos.



DR. PARVIZ A. PARVIZ

Novo director-geral da Firestone Portuguesa

O dr. Parviz A. Parviz acaba de ser nomeado administrador e director-geral da Firestone Portuguesa.

Licenciado em Economia e Ciências Políticas, pela Universidade de Ohio (U. S. A.), o dr. Parviz entrou para a Seiberling em 1960 tendo desempenhado, nesta Companhia, diversas funções no sector de vendas, até ser nomeado director-geral da Divisão Internacional, com sede em Roma, lugar que abandonou quando da sua nomeação para Portugal.

A Seiberling é, desde 1964, uma das associadas da Firestone, com actividade na América e Europa, no sector da produção e venda de pneus e câmaras-de-ar.

O dr. Parviz, que também frequentou, na Universidade de Columbia (U. S. A.), o curso especializado para Gerentes Internacionais, é administrador da Firestone Europa S. A., com sede em Roma, na sua qualidade de director-geral da Firestone Portuguesa.

«Não será hoje, quando essa luta ainda não terminou, que os vamos trair. E exactamente por eles que os batemos. Para além da desonestidade de uma profunda, crassa, inadmissível ignorância pode explicar determinadas atitudes contra a profissão, tomadas de vezes mesmo por aqueles que dela usam o título ou o diploma.

«Posto isto, aqui damos a nossa voluntária contribuição e esta hora de diálogo que vai soando na Nação Portuguesa. Discutindo entre os qualificados e elucidando os leigos por meio do vosso, muito conceituado jornal que bem tem pugnado pelo esclarecimento de alguns problemas nacionais, esperamos dar um passo verdadeiramente positivo nos graves problemas que afectam a actividade farmacêutica.

«Se finalmente concluímos que é desnecessária a presença de farmacêuticos na sua Farmácia, sentir-nos-emos ludibriados e então solicitaremos o encerramento imediato das três Faculdades de Farmácia em Portugal.

«Pedindo a integral publicação desta carta, enviamos as nossas mais cordiais saudações a João Carlos Lombo da Silva Cordeiro (Presidente).

«Não pode deixar de suscitar encômios e convites rápidos que a Associação de Estudantes da Faculdade de Farmácia do Porto vem, por nome intermédio, endereçar a todos os farmacêuticos do País, no sentido de que se sirvam das suas instalações para nelas debaterem os momentosos problemas que os afligem, e a toda a classe.

«O «Diário de Lisboa», aliás, tem continuamente pugnado por que um franco, honesto e desassombrado debate seja definitivamente estabelecido por todos os interessados, fazendo esquecer algumas atitudes menos próprias que, como nos fizemos eco, esmalta-ram por vezes a actualidade farmacêutica, desde que foi promulgado o decreto-lei n.º 48.517, em 27 de Agosto de 1966.

«No entanto, o teor da missiva que transcrevemos, não pode deixar de nos merecer um reparo. O de que a problemática em causa deve ser exclusiva ou, pelos menos, muito predominantemente discutida pelas revistas da especialidade e por pessoas qualificadas. Ideia que tem uma expressão linear no seguinte período da carta: «No entanto é, para nós, fora de dúvida inedito em países evoluídos problemas de natureza profissional e deontológica extremamente delicados, serem discutidos na imprensa diária por pessoas não qualificadas quando os mesmos dizem respeito a elementos com formação universitária.

«Não sabemos a que espécie de evolução se refere a A. E. F. P., mas não é certamente a qualquer coisa que se pareça com o conceito que daquele termo possuímos países evoluídos (sociedades evoluídas) serão, quanto a nós, aqueles em que as questões verdadeiramente relevantes para a grei (e a saúde pública não o será?) possam ser discutidas pelo maior número possível de cidadãos, esclarecidos e intervenientes — os quais, por um lado, se enriquecem com a contraposição dos seus aos pontos de vista alheios e, portanto, têm a possibilidade de (de algum modo) pesarem na condução da coisa pública. Que interesse terão os próprios interessados mais directos (mas não os únicos!) em circunscrever a polémica em curso apenas aos farmacêuticos, e feita unicamente nos restritos arcos do círculo, com total alheamento da opinião pública? Que utilidade em evitar que o público (para o serviço de qual, sublinha-se, aliás, na missiva, o farmacêutico e a farmácia devem estar votados) conheça as dificuldades e as eventuais contradições que afectam aquele e oneram esta?

«Não se pretende dizer que as revistas nas assembleias especializadas não devam estudar, muito particularmente o assunto, discutindo os vários aspectos do problema com uma profundidade especial — mas que os elementos de formação universitária monopolizem a discussão em detrimento das pessoas não qualificadas, que só têm acesso à imprensa diária, isso não é aceitável.

«Além de que, mesmo sem entrar no domínio dos leigos, há outra classe profissional que, pois menos tanto como a dos farmacêuticos, viu e sente bastante profundamente atingido pelo decreto em foco, a dos ajudantes técnicos ou ajudantes de farmácia. Impedir que estes exprimam publicamente as suas críticas e os seus anseios em recorrer ao diálogo com eles — seria, para os farmacêuticos e para nós todos, trágico e, talvez mesmo, inútil. Além de injusto, evidentemente.

«Mas voltando ao nome elegio inicial, fazemos votos para que os intervenientes respondam ao apelo que a A. E. F. P. nos enviou, e de que esta acção (como prometo) de braços abertos todos os que com ela desejem trocar ideias e encontrar soluções. Disposição que, muito embora não a queiramos pôr em dúvida sem provas em contrário, não parece abonada por declarações como: «Para além da desonestidade, só uma profunda, crassa, inadmissível ignorância pode explicar determinadas atitudes contra a profissão, tomadas às vezes mesmo por aqueles que dela usam o título ou o diploma. Sem os nomear, dir-se-ia classificar todos quantos não alinhavam com determinadas concepções, como inimigos da profissão.

«Aguardemos, no entanto, os factos, e esperemos as organizações e as iniciativas. Se estas marcam indelévelmente as intenções, mais ou menos felizmente expressas.

«Temos acompanhado com interesse (e sobretudo com profundo pesar) a demonstração pública de irresponsabilidade que tem constituído o debate sobre o último decreto relativo ao exercício da profissão farmacêutica.

V. não ignora certamente que interesses se manobram nos bastidores de toda esta campanha.

No entanto é, para nós, fora de dúvida inedito em países evoluídos problemas de natureza profissional e deontológica extremamente delicados, serem discutidos na imprensa diária por pessoas não qualificadas quando os mesmos dizem respeito a elementos com formação universitária.

V. não poderá também deixar de ter estranhado (como nós próprios) que o referido decreto tenha sido sempre e apenas discutido do ponto de vista de grupos profissionais restritos, de interesses pessoais, de vezes mesmo pessoais.

«Somos aprendizes ou mesmo já membros de uma profissão que como nenhuma outra se orgulha de longuíssimas tradições liberais e por isso mesmo professamos um profundo respeito pelas opiniões alheias, pelas opções legítimas. Somos, além disso, alunos de uma Faculdade que se singulariza, na Universidade portuguesa, exactamente pelas particulares relações de cordialidade e de respeito mútuo entre todos os seus membros e como tal abertos ao diálogo, o livre confronto de opiniões. Só pensamos que esse diálogo se tem que fazer com um mínimo de elevação, elevação essa que não se poderá atingir quando se pretende apenas falar com a plateia sobretudo quando essa plateia, como é o caso, é constituída por leigos, isto é, por pessoas a quem falta para a total compreensão dos problemas em causa uma formação profissional e deontológica que só uma longa preparação universitária especializada pode fornecer.

«Temos notado que alguns dos intervenientes no debate se intitulam farmacêuticos. Parece-nos que nessa condição podiam e deviam pronunciar-se nas colunas das revistas profissionais que estão amplamente abertas a todos os que o desejem e o possam fazer nas necessárias condições de isenção.

«Ignoramos os motivos porque o não fazem. Queremos acreditar que não seja por pura e simples desonestidade de propósitos. Sentem talvez necessidade de uma audiência mais aberta, mais viva, mais receptiva?

«Pois bem. É isso mesmo que vimos oferecer-lhes por intermédio do vosso conceituado jornal. Dispõe a Associação dos Estudantes da Faculdade de Farmácia do Porto excelentes instalações que utiliza frequentemente para esse género de debates, diálogos, colóquios. A casa é nossa mas é também em certa medida de todos os farmacêuticos. Aqui terão um público numeroso, vivo, aberto ao diálogo como nenhum outro profundamente interessado e que pela sua formação poderá perfeitamente aperceber-se de todos os aspectos do problema, mesmo daqueles que involuntária ou deliberadamente se têm omitido o que naturalmente escapam aos leigos.

«Encontrarão aqui quem discorde mas também certamente quem os apoie. Não afimamos todos pelo mesmo diapasão e ainda bem. Julgamos pois que só perante um público destes os assuntos profissionais poderão ser validamente discutidos.

«Se esses senhores farmacêuticos descrejam sinceramente o decreto n.º 48.517 venham discutir-no conosco e com os profissionais interessados que não deixaram de comparecer. Do confronto de opiniões fundamentadas alguma coisa se apurará. E, se for caso disso, então em comum, iniciaremos as diligências para remediar o que não esteja certo.

«Mas venham. A porta está aberta para todos. Venham tranquilamente porque em matéria de tolerância e mais geralmente de respeito pela dignidade e pelas liberdades humanas os farmacêuticos ou os discípulos não recebem lições de ninguém. Se é o interesse do público que os move (o único que deve contar) venham. Como farmacêuticos devem saber que temos atrás de nós alguns séculos de luta pela independência moral da profissão e sempre nessa luta os nossos interesses profissionais coincidem com o interesse das populações que servimos.

«Não será hoje, quando essa luta ainda não terminou, que os vamos trair. E exactamente por eles que os batemos. Para além da desonestidade de uma profunda, crassa, inadmissível ignorância pode explicar determinadas atitudes contra a profissão, tomadas de vezes mesmo por aqueles que dela usam o título ou o diploma.

«Posto isto, aqui damos a nossa voluntária contribuição e esta hora de diálogo que vai soando na Nação Portuguesa. Discutindo entre os qualificados e elucidando os leigos por meio do vosso, muito conceituado jornal que bem tem pugnado pelo esclarecimento de alguns problemas nacionais, esperamos dar um passo verdadeiramente positivo nos graves problemas que afectam a actividade farmacêutica.

«Se finalmente concluímos que é desnecessária a presença de farmacêuticos na sua Farmácia, sentir-nos-emos ludibriados e então solicitaremos o encerramento imediato das três Faculdades de Farmácia em Portugal.

«Pedindo a integral publicação desta carta, enviamos as nossas mais cordiais saudações a João Carlos Lombo da Silva Cordeiro (Presidente).

«Não pode deixar de suscitar encômios e convites rápidos que a Associação de Estudantes da Faculdade de Farmácia do Porto vem, por nome intermédio, endereçar a todos os farmacêuticos do País, no sentido de que se sirvam das suas instalações para nelas debaterem os momentosos problemas que os afligem, e a toda a classe.

«O «Diário de Lisboa», aliás, tem continuamente pugnado por que um franco, honesto e desassombrado debate seja definitivamente estabelecido por todos os interessados, fazendo esquecer algumas atitudes menos próprias que, como nos fizemos eco, esmalta-ram por vezes a actualidade farmacêutica, desde que foi promulgado o decreto-lei n.º 48.517, em 27 de Agosto de 1966.

«No entanto, o teor da missiva que transcrevemos, não pode deixar de nos merecer um reparo. O de que a problemática em causa deve ser exclusiva ou, pelos menos, muito predominantemente discutida pelas revistas da especialidade e por pessoas qualificadas. Ideia que tem uma expressão linear no seguinte período da carta: «No entanto é, para nós, fora de dúvida inedito em países evoluídos problemas de natureza profissional e deontológica extremamente delicados, serem discutidos na imprensa diária por pessoas não qualificadas quando os mesmos dizem respeito a elementos com formação universitária.

«Não sabemos a que espécie de evolução se refere a A. E. F. P., mas não é certamente a qualquer coisa que se pareça com o conceito que daquele termo possuímos países evoluídos (sociedades evoluídas) serão, quanto a nós, aqueles em que as questões verdadeiramente relevantes para a grei (e a saúde pública não o será?) possam ser discutidas pelo maior número possível de cidadãos, esclarecidos e intervenientes — os quais, por um lado, se enriquecem com a contraposição dos seus aos pontos de vista alheios e, portanto, têm a possibilidade de (de algum modo) pesarem na condução da coisa pública. Que interesse terão os próprios interessados mais directos (mas não os únicos!) em circunscrever a polémica em curso apenas aos farmacêuticos, e feita unicamente nos restritos arcos do círculo, com total alheamento da opinião pública? Que utilidade em evitar que o público (para o serviço de qual, sublinha-se, aliás, na missiva, o farmacêutico e a farmácia devem estar votados) conheça as dificuldades e as eventuais contradições que afectam aquele e oneram esta?

«Não se pretende dizer que as revistas nas assembleias especializadas não devam estudar, muito particularmente o assunto, discutindo os vários aspectos do problema com uma profundidade especial — mas que os elementos de formação universitária monopolizem a discussão em detrimento das pessoas não qualificadas, que só têm acesso à imprensa diária, isso não é aceitável.

«Além de que, mesmo sem entrar no domínio dos leigos, há outra classe profissional que, pois menos tanto como a dos farmacêuticos, viu e sente bastante profundamente atingido pelo decreto em foco, a dos ajudantes técnicos ou ajudantes de farmácia. Impedir que estes exprimam publicamente as suas críticas e os seus anseios em recorrer ao diálogo com eles — seria, para os farmacêuticos e para nós todos, trágico e, talvez mesmo, inútil. Além de injusto, evidentemente.

«Mas voltando ao nome elegio inicial, fazemos votos para que os intervenientes respondam ao apelo que a A. E. F. P. nos enviou, e de que esta acção (como prometo) de braços abertos todos os que com ela desejem trocar ideias e encontrar soluções. Disposição que, muito embora não a queiramos pôr em dúvida sem provas em contrário, não parece abonada por declarações como: «Para além da desonestidade, só uma profunda, crassa, inadmissível ignorância pode explicar determinadas atitudes contra a profissão, tomadas às vezes mesmo por aqueles que dela usam o título ou o diploma. Sem os nomear, dir-se-ia classificar todos quantos não alinhavam com determinadas concepções, como inimigos da profissão.

«Aguardemos, no entanto, os factos, e esperemos as organizações e as iniciativas. Se estas marcam indelévelmente as intenções, mais ou menos felizmente expressas.

«Temos acompanhado com interesse (e sobretudo com profundo pesar) a demonstração pública de irresponsabilidade que tem constituído o debate sobre o último decreto relativo ao exercício da profissão farmacêutica.

V. não ignora certamente que interesses se manobram nos bastidores de toda esta campanha.

No entanto é, para nós, fora de dúvida inedito em países evoluídos problemas de natureza profissional e deontológica extremamente delicados, serem discutidos na imprensa diária por pessoas não qualificadas quando os mesmos dizem respeito a elementos com formação universitária.

V. não poderá também deixar de ter estranhado (como nós próprios) que o referido decreto tenha sido sempre e apenas discutido do ponto de vista de grupos profissionais restritos, de interesses pessoais, de vezes mesmo pessoais.

«Somos aprendizes ou mesmo já membros de uma profissão que como nenhuma outra se orgulha de longuíssimas tradições liberais e por isso mesmo professamos um profundo respeito pelas opiniões alheias, pelas opções legítimas. Somos, além disso, alunos de uma Faculdade que se singulariza, na Universidade portuguesa, exactamente pelas particulares relações de cordialidade e de respeito mútuo entre todos os seus membros e como tal abertos ao diálogo, o livre confronto de opiniões. Só pensamos que esse diálogo se tem que fazer com um mínimo de elevação, elevação essa que não se poderá atingir quando se pretende apenas falar com a plateia sobretudo quando essa plateia, como é o caso, é constituída por leigos, isto é, por pessoas a quem falta para a total compreensão dos problemas em causa uma formação profissional e deontológica que só uma longa preparação universitária especializada pode fornecer.

«Temos notado que alguns dos intervenientes no debate se intitulam farmacêuticos. Parece-nos que nessa condição podiam e deviam pronunciar-se nas colunas das revistas profissionais que estão amplamente abertas a todos os que o desejem e o possam fazer nas necessárias condições de isenção.

«Ignoramos os motivos porque o não fazem. Queremos acreditar que não seja por pura e simples desonestidade de propósitos. Sentem talvez necessidade de uma audiência mais aberta, mais viva, mais receptiva?

«Pois bem. É isso mesmo que vimos oferecer-lhes por intermédio do vosso conceituado jornal. Dispõe a Associação dos Estudantes da Faculdade de Farmácia do Porto excelentes instalações que utiliza frequentemente para esse género de debates, diálogos, colóquios. A casa é nossa mas é também em certa medida de todos os farmacêuticos. Aqui terão um público numeroso, vivo, aberto ao diálogo como nenhum outro profundamente interessado e que pela sua formação poderá perfeitamente aperceber-se de todos os aspectos do problema, mesmo daqueles que involuntária ou deliberadamente se têm omitido o que naturalmente escapam aos leigos.

«Encontrarão aqui quem discorde mas também certamente quem os apoie. Não afimamos todos pelo mesmo diapasão e ainda bem. Julgamos pois que só perante um público destes os assuntos profissionais poderão ser validamente discutidos.

«Se esses senhores farmacêuticos descrejam sinceramente o decreto n.º 48.517 venham discutir-no conosco e com os profissionais interessados que não deixaram de comparecer. Do confronto de opiniões fundamentadas alguma coisa se apurará. E, se for caso disso, então em comum, iniciaremos as diligências para remediar o que não esteja certo.

«Mas venham. A porta está aberta para todos. Venham tranquilamente porque em matéria de tolerância e mais geralmente de respeito pela dignidade e pelas liberdades humanas os farmacêuticos ou os discípulos não recebem lições de ninguém. Se é o interesse do público que os move (o único que deve contar) venham. Como farmacêuticos devem saber que temos atrás de nós alguns séculos de luta pela independência moral da profissão e sempre nessa luta os nossos interesses profissionais coincidem com o interesse das populações que servimos.

«Não será hoje, quando essa luta ainda não terminou, que os vamos trair. E exactamente por eles que os batemos. Para além da desonestidade de uma profunda, crassa, inadmissível ignorância pode explicar determinadas atitudes contra a profissão, tomadas de vezes mesmo por aqueles que dela usam o título ou o diploma.

«Posto isto, aqui damos a nossa voluntária contribuição e esta hora de diálogo que vai soando na Nação Portuguesa. Discutindo entre os qualificados e elucidando os leigos por meio do vosso, muito conceituado jornal que bem tem pugnado pelo esclarecimento de alguns problemas nacionais, esperamos dar um passo verdadeiramente positivo nos graves problemas que afectam a actividade farmacêutica.

«Se finalmente concluímos que é desnecessária a presença de farmacêuticos na sua Farmácia, sentir-nos-emos ludibriados e então solicitaremos o encerramento imediato das três Faculdades de Farmácia em Portugal.

«Pedindo a integral publicação desta carta, enviamos as nossas mais cordiais saudações a João Carlos Lombo da Silva Cordeiro (Presidente).

«Não pode deixar de suscitar encômios e convites rápidos que a Associação de Estudantes da Faculdade de Farmácia do Porto vem, por nome intermédio, endereçar a todos os farmacêuticos do País, no sentido de que se sirvam das suas instalações para nelas debaterem os momentosos problemas que os afligem, e a toda a classe.

«O «Diário de Lisboa», aliás, tem continuamente pugnado por que um franco, honesto e desassombrado debate seja definitivamente estabelecido por todos os interessados, fazendo esquecer algumas atitudes menos próprias que, como nos fizemos eco, esmalta-ram por vezes a actualidade farmacêutica, desde que foi promulgado o decreto-lei n.º 48.517, em 27 de Agosto de 1966.

«No entanto, o teor da missiva que transcrevemos, não pode deixar de nos merecer um reparo. O de que a problemática em causa deve ser exclusiva ou, pelos menos, muito predominantemente discutida pelas revistas da especialidade e por pessoas qualificadas. Ideia que tem uma expressão linear no seguinte período da carta: «No entanto é, para nós, fora de dúvida inedito em países evoluídos problemas de natureza profissional e deontológica extremamente delicados, serem discutidos na imprensa diária por pessoas não qualificadas quando os mesmos dizem respeito a elementos com formação universitária.

«Não sabemos a que espécie de evolução se refere a A. E. F. P., mas não é certamente a qualquer coisa que se pareça com o conceito que daquele termo possuímos países evoluídos (sociedades evoluídas) serão, quanto a nós, aqueles em que as questões verdadeiramente relevantes para a grei (e a saúde pública não o será?) possam ser discutidas pelo maior número possível de cidadãos, esclarecidos e intervenientes — os quais, por um lado, se enriquecem com a contraposição dos seus aos pontos de vista alheios e, portanto, têm a possibilidade de (de algum modo) pesarem na condução da coisa pública. Que interesse terão os próprios interessados mais directos (mas não os únicos!) em circunscrever a polémica em curso apenas aos farmacêuticos, e feita unicamente nos restritos arcos do círculo, com total alheamento da opinião pública? Que utilidade em evitar que o público (para o serviço de qual, sublinha-se, aliás, na missiva, o farmacêutico e a farmácia devem estar votados) conheça as dificuldades e as eventuais contradições que afectam aquele e oneram esta?

«Não se pretende dizer que as revistas nas assembleias especializadas não devam estudar, muito particularmente o assunto, discutindo os vários aspectos do problema com uma profundidade especial — mas que os elementos de formação universitária monopolizem a discussão em detrimento das pessoas não qualificadas, que só têm acesso à imprensa diária, isso não é aceitável.

«Além de que, mesmo sem entrar no domínio dos leigos, há outra classe profissional que, pois menos tanto como a dos farmacêuticos, viu e sente bastante profundamente atingido pelo decreto em foco, a dos ajudantes técnicos ou ajudantes de farmácia. Impedir que estes exprimam publicamente as suas críticas e os seus anseios em recorrer ao diálogo com eles — seria, para os farmacêuticos e para nós todos, trágico e, talvez mesmo, inútil. Além de injusto, evidentemente.

«Mas voltando ao nome elegio inicial, fazemos votos para que os intervenientes respondam ao apelo que a A. E. F. P. nos enviou, e de que esta acção (como prometo) de braços abertos todos os que com ela desejem trocar ideias e encontrar soluções. Disposição que, muito embora não a queiramos pôr em dúvida sem provas em contrário, não parece abonada por declarações como: «Para além da desonestidade, só uma profunda, crassa, inadmissível ignorância pode explicar determinadas atitudes contra a profissão, tomadas às vezes mesmo por aqueles que dela usam o título ou o diploma. Sem os nomear, dir-se-ia classificar todos quantos não alinhavam com determinadas concepções, como inimigos da profissão.

«Aguardemos, no entanto, os factos, e esperemos as organizações e as iniciativas. Se estas marcam indelévelmente as intenções, mais ou menos felizmente expressas.

«Temos acompanhado com interesse (e sobretudo com profundo pesar) a demonstração pública de irresponsabilidade que tem constituído o debate sobre o último decreto relativo ao exercício da profissão farmacêutica.

V. não ignora certamente que interesses se manobram nos bastidores de toda esta campanha.

No entanto é, para nós, fora de dúvida inedito em países evoluídos problemas de natureza profissional e deontológica extremamente delicados, serem discutidos na imprensa diária por pessoas não qualificadas quando os mesmos dizem respeito a elementos com formação universitária.

V. não poderá também deixar de ter estranhado (como nós próprios) que o referido decreto tenha sido sempre e apenas discutido do ponto de vista de grupos profissionais restritos, de interesses pessoais, de vezes mesmo pessoais.

«Somos aprendizes ou mesmo já membros de uma profissão que como nenhuma outra se orgulha de longuíssimas tradições liberais e por isso mesmo professamos um profundo respeito pelas opiniões alheias, pelas opções legítimas. Somos, além disso, alunos de uma Faculdade que se singulariza, na Universidade portuguesa, exactamente pelas particulares relações de cordialidade e de respeito mútuo entre todos os seus membros e como tal abertos ao diálogo, o livre confronto de opiniões. Só pensamos que esse diálogo se tem que fazer com um mínimo de elevação, elevação essa que não se poderá atingir quando se pretende apenas falar com a plateia sobretudo quando essa plateia, como é o caso, é constituída por leigos, isto é, por pessoas a quem falta para a total compreensão dos problemas em causa uma formação profissional e deontológica que só uma longa preparação universitária especializada pode fornecer.

«Temos notado que alguns dos intervenientes no debate se intitulam farmacêuticos. Parece-nos que nessa condição podiam e deviam pronunciar-se nas colunas das revistas profissionais que estão amplamente abertas a todos os que o desejem e o possam fazer nas necessárias condições de isenção.

«Ignoramos os motivos porque o não fazem. Queremos acreditar que não seja por pura e simples desonestidade de propósitos. Sentem talvez necessidade de uma audiência mais aberta, mais viva, mais receptiva?

«Pois bem. É isso mesmo que vimos oferecer-lhes por intermédio do vosso conceituado jornal. Dispõe a Associação dos Estudantes da Faculdade de Farmácia do Porto excelentes instalações que utiliza frequentemente para esse género de debates, diálogos, colóquios. A casa é nossa mas é também em certa medida de todos os farmacêuticos. Aqui terão um público numeroso, vivo, aberto ao diálogo como nenhum outro profundamente interessado e que pela sua formação poderá perfeitamente aperceber-se de todos os aspectos do problema, mesmo daqueles que involuntária ou deliberadamente se têm omitido o que naturalmente escapam aos leigos.

«Encontrarão aqui quem discorde mas também certamente quem os apoie. Não afimamos todos pelo mesmo diapasão e ainda bem. Julgamos pois que só perante um público destes os assuntos profissionais poderão ser validamente discutidos.

«Se esses senhores farmacêuticos descrejam sinceramente o decreto n.º 48.517 venham discutir-no conosco e com os profissionais interessados que não deixaram de comparecer. Do confronto de opiniões fundamentadas alguma coisa se apurará. E, se for caso disso, então em comum, iniciaremos as diligências para remediar o que não esteja certo.

«Mas venham. A porta está aberta para todos. Venham tranquilamente porque em matéria de tolerância e mais geralmente de respeito pela dignidade e pelas liberdades humanas os farmacêuticos ou os discípulos não recebem lições de ninguém. Se é o interesse do público que os move (o único que deve contar) venham. Como farmacêuticos devem saber que temos atrás de nós alguns séculos de luta pela independência moral da profissão e sempre nessa luta os nossos interesses profissionais coincidem com o interesse das populações que servimos.

«Não será hoje, quando essa luta ainda não terminou, que os vamos trair. E exactamente por eles que os batemos. Para além da desonestidade de uma profunda, crassa, inadmissível ignorância pode explicar determinadas atitudes contra a profissão, tomadas de vezes mesmo por aqueles que dela usam o título ou o diploma.

«Posto isto, aqui damos a nossa voluntária contribuição e esta hora de diálogo que vai soando na Nação Portuguesa. Discutindo entre os qualificados e elucidando os leigos por meio do vosso, muito conceituado jornal que bem tem pugnado pelo esclarecimento de alguns problemas nacionais, esperamos dar um passo verdadeiramente positivo nos graves problemas que afectam a actividade farmacêutica.

«Se finalmente concluímos que é desnecessária a presença de farmacêuticos na sua Farmácia, sentir-nos-emos ludibriados e então solicitaremos o encerramento imediato das três Faculdades de Farmácia em Portugal.

«Pedindo a integral publicação desta carta, enviamos as nossas mais cordiais saudações a João Carlos Lombo da Silva Cordeiro (Presidente).

«Não pode deixar de suscitar encômios e convites rápidos que a Associação de Estudantes da Faculdade de Farmácia do Porto vem, por nome intermédio, endereçar a todos os farmacêuticos do País, no sentido de que se sirvam das suas instalações para nelas debaterem os momentosos problemas que os afligem, e a toda a classe.

«O «Diário de Lisboa», aliás, tem continuamente pugnado por que um franco, honesto e desassombrado debate seja definitivamente estabelecido por todos os interessados, fazendo esquecer algumas atitudes menos próprias que, como nos fizemos eco, esmalta-ram por vezes a actualidade farmacêutica, desde que foi promulgado o decreto-lei n.º 48.517, em 27 de Agosto de 1966.

«No entanto, o teor da missiva que transcrevemos, não pode deixar de nos merecer um reparo. O de que a problemática em causa deve ser exclusiva ou, pelos menos, muito predominantemente discutida pelas revistas da especialidade e por pessoas qualificadas. Ideia que tem uma expressão linear no seguinte período da carta: «No entanto é, para nós, fora de dúvida inedito em países evoluídos problemas de natureza profissional e deontológica extremamente delicados, serem discutidos na imprensa diária por pessoas não qualificadas quando os mesmos dizem respeito a elementos com formação universitária.

«Não sabemos a que espécie de evolução se refere a A. E. F. P., mas não é certamente a qualquer coisa que se pareça com o conceito que daquele termo possuímos países evoluídos (sociedades evoluídas) serão, quanto a nós, aqueles em que as questões verdadeiramente relevantes para a grei (e a saúde pública não o será?) possam ser discutidas pelo maior número possível de cidadãos, esclarecidos e intervenientes — os quais, por um lado, se enriquecem com a contraposição dos seus aos pontos de vista alheios e, portanto, têm a possibilidade de (de algum modo) pesarem na condução da coisa pública. Que interesse terão os próprios interessados mais directos (mas não os únicos!) em circunscrever a polémica em curso apenas aos farmacêuticos, e feita unicamente nos restritos arcos do círculo, com total alheamento da opinião pública? Que utilidade em evitar que o público (para o serviço de qual, sublinha-se, aliás, na missiva, o farmacêutico e a farmácia devem estar votados) conheça as dificuldades e as eventuais contradições que afectam aquele e oneram esta?

«Não se pretende dizer que as revistas nas assembleias especializadas não devam estudar, muito particularmente o assunto, discutindo os vários aspectos do problema com uma profundidade especial — mas que os elementos de formação universitária monopolizem a discussão em detrimento das pessoas não qualificadas, que só têm acesso à imprensa diária, isso não é aceitável.

«Além de que, mesmo sem entrar no domínio dos leigos, há outra classe profissional que, pois menos tanto como a dos farmacêuticos, viu e sente bastante profundamente atingido pelo decreto em foco, a dos ajudantes técnicos ou ajudantes de farmácia. Impedir que estes exprimam publicamente as suas críticas e os seus anseios em recorrer ao diálogo com eles — seria, para os farmacêuticos e para nós todos, trágico e, talvez mesmo, inútil. Além de injusto, evidentemente.

«Mas voltando ao nome elegio inicial, fazemos votos para que os intervenientes respondam ao apelo que a A. E. F. P. nos enviou, e de que esta acção (como prometo) de braços abertos todos os que com ela desejem trocar ideias e encontrar soluções. Disposição que, muito embora não a queiramos pôr em dúvida sem provas em contrário, não parece abonada por declarações como: «Para além da desonestidade, só uma profunda, crassa, inadmissível ignorância pode explicar determinadas atitudes contra a profissão, tomadas às vezes mesmo por aqueles que dela usam o título ou o diploma. Sem os nomear, dir-se-ia classificar todos quantos não alinhavam com determinadas concepções, como inimigos da profissão.

«Aguardemos, no entanto, os factos, e esperemos as organizações e as iniciativas. Se estas marcam indelévelmente as intenções, mais ou menos felizmente expressas.

Diário do Porto

Ocorrências policiais

Queixaram-se na P. S. P.: a sr.ª D. Maria Benvidinha Alves Pereira Joaquim, de 22 anos, Rua Dr. Leonardo Coimbra, 68, casa 4, contra desconhecidos que, na sua ausência lhe entraram em casa, por meio de chave falsa, e furtaram objectos de ouro; e os srs. Manuel de Sousa, Rua de Moalhe, 48, São Mamede de Infesta, por lhe terem causado danos no seu automóvel, avaliados em 4000\$00 e dr. Domingos Diéguez Requejo, de 40, Rua Freire de Andrade, 127, 2.ª, dt.ª, porque, durante a noite, lhe estragaram o ventilador do automóvel, estacionado junto da sua residência e furtaram, de dentro do mesmo, uma máquina fotográfica no valor de 3000\$00.

Artes plásticas

Na segunda-feira, às 21 e 30, será inaugurada, na Galeria Pinacoteca, uma exposição de trabalhos a óleo do pintor Fernando de Oliveira.

Colóquio sobre promoção do livro

Depois de amanhã, às 21 e 30, no Cineclub do Porto, haverá um colóquio com o sr. dr. João do Amaral, sobre «Estruturamos», incluído numa iniciativa de promoção do livro. Este colóquio é promovido pela UNICEPE.

Câmara dos Solicitadores

Tomaram posse, na segunda-feira, às 15 horas, os componentes da nova direcção, para o triénio de 1968/71, da Câmara dos Solicitadores.

Os solicitadores srs. Manuel Camanho, José Pinto da Costa Oliveira e Fernando Augusto de Sousa Peixoto, são respectivamente, presidente, secretário e tesoureiro, os primeiros reeleitos e o último eleito pela primeira vez.

Espectáculos para hoje

TEATROS
SA DA BANDEIRA — As 21 e 45: «Amor-68» (17 anos).
ANTONIO PEDRO — As 22: «Desporto Rei» e «Tio Simplicio» (12 anos).

CINEMAS
SAO JOAO — As 21 e 30: «A Condessa de Hong-Kong» (17 anos).
RIVOLI — As 21 e 30: «Queda mortal» (17 anos).
COLISEU — As 2 e 30: «A Briga do Diabo» (17 anos).
AGUIA D'OURO — As 2 e 30: «Hawaii» (17 anos).
TRINDADE — As 2 e 30: «Romeu e Julieta» (17 anos).
BATALHA — As 21 e 30: «Raquel Raquel».
OLIMPIA — As 21 e 30: «Como roubar o mundo» (12 anos).
ESTUDIO — As 2 e 30: «A minha filha é um problema» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 21: «A sexta testemunha» e «Rico Conchos» (12 anos).
JULIO DINIS — As 21 e 30: «Como matar Rasputin» (12 anos).
NUN'ALVARES — As 21 e 30: «Sete dias em Maio» (12 anos).
CINE-VITÓRIA — As 21 e 30: «Os Mithonianos de Feladéfia» (17 anos).
CINE-ERMESINDE — As 21 e 30: «Agente Secreto F X-15» (12 anos).

Amanhã, à tarde

CINEMAS
SAO JOAO — As 5 e 30: «A Condessa de Hong-Kong» (17 anos).
RIVOLI — As 5 e 30: «Queda mortal» (17 anos).
COLISEU — As 5 e 30: «A Briga do Diabo» (17 anos).
AGUIA D'OURO — As 5 e 30: «Hawaii» (17 anos).
TRINDADE — As 5 e 30: «Romeu e Julieta» (17 anos).
BATALHA — As 5 e 30: «Raquel Raquel» (17 anos).
OLIMPIA — As 5 e 30: «Como roubar o mundo» (12 anos).
ESTUDIO — As 5 e 30: «A minha filha é um problema» (17 anos).
VALE FORMOSO — As 5 e 30: «A minha filha é um problema» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 5: «Colômbio Charlie» e «Temível pistoleiro» (12 anos).
JULIO DINIS — As 5 e 30: «Como matar Rasputin» (12 anos).

Farmácias de serviço esta noite (7.º turno)

ALIANÇA, Rua da Conceição, 2 (Tel. 2-4203) * BONFIM, R. do Bonfim, 73 (Tel. 5-2444) * CARBONA DOS SANTOS, Rua D. Manuel II, 90 (Tel. 2-7188) * CORREIA, Praça Mouzinho de Albuquerque, 77 (Tel. 6-0869) * CÔRME, Rua Costa Cabral, 584 (Tel. 4-1511) * FERREIRA, Pr. Afonso V, 55-B (Tel. 68-1975) * FERREIRA DE CARVALHO, Rua do Bonjardim, 354 (Tel. 2-7640) * GOMES FERREIRA, Rua Faria de Gómeas, 449 (Tel. 41907) * HENRIQUES, Pr. da Batalha, 64-64-A, (Tel. 2-5173) * LUSO FRANCESA, R. 56 da Bandeira, 240 (Tel. 2-6134) * MORENO, L. 5 Domingos, 44 (Tel. 2-3545) * PORTO, Pr. da República, 22 (Tel. 2-0294) * PRELADA, Rua C. de Francos, 376 (Tel. 6-4312) * S. DINIZ, Rua de S. Diniz, 428 (Tel. 4-2281) * CAMPOS, R. P. Cabral, 943 — Foz (Tel. 68-0113).



NEVE NA BEIRA — Esta é um trecho da estrada Gouveia-Manteigas, em plena Beira, onde os últimos nevões têm dificultado o tráfego automóvel, tornando-o mesmo em alguns pontos. Se o lisboeta gosta de ver a neve, já a beira não lhe falta, por vezes, muita graça.

O Internato Médico regulado em novos termos

Pela portaria 23 903 do Ministério da Saúde e Assistência, publicada no «Diário do Governo» (1.ª série) de hoje, foi regulado em novos termos o Internato Médico. Considerou-se n.º 3 do preâmbulo) que o Regulamento e o próprio internato deverão ser objecto dos aperfeiçoamentos que sucessivamente se mostrarem necessários e, assim, o que nesta fase pareceu verdadeiramente fundamental foi fixar um ponto de partida e dotar o internato médico de órgãos aos quais incumba promover a sua contínua melhoria. Esses órgãos são, a nível nacional, o Conselho Nacional do Internato Médico e, a nível de cada estabelecimento, o conselho técnico e a comissão médica — como órgãos de direcção técnica — e o chefe do internato.

Muito louvavelmente, numa medida que devia ser sempre adoptada, acrescenta-se, depois:

«Ainda por esta razão, o presente Regulamento é aprovado para vigorar, a título provisório e para ser revisto ao fim do seu primeiro ano de execução, durante o qual se aceitam e agradecem todas as sugestões para o seu aperfeiçoamento.»

A primeira inovação importante a assinalar é logo a criação daquele Conselho Nacional, que, além do mais, promoverá uma uniformização do internato (que até agora não existia), sem deixar de considerar os particularismos — mas que impõe tomar em conta, e no qual estão representadas as Faculdades de Medicina.

O novo diploma trata no seu primeiro capítulo da estrutura e funcionamento do internato médico em geral, e uma inovação se deve desde logo assinalar: a possibilidade de o internato geral vir a ser autorizado nos hos-

piais regionais. De momento, ele é apenas autorizado nos hospitais centrais gerais, e, segundo apontamos, a concretização daquela possibilidade está dependente apenas de se estabelecerem as carreiras médicas nos hospitais das regiões. Os respectivos estudos e preparativos estão a decorrer, não devendo estar concluídos até ao final do corrente ano.

Regate-se, também, que a admissão ao internato complementar passa a depender apenas de provas práticas de clínica. Porém, o aproveitamento obtido pelos internos, quer no período do internato geral, quer no do complementar, passa a ser apurado por meio de exames finais — outra inovação que não deixará de ser discutível, até na medida em que, nesses exames haverá classificações escolares, de 0 a 20 valores. O aproveitamento profissional dos internos será, também, avaliado e registado pelo menos de seis em seis meses, e todas as vezes que eles sejam transferidos de serviço. Saliente-se, ainda, que nenhum interno poderá frequentar o mesmo ano de internato mais de três vezes.

O capítulo segundo versa «o regime jurídico dos internos» e o terceiro «dos concursos de admissão e dos exames finais». Realce-se que o concurso de admissão ao internato geral passa a ser meramente documental e a ele podem concorrer todos os licenciados que tiverem menos de 35 anos. Os alunos finalistas poderão ser admitidos, sob condição de provarem, até três dias antes da data do despacho de admissão definitiva dos candidatos, que concluíram a respectiva licenciatura.

Desta doutrina resulta uma inovação muito importante: a abertura do internato a todos os licenciados, e não apenas a um número deles

correspondente às vagas existentes. Os capítulos seguintes tratam respectivamente da «direcção de internato médico», da «concessão de equiparações», «disposições transitórias» e «disposição final». Note-se que os actuais internos do internato geral não terão ainda exame final e que para o internato do ano corrente o concurso será aberto no prazo máximo de 30 dias a partir de hoje.

O presente diploma entra em vigor simultaneamente em todos os hospitais e sabe-se que devem ser publicados brevemente novos diplomas respeitantes aos internos graduados, directores de serviços e assistentes, como também se encontra em estudo a possibilidade de os estagiários passarem a ser internos, como tal remunerados e em termos a fixar.



O COMBOIO SUSPENSO DE WUPPERTAL — Calcule-se a emoção dos primeiros passageiros deste comboio suspenso de Wuppertal (Alemanha Federal), inaugurado há 68 anos para resolver o incipiente problema dos transportes colectivos urbanos. Nada desactualizado, muito pelo contrário, o comboio suspenso só agora vê a sua rede aumentada de 13,6 km para 20 km, enquanto outros países se copia a ideia à distância de mais de meio século

A Baixa da Banheira

(partida em duas pelo caminho-de-ferro)
vai ver resolvido o problema
a partir de domingo próximo

No próximo domingo, a Baixa da Banheira vai, finalmente, ver concretizada uma das suas aspirações, com a inauguração de uma passagem superior sobre a via férrea que divide em duas aquela laboriosa povoação. Este importante melhoramento, há tanto desejado,

muito virá contribuir para o desenvolvimento local.

Presidirá ao acto inaugural o chefe do distrito de Setúbal, que será oficialmente recebido nos Paços do Concelho da Moita, após uma sessão solene, o governador civil acompanhado pelas autoridades concelhias, dirigindo-se para a Baixa da Banheira, onde inaugurará melhoramentos no valor global de dois mil contos.

Além da passagem superior, o chefe do distrito procederá, também, à inauguração de um mercado coberto, na zona Norte da povoação, que substituirá o amadorístico e anti-higiénico abastecimento da Rua 4, bem como as novas instalações sanitárias subterrâneas, obra no valor de 400 contos.

Prof. Mário de Figueiredo

Segundo informação da Casa de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa, o sr. prof. Mário de Figueiredo, ali internado, encontra-se melhorado.

A pergunta se o enfermo recebe visitas, quem de direito recusou-se a responder, remaneando-nos para o médico assistente.

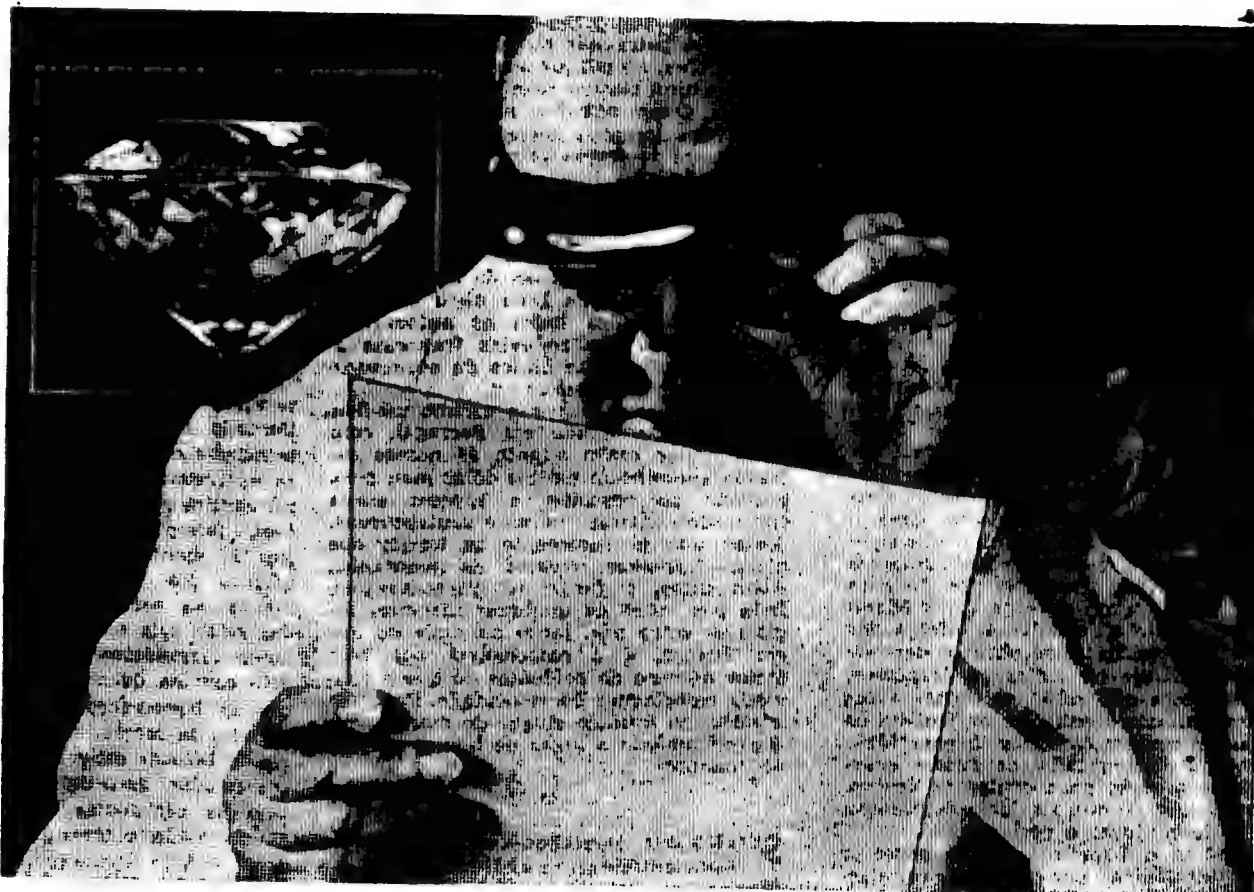
Homenagem

ao chefe do distrito
de Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 6 — Vai ser prestada homenagem ao sr. dr. Alfredo Pinto, pedras e deixar o cargo de governador civil deste distrito (funções em que será substituído pelo sr. dr. José Gonçalves Araújo Novo).

Um grupo de amigos e admiradores constituiu-se em comissão, que promoverá um jantar no próximo dia 20, no Hotel de Santa Luzia.

Em SUCELAS o «DIÁRIO DE LISBOA» está à venda em uma VICENTE ROMÃO BRAVO.



Qualquer coprador/duplicador RX...



...movimenta automaticamente uma assistência completa...



...e não imobiliza o seu capital!

V. sabe quanto vale uma cópia Rank Xerox?

Quando V. manda produzir uma cópia de um documento no seu escritório, já pensa realmente em quanto lhe fica essa cópia? Bem. Pense de parte a questão, no caso de V. já ser um cliente Rank Xerox. Parece um paradoxo, mas o valor de uma cópia RX é muito superior ao seu custo. Vale uma assistência completa e gratuita ao equipamento. Vale também um apoio técnico que envolve reclassificação e redução de burocracia no fluxo documental da empresa. Isto é um parecer do tipo de serviço, real e positivo, oferecido pela Rank Xerox.

No panorama da cópia e duplicação, a Xerocópia também representa tempo: o que se poupa com a operação num coprador/duplicador RX. Representa um bom rendimento de capital que V. teria de investir na aquisição de um coprador vulgar — porque um coprador/duplicador RX não se vende. Aluga-se. E isto evita que V. imobilize capital sem qualquer rendimento. Nem se seja a depreciação.

Portanto, faça os seus cálculos e estabeleça a diferença entre quanto vale uma Xerocópia e o custo de uma cópia vulgar.

Telefone para: 53 99 51 (Lisboa) — 6 70 58 (Porto) e 2 70 48 (Coimbra)
Sede: Av. António Augusto de Aguiar, 106 Lisboa



*Rank Xerox é uma marca registada da Rank Xerox Limited

Toda a organização é mais eficiente com Rank Xerox

ECOS

NO ato da entrega da medalha de ouro da cidade do Porto ao nosso querido colega «O Primeiro de Janeiro», o sr. presidente do Município da grande urbe portuguesa pronunciou palavras muito importantes, mas que não podem passar, sem algumas observações de sr. dr. Nuno Pinheiro Torres destacamos as seguintes: «A imprensa, para ser o que deve ser, dirige, orienta, não é guiada pelo público. Não ilsonjeia as suas paixões nem se conforma com as suas inconsciências. Deve ter, em alto grau, o culto da verdade e do direito, que exige fundamental rectidão de espíritos. Além do eterno bônus liberdade-responsabilidade, ou, mais directa e chamente, da necessidade de liberdade para que exista, de facto, a responsabilidade que a reclama, muito haveria que dizer sobre as paixões do público. Se se falar do amor ao escândalo, a questão é de ponderar, embora haja ainda que distinguir entre escândalo que atenta contra a reputação do indivíduo e escândalo público que não possa eximir-se, por nefasto, a um exame cívico. Mas, sobretudo, importa não confundir escândalo com partidário político, se tal se pretende significar com o epíteto paixão. Porque o partidário, se é certo que pode, em dados momentos, de excepção, tornar-se empenhado à construção de um mundo novo, não deixa de ser, em princípio, força motriz de civilização, de discussão sem a qual não há autêntico respeito mútuo...»

EM editorial de Jean Daniel, no Nouvel Observateur, analisam-se as condições de uma espécie de pacto acordado de alianças e servilidades em relação ao Médio Oriente. Uns outros partilhariam as mesmas inquietações, recordando que Nasser, aliado na engrenagem israelo-palestina, possa de um momento para o outro ser derrubado. Há sinais — diz-se — de numerosos e aprofundados contactos entre diplomatas russos e dos Estados Unidos. O país árabe governado por Nixon estaria decidido a retardar a entrega dos «Phantoms», aviões supersónicos destinados a substituir os «Mirages» franceses. Os «Phantoms» não serão entregues antes de passarem um dezolito mês, embora os israelianos contem com eles já para Maio próximo. Pelo seu lado, os russos exercem forte pressão para conter os árabes. De um lado e do outro a lida dominante seria a de conjurar o perigo.

Valha-nos o bom senso, por sobre a guerra ideológica, para evitar os desastres de uma guerra total!

«EMER, chorar, orar são atitudes igualmente cobardes» — dizia Alfred de Vigny. Roger Vailland, à beira da morte, afirmava: «Não tenho de me explicar, mas de petrificar-me, construir-me em bloco de pedras. Afastado do partido em que militara durante anos, o seu último escrito, publicado pelo «Nouvel Observateur», intitulava-se: «Elogio da Política». Aliás, já muito doente, guiou doze horas

seguidas para ir a Roma assistir ao enterro de um homem a quem muito admirava: Palmiro Togliatti. Claude Roy escreve acerca da sua morte: «Acaso se pode morrer de desgosto? De desgosto político? Em medicina, hoje, isso chama-se cancro».

SEGUNDO inquéritos efectuados em todo o mundo, a grande maioria dos campistas acampa em parques, embora seja também considerável o número dos que praticam o campismo desportivo ou pedestre e o autocampismo e caravanesmo. A civilização industrial do nosso tempo, oferecendo ao homem objectos de consumo altamente tecnificados que o enleiam numa rede alienatória de necessidades e satisfações, que engendram, por seu turno, novas e escravizadoras necessidades, cria-lhe, ao mesmo tempo, uma ânsia de natureza livre, de espaços verdes, de contacto com os elementos, que em geral se contenta, por força das circunstâncias, com o fim-de-semana na península à beira-mar ou com o arremedo de campismo no parque à saída da cidade. E já é muito, porque nem todos lá podem chegar. Quem nos deu, na literatura, as mais fortes imagens dessa busca inquieta de regresso às forças primitivas da natureza foi decerto Hemingway, ele próprio campista.

DENTRO de pouco mais de um ano, ou seja a partir de 1 de Abril de 1970, vão ser obrigados todos os automóveis que transitam nas rodovias francesas a estar equipados com cintos de segurança nos assentos da frente.

Estamos em crer que a mesma medida deveria ser adoptada em Portugal, um dos principais obreiros do «Diário de Lisboa», cuja memória continua bem viva nesta casa, foram celebradas ao fim da manhã de hoje, na basílica dos Mártires, duas missas de sufrágio mandadas rezar pela família deste nosso inesquecível amigo e pelo conelho de administração da Renascença Gráfica.

Todas as secções do «Diário de Lisboa» estiveram representadas, assistindo também às cerimónias muitos amigos e admiradores de Pedro Bordallo Pinheiro, que o estimaram pelos raros dotes de inteligência, carácter e perseverança no trabalho recto de todos os dias.

Rodeando a viúva, sr.ª D. Elisa Bordallo Pinheiro, e sua filha, sr.ª D. Maria Teresa Bordallo Pinheiro Pereira da Rosa, associaram-se a estas homenagens o nosso director, r. dr. António Pedro Ruella Ramos, e ainda o sr. dr. João Ruella Ramos, da administração da Renascença Gráfica, e sua esposa, sr.ª D. Germana Marques Pinto de Ruella Ramos.



Na Renascença e na Sedição, ao sul da Alemanha, o Carnaval começa no Dia de Reis e vai até Quarta-Feira de Cinzas. Isto não conta demais, pode dizer-se, se distanciamos, pelo menos, três homens da região não fomos obrigados a trabalhar o reino das brumas da Floresta Negra. A coisa é divertida, mas também, todos os membros compõem os seus discursos lavaram e estenderam a roupa dos seus discursos.

Pedro Bordallo Pinheiro

Vedado ao trânsito um troço da Av. Estados Unidos

Para se proceder à construção do colector, foi vedado ao trânsito de veículos a faixa de rodagem do lado norte do troço da Avenida Estados Unidos da América, entre a Rua Francisco Lourenço da Fonseca e a Avenida Rio de Janeiro, por um período de sessenta dias. O trânsito está a ser feito nos dois sentidos na faixa de rodagem sul do troço daquela avenida, pelo que se solicita a máxima prudência aos condutores de automóveis.

NEO BÉPROL

CONSTITUIÇÃO E NA GRIPE

JÓIAS

Antigos e modernos. Compra cobrindo todas as ofertas.

QUINTEVÁRIA PIMENTA

Rua Augusta, 253

CHOCOLATES TAGIQUES

BARREIRO - LISBOA - QUELUS

POUR FAVORI

NAO ESQUEÇA NAO CONFUNDA

A GRANDE QUIVIVARIA DA MODA, 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28, 30, 32, 34, 36, 38, 40, 42, 44, 46, 48, 50, 52, 54, 56, 58, 60, 62, 64, 66, 68, 70, 72, 74, 76, 78, 80, 82, 84, 86, 88, 90, 92, 94, 96, 98, 100.

VINHO DO PORTO EM 1968

Exportados 33,15 milhões de litros no valor de mais de 535 600 contos

A exportação de vinho do Porto para mercados estrangeiros atingiu, em 1968, os valores mais representativos de sempre, com 33 140 073 litros.

Verifica-se, apesar de haver um acréscimo de cerca de 50 % no volume exportado (a exportação no período de 1965-69 andou à volta dos 22/23 milhões de litros). Além disso — acrescenta o relatório do Instituto do Vinho do Porto, agora divulgado — o volume de 33,15 milhões de litros é, também, o maior exportado desde 1940 e desde 1967 (durante um período de 200 anos, portanto) apenas em 27 anos se registaram valores superiores.

Finalmente, o mesmo relatório informa que, se excluirmos o período à volta do ano de 1860, em que se atingiram 40 milhões de litros, e o de 1916-1925, em que houve alguns anos com exportação de cerca de 50 a 55 milhões de litros, pode considerar-se que, em 1968, as exportações atingiram aproximadamente os valores representativos das épocas de maior expansão do vinho do Porto no estrangeiro.

Os melhores mercados A França continua a ser,

desde 1963, o maior mercado importador de vinho do Porto, tendo recebido, em 1968, 13 470 250 litros, o que representa um aumento de 6,5 % em relação ao ano anterior, e uma percentagem de 40,6 % da exportação total. Seguem-se o Reino Unido, com 7 222 000 litros, a Alemanha, com 2 336 440, e a Bélgica, com 2 285 657. Outros mercados relativamente importantes: Irlanda (219 609 litros); Holanda (152 034 litros); Suécia (143 253 litros); Noruega (131 039 litros).

O valor total da exportação em 1968, atingiu 535 675 304\$, o que equivale a um aumento de mais de 62 mil contos sobre o ano anterior.

O consumo nacional, em que se incluem as Ilhas Adjacentes e as Províncias Ultramarinas, foi de 3 644 965 litros (mais 59 263 do que em 1967). O mercado nacional inscreve-se, assim no terceiro lugar entre os maiores consumidores de vinho do Porto. No entanto, o relatório citado acrescenta que a exportação não foi apenas alcançada pelo maior consumo de vinho do Porto por parte dos portugueses: este aumento deve, em grande parte, ser atribuído aos turistas que nos visitam, e que, invariavelmente, aproveitam a sua estadia entre nós para apreciar o nosso vinho generoso e para levarem consigo algumas garrafas, como o fazem — o que, igualmente, tem importância — os emigrantes de regresso aos locais em que trabalham.

O secretário-geral adjunto da E. F. T. A. foi recebido pelo ministro da Economia

Está em Lisboa o sr. Bengt Rabenius, secretário-geral adjunto da E. F. T. A., que aqui veio proceder a uma série de impressões com as autoridades portuguesas sobre problemas da Associação Europeia do Comércio Livre. O sr. Bengt Rabenius foi, ao princípio da tarde, recebido pelo ministro da Economia.

LINHOS

BRANCOS E DE COR

CAMBIAS DE LINHO

HOLANDAS DE LINHO

LINHOS CROS

PARA APLICACAO

DE BORDAS

PARA BORDAR

A PONTO DE CRUZ

LINHOS PARA VESTIMENTAS

ESTOPAS DE LINHO

TOALHAS DE LINHO

GUARDANAPOS DE LINHO

TOALHETES DE LINHO

LENÇOS DE LINHO

LINHO PARA VESTIMENTAS

O MAIOR SORTIDO

DE LINHO

CASA E PAVOS

R. DE S. J. LUIS 150/151

DA R. DOS FANALINHOS

O ÊXITO DO ANO

em Inglaterra, Estados Unidos, Espanha e França

o animal humano estudado por um zoólogo

«Ho cento e noventa e tres especies vivas de simios e macacos. Cento e noventa e duas tem o corpo coberto de pelos. A unica excepcao e constituída por um macaco nu que e propriamente o nome de «Homo sapiens».

Col. "Estudos e Documentos", 232 págs., 650

em nome de

SITUAÇÕES I, de Jean-Paul Sartre, 550

SITUAÇÕES II, de Jean-Paul Sartre, 640

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8, Mem Martins

Delegação em Lisboa:

Rua das Flores, 45, 2.º

Delegação no Porto:

Rua de Entreparedes, 6, 2.º

Torre de Babel

por João Medina

A NOVA GUERRA CIVIL OU OS SHADOKS

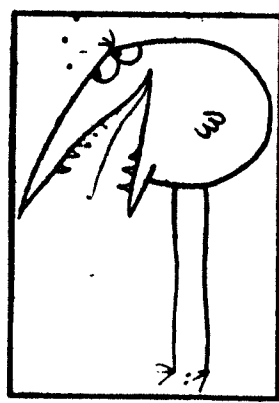
Em Outubro do ano passado ateou-se em França uma guerra civil semiclandestina e da qual poucos estrangeiros terão tido exacto conhecimento. Passada uma fase de aparente reconciliação dos dois campos adversos, os ânimos dão neste momento mostras de quererem acender-se da novo e já se sente por toda a parte o movimento das tropas, o apertar das armas e o envenenamento da atmosfera que precede as grandes carnificinas verbais. E ainda há algumas meses se batiam os franceses, voavam epítetos injuriosos, eram distribuídos a torto e a direito improperios de toda a casta, enfiavam-se os jornais de polémicas, intumesciam-se as carótidas do despeto e da paixão partidária, esfuçavam protestos, gritos, ulos, catilanas, filípicas e outras atrocidades oratórias.

Felizmente para a paz deste reino a braga com outras crises bem sérias, tanto a guerra civil de Outubro como aquela que se sente vir não se travam entre duas facções religiosas ou políticas (católicos e huguenotes, petanistas e degaulistas, etc.), nem mesmo entre sequeiros ou contendores do estruturalismo (essa clarte à crèmes dos intelectuais deste país), mas entre partidários e inimigos de dois povos que, além de estrangeiros (e sabem até que ponto é molesto este termo na «doce France»), vivem uma existência nómada e perfeitamente imaginária, tal como os personagens dum romance ou os heróis dum folhetim da televisão. Por outras palavras, os gauleses encrespam-se, cindem-se em dois campos irredutíveis e generosamente se injuriam por causa de seres que, afinal, nem sequer existem, embora tenham nome, costumes, hierarquias políticas, organização militar, classes sociais, manias, cobigas, defeitos, língua, folclore, etc. Por causa deites — dessas criaturas tão irreais como a cartuja de Parma ou o conselho Académico —, se apatizna a França inteira e lava por todo o lado o mistral da discórdia.

E como em tudo é preciso uma etiqueta, os defensores dos dois povos irreais receberam o nome de pró-shadokistas e os seus furados inimigos e de anti-shadokistas. Donde resulta que uma das comunidades em questão se chama, assim, os Shadoks. Mas quem são estes bizarros sujeitos cujo simples enunciado patronímico age sobre os franceses como a campainha do doutor Pavlov sobre as glândulas dos cães russos? Ouçamos o Jeová da epopeia shadokista contar-nos o génesis do caso: «Naquela tempo, havia o céu. A direita do céu, o planeta Gibi, planeta perfeitamente achatado e que se inclinava ora para um lado, ora para outro, de modo que os Gibis deslizavam e tombavam desse planeta. A esquerda do céu havia ou-

tro planeta, o planeta Shadok, a terra dos Shadoks. Este planeta não tinha nenhuma forma especial, ou melhor, mudava constantemente de forma, de modo que os Shadoks oiam também no espaço cósmico. Um dia, tanto os Gibis como os Shadoks decidiram pôr fim àquela situação periclitante e altamente incómoda, abandonando de vez os respectivos planetas. E partiram, os Shadoks e os Gibis, em direcção da Terra, pois sabiam que ali a vida era mais fácil, o planeta esférico e a alimentação abundante...

Assim começava o primeiro desenhado para adultos didro que a TV francesa começou a projectar em Outubro passado, para grande aborço furioso de 25 milhões de habitantes e fútil de outros tantos milhões de bipedes.



Um Shadok

E tão fortes e tão frenéticas foram as cuteladas que anti-shadokistas e pró-shadokistas trocavam todos os dias nas ruas, nos cafés, no emprego e até nas gazetas, que a direcção do O.R.T.F., decidiu suspender por um tempo o programa de Jacques Rouzel, René Borg e Jean Dejoux (assim se chamam os pais daqueles povos nómadas). Mas nem esta medida de bom-senso logrou apaziguar os ânimos porquanto, mesmo depois de recolhidos os Shadoks e Gibis da lucarnazinha mágica, ainda os jornais publicavam apelos ou diatribes suscitados pela aparição do desenho animado. E todos os dias, vários pelotões de carteiros levavam ao edifício da TV francesa pacotes de cartas a pedirem o regresso dos Shadoks ou o genocídio definitivo de tão bisonha gente. De tal modo se tinha polarizado a opinião que a mesma O.R.T.F. decidiu enfim sondar o seu público, perguntando-lhe se devia ou não tolerar o regresso dos Shadoks às antenas. Em poucos dias recebeu a O.R.T.F., 3000 cartas de shadokófilos e shadokófilos apaziguados, os primeiros clamando que os segundos eram mentecaplos e subdesenvolvidos, estes pugnando que os admiradores dos Shadoks eram antinacionalistas,

A terminar, alguns depoimentos dos shadokófilos: «Tenho 72 anos e o coração cheio de mágoas... Isso não me impede de achar que estes minutos (dos Shadoks) são cheios de espírito, de humor: admirem essa fantasia imaginativa e o talento do desenhado! Outro admirador dos Shadoks escreve: «É o único bom momento de distração do dia! Outro elogio: «Os Shadoks são uma pequena obra-prima de humor. Por fim: «Finalmente um pouco de humor, de evasão louca mais inteligente».



Strasbourg, Fevereiro de 1969.

(*) Que é, como se sabe, uma série policial norte-americana.

DUAS JOVENS CEARENSES

DESEJAM CORRESPONDENTES

Dois jovens brasileiras («temos olhos castanhos») querem corresponder-se com rapazes portugueses. Uma é a Renilda Almeida Mendes (Rua Prof. Costa Mendes, 405 — Fortaleza — Ceará) e outra a Zélia Maria de Mo-

rais («Apreciei tudo o que é belo. Peco foto na primeira carta»), que mora na Rua Aurora, 140 — Bairro Bom Futuro — Fortaleza — Ceará. Quem cure o apelo dos dois «strutinos»?

Conta Infantil

BANCO DO ALENTEJO

Guia

...GARANTIA DE PROXIMIDADE E COMPETÊNCIA

RUA D. DUARTE, 4-B (Edifício do Hotel Mundial)

Actualidade internacional

JEJUM ATÉ À MORTE



O «Beatle» solteiro, Paul McCartney

O «Beatle» solteiro desmente que vá casar-se

LONDRES, 6 — (R.) — O «beatle» Paul McCartney, desmentiu os boatos de que vai casar-se com a herdeira norte-americana das máquinas fotográficas, Linda Eastman, segundo revela hoje o «Daily Mail».

Charles Grenville, a colunista de mezeriques do jornal, citava o «beatle» solteiro como tendo afirmado: «Não é verdade, quando foi interrogado acerca de boatos de que está noivo de Linda, de 25 anos, da família Eastman. «Kudak, cuja fortuna provêdo da máquina fotográfica «Brownies».

O jornal acrescenta que Paul McCartney e Linda têm sido companheiros constantes nas últimas semanas. A jovem teria dito recentemente que estava planejando um casamento em Londres.

«Odisseia no espaço» e «Planeta dos macacos» na lista dos filmes candidatos ao Oscar

HOLLYWOOD, 6 — (F. P.) — Cerca de três mil membros da Academia do Cinema e das Artes passam actualmente em revista, em projecção privada, as melhores produções cinematográficas do ano passado, com vista a atribuição dos Oscars no mês de Abril. Aqui em Hollywood, os prognósticos já começaram.

Na opinião geral, o Oscar do melhor filme pode caber ao «Planeta dos Macacos» ou ao «Bullitt» ou ainda a qualquer dos seguintes filmes: «O Estrangulador de Boston», «2001 Odisseia no Espaço», «Rosemary's Baby» e «The Lion in Winter». Isto se de facto é certo que os membros da Academia de Hollywood se deixam impressionar pelos êxitos de bilheteira.

Para os Oscars dos melhores actores, entre os nomes citados quanto ao desempenho feminino fala-se de

O PRESIDENTE DO PAQUISTÃO ENFRENTA UM NOVO DESAFIO

KARACHI, 6 — (R.) — O presidente Ayub Khan enfrentava hoje um novo desafio visto o seu antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, Zulfikar Ali Khan, decidir jejuar até à morte a não ser que o estado de emergência, em vigor desde a guerra de 1965 com a Índia, seja levantado.

A dramática decisão de Bhutto, que se encontra detido desde Novembro nos termos das leis de emergência, foi anunciada a noite passada em Lahore pelo dr. Musharraf Hussain, membro proeminente do Partido do Povo, da esquerda, a que pertence o antigo ministro.

O dr. Hussain disse ignorar quando Bhutto, que se encontra agora na prisão de Sahiwal, perto de Lahore, começaria a sua greve de fome. «Ninguém sabe quando a poderá iniciar», declarou, acrescentando que a família e amigos de Bhutto tentavam dissuadi-lo, mas que ele estava resolvido a prosseguir.

TRINTA MORTOS NUM INCENDIO

TOQUIO, 6 — (R.) — Os corpos carbonizados de 30 pessoas foram encontrados nas ruínas de um centro hoteleiro e de diversões no Norte do Japão, que foi devorado a noite passada por um incêndio, durante um temporal.

A Polícia anunciou que mais 24 pessoas ficaram feridas em consequência do fogo, que fez com que 300 hóspedes e empregados do Bandai Kanko Hotel fugissem, cheios de pânico, para a rua.

Joanne Woodward em «Raguel», Raquel, Barbara Streisand em «Fuhny Girl», Katherine Hepburn em «The Lion in Winter», Mia Farrow em «Rosemary's Baby», Vanessa Redgrave em «Isadora»; quanto aos masculinos: Jack Lemmon «Strange Couplet», James Mason em «Andorinha», Stev Mac Queen em «Bullitt», Rod Taylor em «The Sergeant», Burt Lencosier em «The Swimmers» e Kirk Douglas em «The Brotherhood».

O «Planeta dos Macacos», «Rosemary's Baby» e «Odisseia no Espaço» são os mais favoritos para o melhor enredo, melhor música e melhor fotografia.

Para o melhor filme estrangeiro a França concorre com «Baisers Volés», de François Truffaut, a Itália com «A Vergonha» de Ingmar Bergman.

com o seu plano até ver realizado o seu pedido.

A decisão de Bhutto registada no momento em que o presidente Ayub Khan fez oserias para discutir reformas constitucionais com os seus adversários políticos. O regime de Ayub tem sido alvo de manifestações antigovernamentais há algum tempo e na última quinzena morreram, pelo menos, 33 pessoas durante protestos violentos.

Bhutto alegou ontem, num requerimento que apresentou ao Tribunal Superior de Lahore, que se encontrava detido devido ao presidente Ayub a recar como candidato à presidência.

O requerimento foi feito em apoio de uma petição contra a legalidade da sua prisão por acusações de ter incitado estudantes e outras pessoas à violência.

Nele, Bhutto negava ainda acusações formuladas pelo Governo contra ele e afirmava que diferenças sérias tinham surgido entre ele e o presidente Ayub durante e depois do conflito de 1965 com a Índia por causa de Caxemira.

Bhutto abandonou o Governo em meados de 1966. Um comunicado oficial, emitido na altura, afirmava que se demitira devido a não gozar de boa saúde.

MICHEL DEBRÉ EM MADRID

MADRID, 6 — (F. P.) — Durante a sua visita a Espanha, Michel Debré travará conversações com o generalissimo Franco e o ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol, Fernando Maria Castiella, acerca da situação europeia e mediterrânica.

Numa declaração feita no aeroporto de Madrid, o ministro dos Negócios Estrangeiros francês declarou que os seus contactos com as autoridades espanholas permitirão «determinar aquilo que deve ser feito para intensificar a cooperação franco-espanhola».

DE GAULLE RECEBE HOJE BORMAN

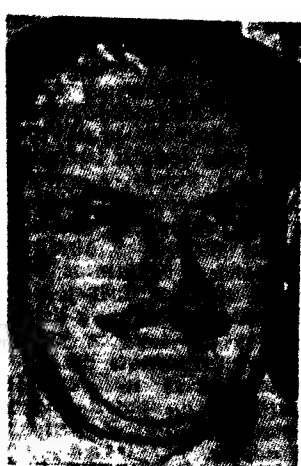
PARIS, 6 — (A. N. I.) — O presidente de Gaulle recebe hoje o astronauta norte-americano coronel Frank Borman, que ontem chegou a Paris, segunda etapa de uma digressão a oito países da Europa Ocidental.

Borman, um dos três tripulantes da nave lunar «Apollo 8», visitou ontem o centro espacial perto de Bretigny, onde trocou impressões com os peritos espaciais franceses.

Ao almoço, foi hóspede de honra do ministro francês dos Assuntos Atômicos e Espaciais, Robert Galley, que disse ser Borman um dos primeiros cidadãos do Universo.

A noite, o astronauta norte-americano ofereceu uma fotografia da recuperação da «Apollo 8» a Jean Jules Verne, neto do famoso escritor francês do século XIX, que escreveu, entre outros livros, «Da Terra à Lua».

Mais tarde, participou numa recepção para a qual foram convidadas setecentas pessoas, na residência do embaixador norte-americano em Paris, Sargent Shriver.



O presidente do Paquistão, Ayub Khan, que, devido à greve da fome do seu ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, Ali Bhutto, enfrenta novo perigo para o seu Governo

EMBOSCADA

CARACAS, 6 — (R.) — Foram mortos quatro soldados e cinco outros ficaram feridos durante uma emboscada preparada ontem por guerrilheiros perto da cidade de Cumanaco, no leste da Venezuela, segundo anunciou a noite passada o Ministério da Defesa.

A crise do Médio Oriente tem profunda ressonância nas novas gerações marroquinas

Por LOUIS GRAVIER

RABAT, Fevereiro — Um comício «para apoio à luta palestina» efectuou-se no passado dia 26 em Rabat. Esta manifestação não foi devida à iniciativa dos partidos mas à de uma associação marroquina, que fez deste apoio o objectivo das suas actividades. A filiação de vários oradores em formações como o Istiglal, a União Nacional das Forças Populares, o Movimento Popular Constitucional e Democrático, e a União Marroquina do Trabalho, testemunham uma unanimidade confirmada pelos dirigentes dos partidos respectivos, pois Allal El Fassi, Abderrahim Bouabi e Mahjub Ben e Seddik dirigiram mensagens de simpatia à assembleia. Com uma sensível maioria de estudantes e de jovens a composição desta, revela a ressonância nas novas gerações da crise do Médio Oriente. Outro exemplo foi dado pela importância concedida ao mesmo assunto, o ano passado, na sessão inaugural do congresso da União Nacional dos Estudantes de Marrocos. Criada há meses e tendo já efectuado reuniões em várias cidades a Associação para o Apoio à Luta Palestiniana ainda não se tinha dirigido a um amplo auditório na capital marroquina. Ao fazê-lo perante representantes de algumas embaixadas dos países árabes e a presença notada, a atenção dos observadores. Dos discursos, verifica-se que o conflito com Israel diz respeito não só aos Estados árabes como a todos os países muçulmanos, pois que os Santos Lugares do Islão estão em causa e que o islamismo deve ser

combatido activamente em toda a parte e que um facto novo, capital, consiste na luta dos palestinos.

Portanto não poderá existir solução de paz sem o acordo destes combatentes, a quem Marrocos deve dar auxílio efectivo com fundos recolhidos aqui, segundo foi proposto, receita que não pode efectuar-se, por intermédio da Associação, sem o acordo do Governo. Um dos representantes da organização Al Fatah, Nabli (residente habitual em Marrocos, onde se abriu igualmente uma delegação da Organização da Libertação da Palestina), propôs uma longa oração ao declarar que os marroquinos, que, por motivos bem compreensíveis, não podem intervir pelas armas, poderiam, por outros meios, encontrar o seu lugar no «combate libertador» da Palestina. A Associação reconhece que os dirigentes exprimem os sentimentos do povo marroquino em relação ao problema palestino. Por outro lado não adoptou, segundo parece, qualquer atitude que possa embaraçar o poder. Mas procura apertadamente provocar uma pressão das massas para um compromisso concreto e mostra-se desolado de cortar estes estas interpretações de que como país árabe mais afastado do teatro das operações, Marrocos tem a tendência a manter-se passivamente afastado do conflito.

(Exclusivo «Le Monde» — «Diário de Lisboa»).

Matou sete mulheres em 15 anos

VARSOVIA, 6 — (F. P.) — Uma sinistra história de crimes em série terminou ontem em Lodz, importante cidade industrial do centro da Polónia: um homem casado, de 39 anos, pai de um filho, foi condenado à morte por ter assassinado sete mulheres e tentado matar mais seis, no espaço de 15 anos.

Segundo apuraram os investigadores, o criminoso, Stanislaw Madzolewski, atraía as vítimas para lugares isolados, onde primeiro as estrangulava e depois violentava. O seu primeiro crime remonta a 1953 e entre esse ano e 1966 cometeu ao todo seis assassinatos. Após uma interrupção de dois anos, foi novamente tomado pela obsessão, estrangulando em Varsóvia, numa banheira, uma mulher de 64 anos. Foi este crime que conduziu à sua prisão.

Nos interrogatórios, o criminoso declarou que matava para se libertar de complexos de impotência sexual.

Conferência de alto nível dos países do Pacto de Varsóvia sobre a Checoslováquia

MOSCOVO, 6 — (R.) — Fontes comunistas da Europa Oriental disseram hoje que se espera ainda este mês a realização de uma conferência ao mais alto nível dos países do Pacto de Varsóvia para se ocuparem da situação na Checoslováquia. Essa conferência, no entanto, não se deve realizar nos dias mais próximos.

em Moscovo e convite da comissão central do Partido Comunista soviético.

Fontes bem informadas dizem que o chefe do Partido Comunista da Alemanha Oriental, Walter Ulbricht, ainda se encontra em férias na União Soviética, sendo possível que esteja em Moscovo.

As mesmas fontes acrescentam que tal reunião deve aprovar, embora de um modo limitado, os esforços do Governo de Praga para normalizar a situação no seu país.

Convidará também Alexandre Dubcek e outros dirigentes checoslovacos a prosseguirem os seus esforços contra o que o Kremlin considera uma reacção das forças anti-socialistas.

Entretanto, o chefe do Partido Comunista húngaro, János Kadar, é esperado hoje

A visita de János Kadar a Moscovo coincide com a do novo ministro dos Negócios Estrangeiros da Checoslováquia, Jan Marko, ontem chegado à capital soviética.

Por outro lado, um membro do politburo do partido checoslovaco, Evzen Erban, avisou-se há dois dias com Leonide Brejnev. Não foram divulgados pormenores sobre esse encontro mas pensa-se que Brejnev terá transmitido a Erban uma mensagem destinada aos dirigentes checoslovacos.



Fatma Mohammad Afamat, de 24 anos, Nahala Harez el Baiyed, de 19, e Fatma Za Ala Muradja, de 17, três mulheres de Gaza acusadas por Israel de pertencem à Organização de Libertação da Palestina e condenadas, respectivamente, a 15 meses, dois anos e três anos de prisão. A direita, um elemento feminino das Forças Armadas israelitas

A GREVE PARALISA NAPLUS NA CISJORDÂNIA OCUPADA PELAS FORÇAS ISRAELITAS

NAPLUS (Cisjordânia), 6 — (F. P.) — A greve total paralisa esta cidade pelo terceiro dia consecutivo. Estão fechadas todas as lojas e escolas.

Em Jennin, onde as escolas também estão fechadas, as alunas dos liceus tentaram organizar hoje, de manhã, uma manifestação, mas foram dispersadas pela Polícia.

Ontem, cinco raparigas de Jennin foram condenadas a ligeiras penas de prisão, com pena suspensa, por perturbação da ordem pública.

DECLARAÇÃO DE ARAFAT

CAIRO, 6 — (F. P.) — Yasser Arafat, o novo presidente da comissão executiva da Organização de Libertação da Palestina (O. L. P.),

declarou hoje que uma parte substancial das unidades do Exército de Libertação da Palestina seria transferida com armas e bagagens para o interior do território palestino ocupado, para tomar parte, ao lado dos «Fedayins», nas operações de resistência.

Segundo o jornal «Al Ahram», Arafat fez esta declaração quando da visita de inspecção que efectuou hoje às forças da O. L. P. estacionadas ao longo do Canal do Suez.

Ainda segundo o jornal egípcio, Arafat acrescentou: «A O. L. P. tornar-se-á num Exército de libertação popular. Não será um Exército

clássico, mas o núcleo e a base do Exército da revolução».

CONCENTRAÇÃO

TEL-AVIV, 6 — (F. P.) — O Governo e o Exército do Líbano continuam inactivos face à forte concentração de bases de Al Fatah no sudeste do país — afirmou ontem uma fonte militar israelita altamente autorizada.

Quanto mais tempo as autoridades de Beirute demorarem a agir contra as forças terroristas palestinas, mais difícil lhes será impedi-las de se infiltrar no Líbano — acrescentou a mesma fonte.

A LIBERDADE HUMANA DEFENDIDA PELO PAPA

CIDADE DO VATICANO, 6 — (F. P.) — «A Igreja Católica sempre apoiou a doutrina da liberdade humana e fundamentou nela o seu grande edifício moral e religioso. É impossível ser-se verdadeiro católico sem admitir essa prerrogativa soberana do homem», declarou ontem o Papa Paulo VI, durante a sua audiência geral das quartas-feiras.

O uso da liberdade, contudo, nem sempre é fácil, pois muitas vezes colide com o exercício da autoridade. A solução da antítese liberdade-autoridade «levanta graves problemas tanto no domínio pedagógico como no familiar, social e político, e até no domínio eclesial».

Mas a liberdade, especificou o Soberano Pontífice, não deve ser confundida com a cinéscia do espírito, a liberdade de nada fazer, com o esquecimento dos deveres. Uma concepção errada é infelizmente muito espalhada e aquela que confunde a liberdade guiada pela razão com a obediência aos instintos sentimentais ou animais. «Correntes modernas de pensamento revolucionário divulgam esta falsa concepção, que leva o homem a fazer-se escravo das suas paixões e fraquezas», disse o Papa, que a respeito da contestação concluiu: «A liberdade não consiste também em tomar as próprias atitudes opostas à ordem existente ou à opinião dos outros. Esse é o caminho

que conduz à perda da liberdade. Esta tão-pouco é a incensiosidade, a má educação ou a grosseria».



Armado de espingarda, um detective procura ajudar os seus colegas a conduzir o indivíduo que, em Melbourne, assassinou uma rapariga de 23 anos depois de a manter, como refém, durante algumas horas

Agitação em Itália

ROMA, 6 — (F. P.) — Intensificou-se a agitação estudantil em Itália, nas últimas 24 horas. Em Roma, os estudantes do «Movimento Studentesco» (movimento estudantil da esquerda) decidiram ocupar a Faculdade de Economia e Comércio, a fim de ali celebrar as sessões de trabalho do seu movimento. Isto eleva a seis em doze o número de Faculdades ocupadas pelos estudantes e onde as aulas estão interrompidas por tempo indeterminado (Direito, Física, Ciências Políticas, Matemáticas e Letras). A ocupação está limitada às horas diurnas, abandonando os estudantes contestadores o local ao cair da noite. As forças da Polícia que vigiam a zona das Faculdades, ainda não tiveram que intervir.

Além da Universidade, também foram ocupadas, pelos alunos, escolas técnicas e de formação profissional, a fim de ali celebrarem reuniões de trabalho para debater o seu programa de reivindicações. Na província, também estão ocupadas pelos alunos várias escolas técnicas e médias superiores. Em Bari, a Apúlia, ainda estão ocupados treze institutos médios superiores pelos estudantes, que pedem nomeadamente, a reforma dos exames e dos programas.

Em Bolonha, a maioria dos estudantes votou a favor da ocupação da reitoria da Universidade. O conselho académico publicou um comunicado destinado aos estudantes em que se salienta a gravidade do seu gesto e as consequências administrativas, civis e penais que este pode acarretar.

Por agora não se assinalam incidentes graves nos vários estabelecimentos de ensino italianos.

ALEMANHA: DESORDENS

BONN, 6 — (F. P.) — Continua a agitação estudantil na República Federal da Alemanha. Em Hamburgo e em Heidelberg os estudantes perturbaram e bloquearam parcialmente o tráfego nas grandes artérias. Deram-se desordens com a Polícia que prendeu um certo número de manifestantes.

Em Frankfurt, a Associação Geral dos Estudantes (A. S. T. A.) e o «S. D. S.», da extrema esquerda, anunciaram novas manifestações para hoje à tarde para protestar contra o projecto de lei acerca da prisão preventiva dos reincidentes incorrigíveis. A Polícia de Frankfurt proibiu todos os cortejos nas ruas da cidade e os estudantes começaram o dia de actividade com uma reunião na Universidade.

Em Berlim Ocidental um grupo de estudantes ocupou um instituto da Fundação Henry Ford. Os manifestantes retiraram-se em seguida depois de algumas lutas com a Polícia.

BERKELEY: ESTADO DE «EXTREMA EMERGENCIA»

SACRAMENTO (Califórnia), 6 — (R.) — O governador republicano da Califórnia, Ronald Reagan, declarou a noite passada o estado de «extrema emergência» nas instituições da Universidade da Califórnia, em

Berkeley, cenário antecedido de violentos confrontos entre a Polícia e estudantes.

Embora as grandes instalações universitárias estivessem ontem relativamente calmas, Reagan ordenou que tantos homens da patrulha da estrada do Estado quantos fossem necessários restaurassem a ordem em Berkeley.

NOVO «RECORD» TURÍSTICO EM ESPANHA

MADRID, 6 — (F. P.) — A Espanha bateu novo «record» turístico — anuncia-se de fonte oficial. Em Janeiro, entraram no país 600 000 turistas, o que equivale a um aumento de 13,5 por cento em relação ao mês do ano passado. Mais de metade destes turistas — 300 000 — são de nacionalidade francesa.

Segundo a mesma fonte, as entradas em divisas devido ao turismo do ano passado elevaram-se a 1 120,5 milhões de dólares, importância que corresponde a um aumento de 6 por cento em relação a 1967.

DÉCIMO TERCEIRO AVIÃO DESVIADO PARA CUBA

NO ANO CORRENTE

HAVANA, 6 — (R.) — Um DC-4 das linhas aéreas colombianas aterrou a noite passada na cidade de Santiago, no Leste de Cuba, após ser assaltado nos ares, segundo revelou um informador da Embaixada suíça nesta capital.

O informador acrescentou que o avião aterrrou em Santiago às 20 e 5, T.M.G.

A Embaixada, que trata dos assuntos colombianos em Havana, está a efectuar diligências para conseguir a partida do avião.

Julga-se que havia 43 passageiros e quatro tripulantes a bordo do avião comercial, que foi o décimo terceiro a ser assaltado nos ares e desviado para Cuba, este ano.

Outra instalação militar alemã atacada a tiro

HAMBURGO, 6 — (F. P.) — Foram disparados cinco tiros, ontem, pouco antes da meia-noite, contra os três militares que estavam de sentinela diante do quartel de uma unidade blindada no bairro de Rahlstedt, em Hamburgo. Os soldados não foram atingidos. A Polícia de Hamburgo abriu inquérito. A agressão causou viva emoção em Hamburgo e nas esferas militares, particularmente afectadas desde o ataque ao depósito de munições de Lebach (Sarre), há duas semanas, em que morreram três soldados e dois ficaram gravemente feridos.

A 130 metros do quartel, em Hamburgo, foram encontrados cartuchos de calibre de 6 mm, mas as sentinelas afirmaram que só tinham sido atingidas por cinco tiros.

A Polícia julga que os agressores se transportavam num carro de turismo.

OS GUERRILHEIROS INFILTRAM-SE EM SAIGÃO

(Continuação da 1.ª página)

elementos políticos e religiosos partidários da paz pró-comunista, declarou o presidente Van Thieu falando em Go Cong, cidade do Delta a sul de Saigão. «Entramos numa fase política ardente», acrescentou. A paz pró-comunista que certos políticos preconizam, certos bonzos e certos padres, poderia acarretar a morte do Vietnam do Sul.

«Embora o inimigo tenha ainda forças para desencadear ataques — continuou o presidente — já não tem poder bastante para nos impor uma solução política que levaria ao desaparecimento do país». Pediu aos chefes da província que avisassem os bons budistas e os padres católicos partidários da paz à maneira comunista que corriam o risco de serem presos.

COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

S. A. R. L.
L I S B O A

RELATÓRIO E CONTAS DO 104.º EXERCÍCIO — 1968

SENHORES ACCIONISTAS:
SENHORES OBRIGACIONISTAS:

De harmonia com a lei e os nossos Estatutos, apresentamos à vossa consideração o Relatório, o Balanço e as Contas respeitantes ao exercício de 1968.

No decurso do ano deixou a chefia do Governo Sua Excelência o Professor Doutor António de Oliveira Salazar, por motivo da doença de que foi acometido. Foi durante a gerência da pasta das Finanças pelo Prof. Doutor Oliveira Salazar que o Estado assumiu posição accionista no Crédito Predial, no âmbito de um conjunto de medidas propiciadoras de um período de expansão desta instituição, que perdura e esperamos se intensificará.

Com a expressão da nossa respeitosa homenagem, formulamos os mais sinceros votos pela saúde do Ilustre enfermo.

A Sua Excelência o Presidente do Conselho Professor Doutor Marcello Caetano dirigimos as nossas respeitadas saudações.

Apesar de, durante o ano transacto, no plano internacional se ter mantido a instabilidade geral, com forte incidência no sector monetário, é-nos grato registar que a solidez do escudo não foi afectada.

Enunciados superlucamente propósitos de dinamização da economia nacional, é legítimo aguardar as correspondentes e necessárias medidas no campo monetário e financeiro de modo a completar as disposições que vêm sendo publicadas desde 1967 e a assegurar a sua plena eficiência.

Mais precisamente no campo financeiro, e pelo que nos diz directamente respeito, mantemos a esperança de que a faculdade que nos é atribuída de emitirmos obrigações próprias se possa concretizar com brevidade e à luz das condições gerais do mercado; afigura-se-nos que a emissão das novas obrigações se poderá integrar com vantagem no sentido de uma mobilização economicamente útil da poupança privada.

Além do mais, se por um lado o exercício de tal faculdade é para nós condição de expansão mais significativa, por outro contribuirá para intensificarmos a acção saneadora do mercado, no âmbito do crédito relacionado com as transacções de imóveis.

Durante o ano findo entrou em funcionamento a nossa Dependência das Avenidas, em Lisboa, e prosseguiram com bom ritmo as obras de reconstrução e ampliação do edifício da Delegação do Porto.

Continuamos a inaugurar em breve os nossos serviços de operações com o estrangeiro, de modo a ampliar e diversificar as nossas actividades e a corresponder às solicitações dos nossos clientes.

O exame dos documentos que se submetem à apreciação da Assembleia permitirá avaliar o grau de expansão das nossas actividades.

Salientamos o volume dos empréstimos Prediais e Municipais, sector que mais caracteriza a nossa Instituição e que registou um aumento de 10,2%. Nos Depósitos verifica-se um acréscimo geral de 21%, sendo de destacar a melhoria do montante dos Depósitos à Ordem, cifrada em 24,7%.

Paralelamente, o número total de contas de depósito aumentou 34,8% e o número de contas abertas em 1968 foi superior em 55,8% ao verificado em 1967.

Foi transferida da conta Provisões Diversas para a conta Outros Fundos de Reserva a importância de 500 000\$00.

Apesar do agravamento, análs previsto, dos encargos gerais, realizadas que foram as provisões e amortizações julgadas convenientes — estas últimas agravadas em virtude das despesas com as obras na Dependência das Avenidas e na Agência de Coimbra — apurou-se um lucro de 9 206 000\$14 que, adicionado à importância de 34 192\$48 transitada do exercício anterior, permite obter um saldo de 9 240 252\$82 para o qual propomos a seguinte aplicação:

— Fundo de Reserva Legal	500 000\$00
— Distribuição de um dividendo de 12%	6 600 000\$00
— Outros Fundos de Reserva	2 000 000\$00
— Conta Nova	140 252\$82
	9 240 252\$82

Se a Assembleia Geral aprovar a proposta que apresentamos, o capital e as reservas atingirão 133 000 contos.

Em Março do ano transacto faleceu o antigo Governador desta Instituição, Sr. Coronel António Ferreira Neves.

Perante o desaparecimento desta figura, que serviu o Crédito Predial durante perto de 30 anos, aqui deixamos registada a expressão do nosso pesar, evocando as suas qualidades de firmeza, lealdade, inteligência e dedicação.

No decurso do exercício findo e de harmonia com o previsto no art.º 12.º dos Estatutos, foram preenchidas as vagas existentes no Conselho de Administração, sendo nomeados vice-governadores representantes do Estado os Ex.ªs Srs. Dr. José Venâncio Pereira Paulo Rodrigues e Dr. Joaquim Manuel Manso de Mendonça.

Terminam os seus mandatos o Vice-Governador representante dos obrigacionistas Ex.ª Sr. Eng.º Salomão José da Guerra Quaresma Vilhegas de Quinhones Levy, actualmente Governador-Adjunto, e o Conselheiro Fiscal representante dos accionistas Ex.ª Sr. Dr. Armando Ribeiro de Almeida, que tem presidido ao referido Conselho. Compete à Assembleia Geral proceder às eleições para provimento das vagas que assim se abrem, sendo permitida a reeleição.

O Conselho Fiscal acompanhou sempre as actividades da Instituição e prestou, designadamente através de participação nas reuniões do Conselho Geral, valiosa colaboração que gostosamente reconhecemos com elevado apreço.

É com muita satisfação que registamos o zelo e dedicação demonstrados pelos funcionários com cargos de chefia e demais empregados, no exercício das suas funções.

Lisboa, 14 de Janeiro de 1969

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

Adelino Augusto Nogueira da Costa — Governador
Salomão José da Guerra Quaresma Vilhegas de Quinhones Levy — Governador-Adjunto
José Raposo de Magalhães — Vice-Governador
D. Lopo de Bragança — Vice-Governador
José Venâncio Pereira Paulo Rodrigues — Vice-Governador
Joaquim Manuel Manso de Mendonça — Vice-Governador

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1968

ACTIVO

Disponível e Realizável

Caixa e Depósito no Banco de Portugal	81 660 589\$97	
Depósitos Noutas Instituições de Crédito	139 585 062\$86	
Promissórias de Fomento Nacional	7 000 000\$00	238 245 652\$83
Carteira de Títulos e Cupões	13 876 207\$80	
Carteira Comercial	132 836 298\$90	
Correspondentes no País	7 940\$37	
Empréstimos e C/Correntes Caução-nados	46 781 769\$25	
Devedores e Credores	41 000 748\$12	
Obrigações de Conta Própria	1 990 069\$20	
Empréstimos a Mais de Um Ano	33 504 127\$80	
Empréstimos Prediais e Municipais	582 754 695\$86	
Prestações de Empréstimos	15 837 745\$03	
Compradores de Propriedades	10 890 040\$98	
Propriedades para Liquidar	25 583 983\$86	
	905 072 665\$47	1 138 318 318\$30

Imobilizado

Imóveis	29 000 547\$47	
Amortizações (a deduzir)	9 486 398\$07	19 514 149\$40
Imobilizações Diversas		6 557 472\$15
		26 071 630\$55

Outras Contas do Activo

Contas Diversas		13 807 802\$06
		1 172 197 740\$90

Contas de Ordem

Valores de Conta Alheia	270 614 247\$76	
Valores Recebidos em Caução	348 953 042\$80	
Devedores por Garantias e Avals Prestados	110 672 981\$07	
Devedores por Aceites	27 675 827\$30	
Devedores por Créditos Abertos	118 905 331\$80	257 254 136\$97
Outras Contas de Ordem	156 458 010\$88	938 279 440\$76
		3 105 477 181\$85

O CHEFE DOS SERVIÇOS FINANCEIROS
J. Lourenço Bernardo

PASSIVO

Exigível

Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	342 385 841\$22	
Depósitos com Pré-Aviso — Moeda Nacional	1 448 883\$80	
Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	482 373 464\$23	826 208 189\$05
Cheques e Ordens a Pagar	694 204\$40	
Exigibilidades Diversas	1 341 664\$56	
Devedores e Credores	58 618 698\$36	
Obrigações (Emitidas)	78 681 520\$00	
Rendimentos Vitalícios	9 903 536\$84	146 239 617\$16
		972 447 808\$21

Não Exigível

Contas Diversas e Provisões		60 009 662\$07
-----------------------------------	--	-----------------------

Capital e Reservas

Capital		55 000 000\$00
Fundo de Reserva Legal		58 500 000\$00
Outros Fundos de Reserva		17 000 000\$00
		130 500 000\$00

Resultados

Lucros e Perdas		
Saldo do exercício anterior	34 192\$48	
Resultado do exercício	9 206 000\$14	9 240 252\$82
		1 172 197 740\$90

Contas de Ordem

Credores por Valores de Conta Alheia	270 614 247\$76	
Credores por Valores Recebidos em Caução	348 953 042\$80	
Garantias e Avals Prestados	110 672 981\$07	
Aceites	27 675 827\$30	
Créditos Abertos	118 905 331\$80	257 254 136\$97
Outras Contas de Ordem	156 458 010\$88	938 279 440\$76
		3 105 477 181\$85

O GOVERNADOR
A. Nogueira da Costa

CONTA DE LUCROS E PERDAS DO EXERCÍCIO DE 1968

DÉBITO

Juros e comissões a nosso cargo	26 982 871\$76	
Contribuições e impostos	3 737 357\$50	
Despesas com o pessoal	12 681 291\$93	
Despesas gerais	3 374 270\$43	
Encargos diversos	153 440\$20	
Provisões e amortizações	8 172 654\$17	55 001 585\$97
Saldo		9 240 252\$82
		64 243 185\$99

CRÉDITO

Saldo do exercício anterior	34 192\$48	
Juros e comissões a nosso favor	53 497 583\$81	
Resultados em operações s/ títulos	26 600\$00	
Rendimento de títulos de crédito	557 505\$10	
Outros rendimentos, receitas e lucros	10 124 257\$40	64 207 946\$11
		64 243 185\$99

CARTEIRA DE TÍTULOS

870 Obrigações do Tesouro de 2 1/2 %	576 340\$08
8 851 " " " " 3 1/2 %	8 858 950\$00
273 " " da Siderurgia Nacional de 5 % — 4.º Emissão	225 225\$00
686 " " da Sociedade de 5 % — Sociedades Reunidas de Fabricações Metálicas	548 800\$00
300 Ações da «CIDLA» — Combustíveis Industriais e Domésticos	2 100 000\$00
300 " " da Companhia Portuguesa de Higiene	30 000\$00
2 800 " " da COPTA — Companhia Portuguesa de Turismo do Algarve	1 800 000\$00
400 " " da SURFAL — Soc. Urbanizadora da Praia da Falésia	200 000\$00
	13 947 315\$08

CUPÕES DIVERSOS

Existência	26 982\$80
------------------	-------------------

(Continua na página seguinte)

13 974 315\$08

COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

S. A. R. L.

L I S B O A

PARECER DO CONSELHO FISCAL

(Continuação da pág. anterior)

SENHORES ACCIONISTAS:
SENHORES OBRIGACIONISTAS:

1. Ao iniciar o seu parecer sobre o Relatório e Contas de 1968, o Conselho Fiscal perfilha, inteiramente, as expressivas palavras do Conselho de Administração sobre o afastamento da chefia do Governo, por motivo de doença, de Sua Excelência o Professor Doutor António de Oliveira Salazar. Apresenta também as suas saudações a Sua Excelência o Professor Doutor Marcello Caetano.

2. No cumprimento dos deveres que lhe são atribuídos pelas disposições legais e estatutárias, o Conselho Fiscal acompanhou, com o mais vivo interesse, a actividade do vosso Crédito Predial e examinou e conferiu, com a maior regularidade, a escrituração, a caixa e os valores existentes. Tudo encontrou sempre na mais perfeita ordem. Pode assim emitir parecer seguro sobre o Relatório, Balanço e Contas respeitantes ao exercício de 1968 a que dá o seu pleno acordo.

O ano de 1968 não foi de conjuntura fácil. As últimas medidas monetário-financeiras que concorreram para o agravamento dos encargos, não correspondem a qualquer benefício nas operações que implicam a concessão de créditos a médio e longo prazos, apesar dos riscos e responsabilidades que envolvem.

Mau grado estas circunstâncias, o Balanço, como poderéis verificar, apresenta um aumento de 21,12% nos Depósitos, vistos no seu conjunto, um aumento também sensível nos Empréstimos e resultados ligeiramente superiores aos do exercício transacto, isto sem prejuízo das habituais provisões e amortizações.

Ainda poderéis ver pelo Balanço que, se forem aprovadas as Contas em apreço, os Fundos de Reserva se elevarão a um montante muito significativo se posto em confronto com o do capital social.

Os números e resultados apresentados, são méritos a registar em abono da Administração criteriosa e eficiente.

3. Já no final do exercício tomaram posse os v. ex. governadores, dignos representantes do Estado, Ex.ªs Srs. Drs. José Venâncio Pereira Paulo Rodrigues e Joaquim Manuel Manso de Mendonça.

Os serviços já prestados por S.ªs Excel.ªs ao País, constituem garantia de que a sua actuação será muito proveitosa para o vosso Crédito Predial.

4. O Conselho Fiscal associa-se ao pesar manifestado pelo Conselho de Administração quanto ao falecimento do Sr. Coronel António Ferreira Neves, antigo Governador desta Instituição, a qual prestou os mais assinalados serviços.

Também se associa as elogiosas referências que faz a todos os funcionários e agradece, reconhecendo, as expressões de apreço que são dedicadas a este Conselho Fiscal.

5. Em conclusão, tem a honra de propor:

- 1.º — Que sejam aprovados o Relatório, Balanço e Contas, apresentados pelo Conselho de Administração, referentes ao exercício de 1968;
- 2.º — Que ao s.ºdo de Lucros e Perdas seja dada a aplicação sugerida pelo mesmo Conselho;
- 3.º — Que seja ainda aprovado um voto de merecido louvor ao Conselho de Administração pela competência e zelo com que geriu os negócios;
- 4.º — Que se proceda à eleição para o preenchimento dos cargos vagos.

Lisboa, 14 de Janeiro de 1969

O CONSELHO FISCAL,

Amando Ribeiro d'Almeida
Manuel Paulo de Azevedo Albuquerque Freitas
Luís d'Ortiz Pereira Coutinho

LIVROS NOVOS

«DIREITO DAS OBRIGAÇÕES», pelo prof. dr. MARIO JÚLIO DE ALMEIDA COSTA

Pela Atlântida Editora foi agora publicado um volume de «Direito das Obrigações», da autoria do prof. dr. Mário Júlio de Almeida Costa, catedrático da Faculdade de Direito de Coimbra e actual ministro da Justiça. A obra não pretende propriamente ser de grande inovação ou investigação, antes, sobretudo de compendiação escolar — efeito para que foi escrita, e lhe imprime o carácter.

Aliás, o autor, em nota prévia, explica-o como se impunha: «Os apontamentos que dou à estampa foram elaborados com objectivos didácticos, resultando do meu ensino universitário no próprio ano lectivo em que se verifica a publicação e entra em vigor do novo Código Civil português. Inserir-se no plano mais vasto de umas instituições gerais de direito civil já esboçadas e que tencionava publicar a breve trecho, depois de um indispensável trabalho de acréscito e de revisão».

E o prof. dr. Mário Júlio de Almeida Costa termina acentuando:

«Este projecto ficou entretanto prejudicado pelas funções públicas que fui chamado a desempenhar. Mesmo assim, parece-me que terá algum interesse a publicação deste simples ensaio de roteiro da actual disciplina do direito das obrigações — com excepção dos contratos em especial não obstante a sua elementaridade e o carácter dubitativo ou provisório de uma ou outra solução. Ao menos procedeu-se à sumária correcção das folhas que circulam policopiadas. Bem se presentará que tenham sido dedicadas a essa tarefa horas de ponto».

Como se vê o autor deste novo volume sobre «Direito das Obrigações» tem a perfeita consciência dos justos limites e das exactas limitações de uma obra como a ora publicada, e na qual é bem visível a sua origem, como bem visíveis são os seus objectivos. Mas bem andou o prof. dr. Almeida Costa em, mesmo assim, o dar a lume — pois é indiscutível o seu interesse, sobretudo em tudo quanto se refere ao novo Código Civil, dentro da vigência do qual é, essencialmente, a primeira obra didáctica, orga-

nizada, sobre esta vasta e complexa matéria de que o prof. dr. Manuel Andrade foi, como em outras, o grande mestre, e que tem hoje no prof. dr. Vaz Serra o mais constante e informado estudioso.

A sistematização e a linguagem da obra são simples e claras, o que muito ajuda a que ela cumpra os seus objectivos.

«O FENÓMENO ECONÓMICO-SOCIAL DA EMIGRAÇÃO MADEIRENSE»

pelo dr. Agostinho Cardoso

Em separata da «Revista de Direito Administrativo», publicou a Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal o interessante trabalho do deputado sr. dr. Agostinho Cardoso, intitulado: «O fenómeno Económico Social da Emigração Madeirense».

Abordando um problema fundamental — o do despoimento da Madeira pelo fluxo emigratório — o autor trata em pormenor dos aspectos capitais, valorizando o seu trabalho com elucidativos mapas de números estatísticos e partindo do fulcro da questão que foca nos seus variados aspectos. «O fenómeno migratório no arquipélago da Madeira — escreve o sr. dr. Agostinho Cardoso, ao iniciar o seu estudo — tem causas idênticas às da emigração no continente português: insuficiente desenvolvimento socio-económico, e pressão demográfica não equilibrada por uma suficiente industrialização, suficiente emprego e suficiente estruturação da agricultura». Há outras causas, evidentemente, que o autor não ignora e outros aspectos do problema, ao qual, nos variados aspectos, o autor dedica o seu estudo, que inclui, entre outros de muito interesse um capítulo sobre «Bases de uma Política de Emigração para a Madeira».

I COLÓQUIO PARA DIRIGENTES SUPERIORES DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Em edição na série «Documentos», publicou o Secretariado da Reforma Administrativa exposições efectuadas no «Colóquio para Dirigentes Superiores da Administração Pública» efectuado de 13 a 17 de Maio do ano passado.

Entre outros documentos se contém as palavras do

então ministro de Estado dr. Mota Veiga, e as exposições realizadas pelo prof. A. Marques Guedes, eng.º A. Vaz Pinto, prof. Leite Pinto e dr. Diogo de Paiva Brandão.

«ASPECTOS BIOLÓGICOS E ECONÓMICOS DA PECUÁRIA DE ANGOLA»

pelo dr. J. LIMA PEREIRA

Em edição dos Estudos Gerais Universitários de Angola foi publicado este estudo do dr. J. Lima Pereira sobre «Aspectos Biológicos da Pecuária de Angola».

É a lição proferida aos médicos no Curso de Malariologia em 6 de Julho de 1967, na Escola Técnica dos Serviços de Saúde de Angola, efectuado em Luanda. Assistiu a essa lição e participou no curso também o prof. J. Cambouquien.

Estado técnico. Tratando particularmente aspectos médicos da província de Angola.

«GRANDES CHEFES MILITARES»

pelo general Ferreira Martins

Tem interesse grande este volume em que o general Ferreira Martins um dos nossos melhores escritores militares, com provas dadas em campanha e com uma vertiginosa de cidadã que ombreia com a competência do escritor e a valentia do militar, fala de quatro militares franceses que influenciaram decisivamente a evolução da Primeira Guerra Mundial: Joffre, Foch, Pétain e Lyautey.

Alé final da sua vida que não foi breve, o general Ferreira Martins se manteve o militar e o cidadão exemplar. Com esses chefes militares ele contactou pelas funções que desempenhou no Corpo Expedicionário Português. Lembra-se agora enternecidamente alguns casos, como ao marechal Pétain depois de condenado à morte e de ter sido objecto de controvérsia que não findou ainda embora vá abrandando o seu fragor.

As «Exposições» Excelentes de João de Almeida Junior mantêm, com uma persistência e uma dignidade verdadeiramente exemplares, não esqueceram o seu velho colaborador general Ferreira Martins e a edição do seu livro é realmente modelar.

Dizem os leitores...



Um aspecto do estado actual do troço da estrada Tomar-Fundão

EM PÉSSIMO ESTADO UM TROÇO DA ESTRADA NACIONAL TOMAR-FUNDÃO

De um nosso leitor que verdadeiramente se identifica e escreve esta carta:

«Depois de ter hesitado, por várias vezes, em escrever, resolvi-me a fazê-lo, pois não acho honesto calar um assunto que, se bem que não seja transcendente, interessa contudo a muita gente, pois dele está em parte dependente o progresso de uma vasta região. Há males que não se curam só porque não houve coragem para os debelar publicamente. Nesta sequência de ideias, tem realmente razão — ao menos parcialmente — o provérbio que diz que «quem cala consente». Foi a pensar nesta

verdade que me senti compelido a escrever sobre o assunto.

«Trata-se da Estrada Na-

cional N.º 238 (Tomar ao Fundão). Não toda, evidentemente, ao menos por agora, somente o percurso do Or-

Necrologia

FALECIMENTOS

Jornalista Aurélio Augusto César

PONTA DELGADA, 6. — Faleceu nesta cidade o jornalista Aurélio Augusto César, de 77 anos, figura muito popular e estimada nesta ilha. Na primeira Grande Guerra, Aurélio César foi enfermeiro militar, tomando parte num corpo expedicionário a Angola, e a sua acção mereceu-lhe a Cruz de Guerra. Nas últimas décadas consagrou-se ao «Correio dos Açores», a sua melhor dedicação, sendo de destacar as suas tiradas de reportagens, sempre revestidas da maior oportunidade. Grande entusiasmo do desporto, foi um dos primeiros impulsores da prática do futebol na ilha de S. Miguel.

Filipe Pinto

Depois de amanhã, às 8 horas, na igreja da Encarnação,

será rezada missa de suffragio por alma do sábio, fadista Filipe Pinto.

Eng.º Percival Frank Hart

Ao fim da manhã, realizou-se para o cemitério ingles o funeral do sr. eng.º Percival Frank Hart, de 79 anos, viúvo, natural de Brighton (Inglaterra), vogal do conselho de administração da Standard Electric, de que foi administrador designado.

Foi pai do sr. Paul Ronald Gore Hart.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis

Telefone 534167 P.P.C.A. (4 linhas) 43189/662772/28022

**J
P
I
M
E
N
T
A**

MORADIAS — LUXUOSAS EM PAÇO D'ARCOS (e brevemente em Cascais)

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS
Especialmente Amadora, Venda Nova
e Paço d'Arcos

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187\$50 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

AMADORA PAÇO D'ARCOS

Próximo à Estação do C. F.
e Reboleira

Esparçal

Linda vista do mar

ANDARES

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios, porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos.

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 45843 - 47843

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021/22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 933670

S. A. R. L.

**ALUGUER
SEM CONDUTOR**

CARROS NOVOS —
PREÇOS ACESSÍVEIS



Avenida Pa-
dro Manuel
da Nóbrega,
10-B.

Telef. 72 76 54 - 72 49 75
LISBOA

Rua MAFRA, «DIÁRIO DE
LISBOA» vende-se no café e
cervejaria Sábino Faria, 18-A.

F A R O

AOS BANCOS, COMPA-
NIAS DE AVIAÇÃO,
AGENCIAS DE VIAGENS
E STANDS DE AUTO-
MÓVEIS

Transpase em óptimo local
estabelecimento próprio para os-
tas actividades.

Resposta: Rua Gil Vicente,
n.º 5 — COIMBRA.

PUBLICAÇÕES

«Além-Mar» — Número de
Fevereiro.
«Miriam» — N.º 10-12.
«Fundexport» — N.º 465.
«Boletim da Academia das
Ciências de Lisboa» — Vol. 40,
Fasc. III.
«Estrela» — N.º 137.
«Lanificio» — N.º 225-226.
«Boletim Informativo da
Associação Comercial de Lis-
boa» — N.º 208.
«Rádio Moçambique» —
N.º 382.

«Impeto» — Número de Ja-
neiro.

«A Indústria do Norte» —
N.º 587.

«Policia Portuguesa» —
N.º 190.

«O Escritório» — N.º 32.

«Conservas de Peixe» —
N.º 274.

«Stella» — N.º 374.

«Anais do Clube Militar Na-
val» — Número especial co-

memorativo do cinquentená-
rio do combate do «Augusto
de Castilho» e n.º 10 a 12.
«Brèves Nouvelles de Fran-
ce» — N.º 1012.
«Indústria Portuguesa» —
N.º 491.

**CAMISAS
POR MEDIDA**

• seu género e seu gosto
Rua Pedro Nunes, 39
ao Saldanha

MINISTÉRIO

DAS COMUNICAÇÕES

**DIRECÇÃO-GERAL
DA AERONÁUTICA
CIVIL**

**CONCURSO PÚBLICO PARA
A ARREMATACÃO DA EM-
PREITADA DE «FORNECI-
MENTO E MONTAGEM DE
TRANSPORTADORES MECA-
NICOS TIPO RACE-TRACK»
NA AEROGARE DO AERO-
PORTO DE LISBOA**

Faz-se público que no dia
24 de Março de 1969, pelas
15 horas, na Direcção do Ser-
viço de Obras da Direcção-
Geral da Aeronáutica Civil,
Avenida Sidónio Pais, n.º 8-5.º,
em Lisboa, e perante a Co-
missão para esse fim nomea-
da, se procederá ao concurso
público para a arrematação
da empreitada acima refe-
rida.

O depósito provisório de
39.400\$00 (trinta e nove mil e
quatrocentos escudos) será
efectuado na Caixa Geral de
Depósitos, Crédito e Previ-
dência, ou suas filiais, me-
diante guia passada pelo pró-
prio, em qualquer dia útil até
às 12 horas da véspera do dia
do concurso e o depósito de-
finitivo será de 5% do valor
da adjudicação.

Serão admitidos a este con-
curso os empreiteiros de
Obras Públicas com alvarás
da 8.ª Subcategoria da VI Ca-
tegoria, subclasse A da 2.ª
classe.

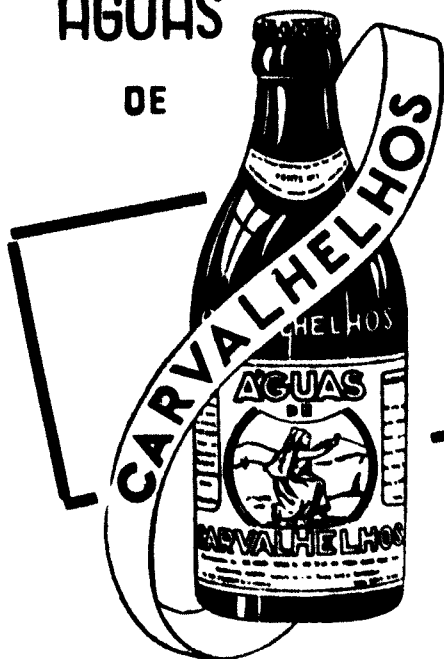
O processo encontra-se pa-
tente todos os dias úteis, das
9 às 12 e das 14 às 17,30 ho-
ras, na 3.ª Repartição da Di-
recção do Serviço de Obras,
no edifício n.º 4 do Arran-
mento B do Aeroporto de Lis-
boa, onde se prestarão todos
os esclarecimentos.

Direcção-Geral da Aero-
nautica Civil, 4 de Fevereiro
de 1969.

O DIRECTOR-GERAL
Eng.º Victor Vercos

SE TEM SEDE DE SAUDE

**ÁGUAS
DE**



B E B A

CARVALHELHOS

DESTAS ÁGUAS DISSE

O EXMO. PROF. DOUTOR A. HERCULANO DE CARVALHO:

**A ACTUAL EMPRESA CONCESSIONÁRIA NÃO SE TEM POUPADO
A ESFORÇOS PARA VALORIZAR**

AO MÁXIMO A INEGÁVEL RIQUEZA HIDROLÓGICA QUE EXPLORA

CARVALHELHOS FONTES DE JUVENTUDE

Rádio

PROGRAMA DE HOJE
MISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 30: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir? 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da tarde; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 18 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Canele de Abreu e Judith Navarro; 18 e 40: Música e Sonho; 19 e 50: Música só musica; 20 e 40: 7.º episódio do folhetim «A Casa da Nespereira»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias pela orquestra Caravelli; 21 e 40: Variedades; 22 e 30: Orquestras e conjuntos; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16 e 30: 1.º e 2.º actos da ópera «Idomeneu» (Mozart); 18: Música do século XX

Obras de Witold Lutoslawski; 19: Horizonte, semanário de Letras Artes; 19 e 30: Folclore Português — Música da ilha Terceira (Apores) recolhida por Artur Santos; 19 e 45: Música de piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música instrumental — Duas danças eslavas; 20 e 30: Concerto pelo grupo vocal feminino Harmonia, sob a direcção de Friedrich Wilhelm Verner — obras de Hans Lang, Brahms; 21: Música de mesa: Abertura (Teleman); 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pelo cantor Hugo Casares, com a colaboração da pianista Maria Antónia Saldanha; 22 e 10: Rapsódia húngara n.º 2 (Liszt); 22 e 20: Poemas sinfónicos — «As fontes de Roma» (Respighi) — «Os Pinheiros de Roma»; 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.



AMANHÃ — 1.º Programa — As 14 e 40: C-o Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Quarto de Brinquedos; 20 e 20: Vámos Dormir; 20 e 30: Nós as Mulheres; 20 e 45: Sangue na Estrada; 21: Cortaz TV; 21 e 55: Balada; 22 e 20: Noite de Cinema — «O Romance de Teller», com Charles Chaplin; 23 e 40: Telejornal, Meditação e Fecho.

2.º Programa — As 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Expedição — «Caça em Angola»; 22 e 15: O Maioral; 23 e 35: Telejornal e Fecho.



Fecho.
RÁDIO CLUBE — 290,19 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 05: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: Diapasão; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música e palestra religiosa; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 02: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Clube das Danças de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robôbalas; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte da vida; 21 e 05: Cabana de escuta; 21 e 15: Rádio; 21 e 30: Leituras; 21 e 45: Francisco e Emília; 22 e 02: Hoje é vedela...; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença combrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Vozes portuguesas; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Variedades; 21 e 30: A guitarra de Carlos Paredes; 21 e 45: Conjuntos vocais; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música ligeira variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 20 e 55: Meditação; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A Música é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Dos 7 às 8 e dos 12 às 14 e 30 — Rádio Voz de Lisboa — Dos 10 às 12 e dos 19 e 30 às 22 — Clube Radiofónico de Portugal — Dos 8 às 10 e dos 20 às 2 — Rádio Graça — Dos 14 e 30 às 19 e 30



HOJE PODE VER...



SIMONE DE OLIVEIRA



SABRINA



TONY DE MATOS

VARIEDADES: DESFILE DE VEDETAS

O arquitecto Herlander Peyroteo é o realizador do programa de variedades que a RTP transmite esta noite, pelas 21 e 55.

Neste programa estarão as atracções nacionais Simone de Oliveira e Tony de Matos, além da vedeta francesa Sabrina, que veio aos estúdios da RTP contratada especialmente para este programa.

Simone interpreta «Quero viver em paz», de Nóbrega e Sousa e António José, e «Quando me enamoro».

Por sua vez, Tony canta a conhecida composição «Anabela de Luanda», de César de Oliveira e Carlos Dias, e «Lisboa é sempre mulher», cuja letra também é de César de Oliveira e a música de João Nobre.

Participam também a parilha de baile «Kris and Stig Ersborn» e o «Ballet Star Dancer's», além da orquestra dirigida pelo maestro Ferrer Trindade.

canal da crítica

NOITE DE «TEATRO»: ALGUM ADVOGADO SALVARIA DA FORÇA ESTE RÉU?

Branca — mais do que Branca, imaculada — tinha 29 anos, e desde o fim do seu curso nunca mais saíra com rapaz nenhum. Uma infeliz. Sim, digam-me lá, uma rapariga sem rapaz que graça tem? E vice-versa? Vai um dia, a mãe dela disse pró pai dela: «Ó Artur, tu já reparaste que...» o Artur não tinha reparado. Um distraído. Mas passou a reparar, imediatamente. A filha, Branca, quanto a namorados — nicles.

— Os rapazes não apreciam o meu género — dizia ela.

E o pai Artur filosofava:

— Deixa lá, filha, as coisas podem mudar.

Enfim, a eterna esperança. O pai Artur lembrava as excelentes qualidades morais da Branquinha e murmurava: «O que lhe faltava era um empurrãozinho...»

Desenrola-se, então, a cadeia da amizade: a mãe pede ao pai e o pai pede... a quem? A quem há-de ele pedir? Ao Tomás, sim, ao Tomás, o Tomás era sobrinho dele, o Tomás devia-lhe favores, Artur (ó flor dos tios extremos!) ajudara-o a montar a loja de alfaiate, o Tomás podia arranjar-lhe um rapaz que...

Artur pede ao Tomás. O Tomás fala de um ajudante que tem na loja. Rapaz instruído, tímido mas ambicioso. Artur encolhe os ombros?

— Bom, mais vale um ajudante de alfaiate do que nada...

O alfaiate chamava-se Geraldo. Geraldo, o «Com Pavor». Vivia horrorizado com a ideia de namorar. Tomás bem lhe dizia: «Você tem

biclitaria mais rudimentar: «O amor tem os seus encantos. Experimentá-lo é adoptá-lo!»

Para encurtar razões: Geraldo, o «Com Pavor» telefonava à Branca, convidava-a para sair com ele, vai buscá-la a casa, a mãe de Branca imaculada abre-lhe a porta e assistimos a um diálogo muito saboroso. Escutem:

Mãe — Coma um bom-bom...

Geraldo, o «Com Pavor» — Muito obrigado, não tenho fome!

Branca sai pelo braço de Geraldo. Não se ouve a marcha nupcial, mas subentende-se.

Não me esforcarei mais por sublinhar a nenhuma qualidade da «peça» escrita por um tal Charles Cohen. Conhecem? Nem eu. Convém lembrar que, pela situação criada pela cobrança de direitos de autor, dinheiro, e

não pouco, vai sair do País para os bolsos de um tal Cohen, que, afinal de contas, nem escreve pior do que muitos dos habituais clientes portugueses das noites de Teatro Botelho da Silva, tradutor e adaptador, no fim, em vez disso, ser o autor.

Duas palavras mais.

São em número de quatro as possíveis relações teatro-televisão:

a) A televisão transmite uma peça representada em palco;

b) A televisão leva peças de teatro para o estúdio;

c) A televisão adapta peças à linguagem televisiva;

d) A televisão dá teatro expressamente criado para ela.

No século de ontem foi o segundo caso que aconteceu. Quando se diz que Botelho adaptou, caí-se em erro. Deveria dizer-se: «Botelho adoptou». Ele não terá feito mais do que dar um certo arranjo (...e sempre faz arranjo, pois é) corta aqui, cose ali. Na realidade, clima de teatrotro foi coisa que não houve! Não falemos já do ridículo das palavras e das situações: aquilo ontem foi a negação completa do teatro para televisão: o palco esteve sempre lá, bem presente.

Actores? É a velha história: eles não têm culpa, eles precisam de viver, de trabalhar, de ter contacto com o público. Embarquemos uma vez na velha história. Mas a verdade é que já me vou fatigando (e envergonhando) desta caridade.

M. C.

ENIGMA: «O OITAVO DIA»

A odisseia de um ex-campeão de «baseball» que um acidente pôe quase cego é relatada num episódio desta apreciada série. Tem o título «O oitavo dia» e é exibido pelas 22 e 55.

São intérpretes: Georges Maharis, Barbara Barie, Michael Tolan e Andrew Duggan.

Realização de Richard Donner.

2.º PROGRAMA

EXPEDIÇÃO: CAÇA EM ANGOLA

Cerca das 21 e 50 é transmitido o programa «Expedição», que será preenchido por um documentário sobre a caça em Angola, já transmitido, na rede nacional, no dia 24 de Novembro do ano passado. Através deste documentário acompanha-se todo o movimento, riscos e atractivos de um «safári», isto é, de uma caçada às feras.

★

O MAIORAL: COISAS DO DESTINO

Lee Cobb, Dong McLure, Gary Clarke James Drury (o Maioral), são os principais intérpretes do episódio «Coisas do destino», que se exhibe pelas 22 e 15, e cuja realização é de Maury Gerathy.

Temos que a namorada de Trempas se apaixona por Gaynor, um negociante de Chicago, que veio a Shiloh comprar gado. Após vários incidentes, Trempas descobre que um pistoleiro, contratado por inimigos de Gaynor, quer eliminar este. Apesar de tudo, o vaqueiro abate o assassino, defendendo a vida do seu rival...

FERGUSON
 A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

MECANIZAÇÃO DE SERVIÇOS
 CONTAS CORRENTES, SALÁRIOS, ETC.

EFIDEX KIBENZLE

LISBOA: Av. João XXI, 4-A
 LEIRIA: Rua Gago Coutinho, 22 e 24
 PORTO: Rua Passos Manuel, 228-2.ª.º.º.



Maria Eduarda Coelho Setti, representante dos Transportes Aéreos Portugueses no III Concurso Internacional de Assistentes do Bordo, a realizar em Punta del Este (Uruguay), de 10 a 17 de corrente, recebe do sr. eng. Alvaro Roquete um jogo de pulseiras e brincos de filigrana, destinado à vencedora do concurso. O director-geral do Turismo entregou-lhe, também, um livro, autografado por si, sobre Portugal, como oferta pessoal para o sr. Mauricio Lliam, presidente da Cámara de Turismo de Uruguay.

DIÁRIO DE LISBOA

O sr. dr. Alfredo Pinto, ao deixar o cargo de chefe do distrito de Viana do Castelo, enviou ao nosso representante naquela cidade as suas saudações e agradecimentos pela colaboração que o «Diário de Lisboa» lhe prestou.

Por intermédio do chefe do seu gabinete, o ministro das Comunicações agradeceu ao «Diário de Lisboa» o noticiário referente à sua recente visita ao Porto.

O nosso prezado colega «Comércio do Funchal» transcreveu do «Diário de Lisboa» a nota de V. D. «As voltas que o Mundo dá» e «E. U. A.: o sistema de mobilização funda-se na desigualdade social e racial».

Do nosso leitor português sr. Armando Miranda recebemos um telegrama de felicitações pelo artigo «São oportuno como necessários» sobre a situação dos agentes comerciais, publicado na nossa secção «Tribuna Livre», da autoria de Jacinto José Fernandes.

DE COIMBRA

O Carnaval Universitário (festa luso-brasileira) com excursão ao Algarve

O Secretariado de Inter-câmbio e Turismo Universitário do Centro Académico de Democracia Cristã (C. A. D. C.) está empenhado numa campanha de promoção de turismo interno durante a época de Inverno, mantendo, para tanto, contacto permanente com o Departamento de Turismo Universitário — SIAEST e o RITU da Faculdade de Direito de Lisboa, no sentido de promover a primeira iniciativa dentro desse plano e em conjunto. Assim, o Carnaval Universitário-69, será uma festa luso-brasileira, e constituirá a primeira realização. Inclui uma excursão ao Al-

garve, em autocarro de turismo que tomará parte no Carnaval em Loulé.

As inscrições estão abertas no SITU do C. A. D. C. na Couraça de Lisboa, 30, das 14 e 30 às 18 e 30, ou pelo telefone 27926 — dentro do mesmo horário, a todos os estudantes universitários, licenciados até depois de concluído o respectivo curso, professores actuando como chefes de grupos e cônjuges ou filhos de qualquer pessoa incluída nas categorias anteriores. O preço da viagem é de 890\$00, de Coimbra à Praia de Alvor e Loulé, incluindo a estadia num hotel de primeira classe.

O cinquentenário do Liceu Infanta D. Maria

Tudo se prepara para que as comemorações do cinquentenário do Liceu Infanta D. Maria decorram com o maior brilho. E há grande entusiasmo entre as antigas alunas.

A comissão encarregada da «Merenda de Confraternização de Antigas e Actuais Alunas», tem abertas as inscrições (120\$00) até depois de amanhã.

Reuniões científicas

No Instituto de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina, o sr. dr. Lopes Cardoso fez mais uma conferência do ciclo que está a realizar. Desenvolveu o tema: «Os vários tipos de leucemia e paraproteinémias».

Doutoramento em Coimbra

COIMBRA, 6 — Foram marcadas para os dias 10, 13 e 14 de Março, as provas de doutoramento em Matemática Pura, pela Faculdade de Ciências, a prestar pelo licenciado sr. dr. Graciano Neves de Oliveira.

Espectáculos para hoje

CINEMAS
Gil Vicente — A's 21 e 30: «O elogio da preguiça» (12 anos).

Avenida — A's 17 e 45: «Uma encantadora idíota» (12 anos); às 21 e 30 — «Migração na União Soviética» (12 anos).

Tivoli — A's 21 e 30: «Cabeça de Martelo» (17 anos); Sousa Bastos — A's 21 e 30: «O regresso dos Sete Magníficos» (17 anos).

Farmácias de serviço

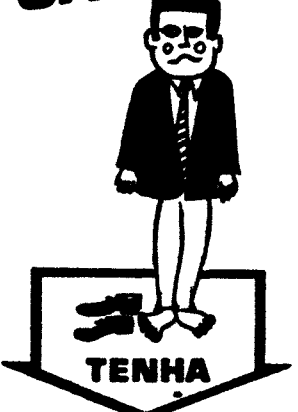
São Sebastião — Rua António Jardim (Tel. 22802).

Silcar — Rua Ferreira Borges (Tel. 22923).

Universal — Praça 8 de Maio (Tel. 23744).

Adriana — Praça da República (Tel. 23609).

NÃO TENHA CALOS*



ADIOS CALLOS E ADEUS CALOS!



Danisol
REPRESENTAÇÕES, LDA.
av. da República, 35, 1.º e 2.º
TELEF. 4337/73040 • LISBOA-1

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Vende	Ultramarinas	Efec.	Compra	Vende
Consolidado 4 1/4% ...	—	—	520\$	Diamante Angola	137\$	137\$	1380\$
Consolidado 3%	—	54\$	550\$	M. E. Revul	580\$	580\$	585\$
Consolidado 3 1/2%	—	650\$	65\$	Ind. do Principe	—	750\$	—
Centenários 4%	—	—	420\$	Moçambique	—	7\$	76\$
Obriga. Tesouro 5% ...	1000\$	600\$	600\$	sonete n	—	—	—
Ext. 5%	—	600\$	670\$	sonete p	320\$	32\$	322\$
Ext. 5 1/2%	—	680\$	810\$	Zambézia	54\$	33\$	54\$
Ext. 5 3/4%	—	700\$	—				
Ext. 6%	—	810\$	840\$				
Ext. 6 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 6 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 7%	—	810\$	840\$				
Ext. 7 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 7 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 8%	—	810\$	840\$				
Ext. 8 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 8 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 9%	—	810\$	840\$				
Ext. 9 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 9 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 10%	—	810\$	840\$				
Ext. 10 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 10 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 11%	—	810\$	840\$				
Ext. 11 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 11 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 12%	—	810\$	840\$				
Ext. 12 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 12 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 13%	—	810\$	840\$				
Ext. 13 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 13 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 14%	—	810\$	840\$				
Ext. 14 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 14 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 15%	—	810\$	840\$				
Ext. 15 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 15 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 16%	—	810\$	840\$				
Ext. 16 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 16 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 17%	—	810\$	840\$				
Ext. 17 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 17 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 18%	—	810\$	840\$				
Ext. 18 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 18 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 19%	—	810\$	840\$				
Ext. 19 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 19 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 20%	—	810\$	840\$				
Ext. 20 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 20 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 21%	—	810\$	840\$				
Ext. 21 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 21 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 22%	—	810\$	840\$				
Ext. 22 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 22 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 23%	—	810\$	840\$				
Ext. 23 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 23 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 24%	—	810\$	840\$				
Ext. 24 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 24 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 25%	—	810\$	840\$				
Ext. 25 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 25 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 26%	—	810\$	840\$				
Ext. 26 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 26 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 27%	—	810\$	840\$				
Ext. 27 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 27 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 28%	—	810\$	840\$				
Ext. 28 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 28 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 29%	—	810\$	840\$				
Ext. 29 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 29 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 30%	—	810\$	840\$				
Ext. 30 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 30 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 31%	—	810\$	840\$				
Ext. 31 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 31 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 32%	—	810\$	840\$				
Ext. 32 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 32 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 33%	—	810\$	840\$				
Ext. 33 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 33 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 34%	—	810\$	840\$				
Ext. 34 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 34 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 35%	—	810\$	840\$				
Ext. 35 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 35 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 36%	—	810\$	840\$				
Ext. 36 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 36 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 37%	—	810\$	840\$				
Ext. 37 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 37 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 38%	—	810\$	840\$				
Ext. 38 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 38 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 39%	—	810\$	840\$				
Ext. 39 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 39 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 40%	—	810\$	840\$				
Ext. 40 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 40 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 41%	—	810\$	840\$				
Ext. 41 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 41 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 42%	—	810\$	840\$				
Ext. 42 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 42 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 43%	—	810\$	840\$				
Ext. 43 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 43 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 44%	—	810\$	840\$				
Ext. 44 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 44 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 45%	—	810\$	840\$				
Ext. 45 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 45 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 46%	—	810\$	840\$				
Ext. 46 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 46 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 47%	—	810\$	840\$				
Ext. 47 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 47 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 48%	—	810\$	840\$				
Ext. 48 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 48 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 49%	—	810\$	840\$				
Ext. 49 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 49 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 50%	—	810\$	840\$				
Ext. 50 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 50 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 51%	—	810\$	840\$				
Ext. 51 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 51 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 52%	—	810\$	840\$				
Ext. 52 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 52 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 53%	—	810\$	840\$				
Ext. 53 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 53 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 54%	—	810\$	840\$				
Ext. 54 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 54 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 55%	—	810\$	840\$				
Ext. 55 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 55 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 56%	—	810\$	840\$				
Ext. 56 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 56 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 57%	—	810\$	840\$				
Ext. 57 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 57 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 58%	—	810\$	840\$				
Ext. 58 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 58 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 59%	—	810\$	840\$				
Ext. 59 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 59 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 60%	—	810\$	840\$				
Ext. 60 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 60 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 61%	—	810\$	840\$				
Ext. 61 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 61 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 62%	—	810\$	840\$				
Ext. 62 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 62 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 63%	—	810\$	840\$				
Ext. 63 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 63 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 64%	—	810\$	840\$				
Ext. 64 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 64 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 65%	—	810\$	840\$				
Ext. 65 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 65 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 66%	—	810\$	840\$				
Ext. 66 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 66 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 67%	—	810\$	840\$				
Ext. 67 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 67 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 68%	—	810\$	840\$				
Ext. 68 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 68 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 69%	—	810\$	840\$				
Ext. 69 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 69 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 70%	—	810\$	840\$				
Ext. 70 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 70 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 71%	—	810\$	840\$				
Ext. 71 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 71 3/4%	—	810\$	840\$				
Ext. 72%	—	810\$	840\$				
Ext. 72 1/2%	—	810\$	840\$				
Ext. 72 3/4%	—	810					

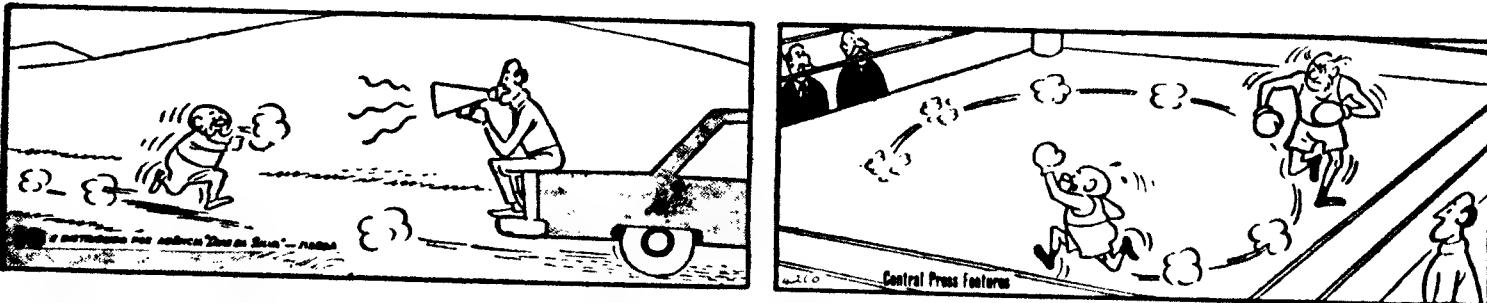
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 6 de Fevereiro de 1939 publicava:

«CHUNGKING, 6.—Mais de 3 mil chineses foram mortos em consequência de três violentíssimos «raids» aéreos que as esquadras japonesas realizaram no sábado sobre as cidades chinesas de Wanshen Kewi-yang, a leste de Szechuan e de Yichuan, ao norte da província de Kwang-Si.

«A cidade de Wanshen ficou quase completamente destruída, lavrando violentos incêndios em toda a sua área».

item



Os resultados são visíveis! Produtos Item A venda em toda a parte

PEÇA FOLHETO: PORTO — Rua da Alegria, 101 LISBOA — Rua Andrade, 63-r.c.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxe protocolar para pessoas de distinta condição social bem como de nome Rome

ANIBAL GRAVADOR

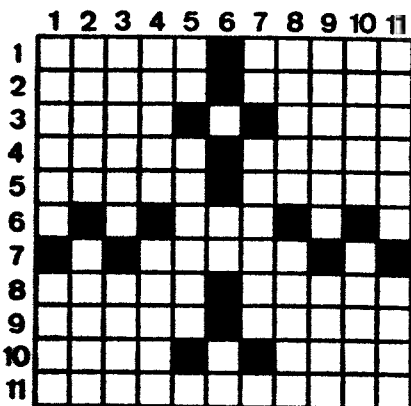
A casa que melhor trabalha Rua Nova do Almada 64 LISBOA

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 5081

HORIZONTAIS: 1 — Aerostato. Ser humano do sexo masculino. 2 — Corícea. Amargo. 3 — Fértil. Prender. 4 — Inunda. Acrescentado. 5 — Marcar o peso da tara em Tiras proveito de. 6 — Braço de mar. 7 — Jamais. 8 — Fibra de certas palmeiras. Cidade de Portugal. 9 — Limpar metais. Fechada as asas para descer mais depressa. 10 — Undécimo mês do calendário árabe. Tempo do verbo ser. Prende. 11 — Engueirais em moirão.

VERTICAIS: 1 — Vasilha onde se bate leite para fabrico de manteiga. Ladrão do mar (Bras. Gr.). 2 — Agulha. Atravessam. 3 — Atalaia. Maior parecido. 4 — Conduta ou esgoto, por meio do qual se dá saída às águas de uma mina. Rio do Congo francês, explorado em 1881 por Brazza. 5 — O sono das crianças. Soir frequentemente à rua. 6 — Prefixo de negação. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontíficos de interesse para Portugal. 7 — Tempo do verbo haver. Tribu nómada, que habitava os margens dos rios Paraguai, Pilcomayo e Bermejo, na América do Sul. 8 — Malha das pipas ou tonéis (prov. minh.). Junta. 9 — Estímulo Poeta. 10 — Frequência do concelho da Covilhã. Estacionar. 11 — Apelido. Vais para fora. Resolve completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

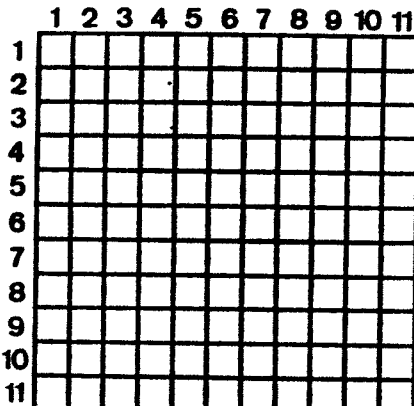


SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5081
HORIZONTAIS: 1 — Asca. Cruz. 2 — NAO. Aze. Onu. 3 — Or. Abria. HA. 4 — SERMAO. Sior. 5 — Amalme. Sora. 6 — Imã. Sud. 7 — Levo. Senata. 8 — Anad. Enitai. 9 — Sr. Aviao. Rã. 10 — SEM. Ira. Cal. 11 — Amor. Tora.
VERTICAIS: 1 — Anosa. Lassa. 2 — Sarem. Sarem. 3 — Ca. Raiva. Mã. 4 — Amimada. 5 — Abana. Vi. 6 — Coroa. Sela. 7 — Si. Soria. 8 — ASSUNTO. 9 — Ra. ladar. Ca. 10 — Unifer. Ter. 11 — Suara. Aiaia.
(Provérbio: NAO HA SERMAO SEM ASSUNTO.)

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 8925

HORIZONTAIS: 1 — Cidade e porto no golfo da Guiné setentrional, na Costa do Ouro. Cidade da Bélgica. 2 — Cabelos brancos. Repressão. (Fig.). Curso de água natural e abundante. 3 — artigo definido (ant.). Fechada as asas para descer mais depressa. Grande ribeiro da Ásia Russa. 4 — Vila e concelho do distrito de Aveiro. 5 — Terramoto. Remediar. 6 — Antes de Cristo. Prefixo de negação. 7 — Enterra. Adicionar. 8 — Pequena pequena. 9 — Pelo de certos animais. Cesto ou vaso tecido de esparto. Ruim. 10 — Pronome pessoal. Extremidade do braço. Uma das abreviaturas da matemática. 11 — Serra de Portugal. Vila e concelho do distrito de Évora.

VERTICAIS: 1 — Atla. Caule das plantas poáceas. 2 — Óxido de cálcio. Botegum. Suspiros. 3 — Reis. Aborreçam. Abreviatura de manuscrito. 4 — Um dos pontos cardiais. Fúteis. 5 — Lha ad mar Egeu, uma das Espórades. Lavrem. 6 — Oásis do Sara, ao Sul de Gadamés, na Líbia. Dar mios. 7 — Cinchos. Líquido que se separa do leite ou do sangue depois de coagulado. 8 — Pega. Base aérea portuguesa. 9 — Viração. Aviva. Pedra de moirinho. 10 — Ninho. Goste muito de. Grande multidão. 11 — Domestico. Não nascido.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8925
HORIZONTAIS: 1 — Apresentara. 2 — Cois. Afim. 3 — Anosa. Crime. 4 — Samarra. 5 — Os. Sário. Fa. 6 — Es. Sio. Tá. 7 — Alão. Saco. 8 — Sam. Com. Mar. 9 — Boa. Ave. 10 — Anais. 11 — Morsa. Amada.
VERTICAIS: 1 — Acaso. Assam. 2 — Par. Sela. Nã. 3 — Rios. Sambar. 4 — Essas. Ois. 5 — Ames. Casa. 6 — Em. Anima. 7 — Crio. Marna. 8 — Taro. Vem. 9 — Afia. Tãmega. 10 — Rm. Faca. Ad. 11 — Amena. Arara.

LUSTRES

de sonho para a sua casa
Fábrica, Av. 5 de Outubro,
203, r/c. Esq. — Telefone
77 16 39 (Ao Campo Pequeno)

CAMINHOS DE FERRO

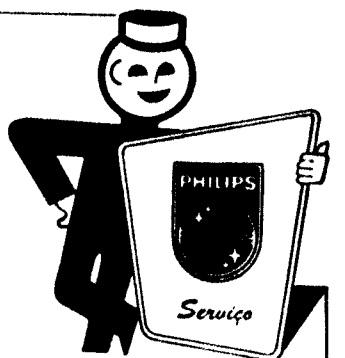
Alcácer do Sal, Barrocinha, Castelo de Arez, Moinho da Ordem, Santa Catarina (Alcácer do Sal), Santa Susana (Alcácer do Sal) e Pego do Altar (Barragem)

Comunica-nos a C. P. que desde o dia 3 deste mês todas as estações de caminho de ferro despacham mercadorias, incluindo pequenos volumes, para Alcácer do Sal-Central e Domicílios e, bem assim, para Barrocinha-Domicílios, Castelo de Arez-Domicílios, Moinho da Ordem-Domicílios, Santa Catarina (Alcácer do Sal)-Domicílios e Pego do Altar (Barragem)-Domicílios. Por seu turno, no Despacho Central de Alcácer do Sal e Domicílios de Alcácer do Sal, Barrocinha, Castelo de Arez, Moinho da Ordem, Santa Catarina (Alcácer do Sal) e Pego do Altar (Barragem) expedem-se igualmente mercadorias, incluindo pequenos volumes, para qualquer estação de caminho de ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

Também em Santa Susana (Alcácer do Sal) se recebem e expedem remessas ao abrigo da Tarifa 8/108 — Grande Velocidade.

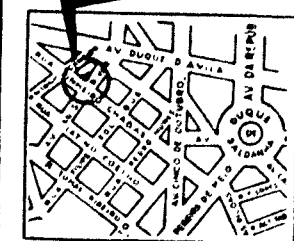
No seu próprio interesse não deixe de utilizar este serviço combinado.

Serviço PHILIPS



AS SUAS ORDENS PARA:

Montagens de:
Auto-Rádios
Venda de:
Acessórios
Reparações
Rápidas



CENTRO COMERCIAL DOS
SERVIÇOS TÉCNICOS DA
PHILIPS PORTUGUESA

Avenida Luis Bivar, 85-A
Rua Pinheiro Chagas, 66
Telefone 56 02 00 — LISBOA

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

CARREIRA DE PASSAGEIROS ENTRE LISBOA E PORTIMÃO

Informa-nos a C. P. de que a sua carreira regular de passageiros entre Barreiro e Portimão, cuja exploração está a cargo da firma João Cândido Belo & C.ª, Ltd.ª, começou no domingo, dia 19 de Janeiro, a partir de Lisboa (Alcântara — Centro de Coordenação Norte) sendo o seu horário o seguinte:

— Partida de Lisboa (Alcântara — C. C. Norte) 8.05

— Chegada a Portimão (estação) 18.45
— Partida de Portimão (estação) 8.10
— Chegada a Lisboa (Alcântara — C. C. Norte) 18.40

A nova carreira receberá e dará ligação, em Palmela, aos passageiros da zona Barreiro-Palmela, através de uma nova circulação da carreira, neste percurso, com saída de Barreiro (estação) às 8.35 e chegada a Palmela às 9.20, partindo de Palmela às 17.25 para chegar ao Barreiro (estação) às 18.10.

AUGUSTINE, REIS & C.^a

BANQUEIROS — LISBOA

CAPITAL E FUNDOS DE RESERVA 80 000 000\$00

(APÓS DISTRIBUIÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO)

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1968

ACTIVO

DISPONIVEL E REALIZAVEL

Caixa e Depósitos no Banco de Portugal	224 671 405\$90	
Depósitos noutras Instituições de Crédito	167 007 775\$05	
Promissórias do Fomento Nacional	15 000 000\$00	107 333 180\$95
Correspondentes no Estrangeiro	14 411 502\$08	
Ouro, Moedas e Notas Diversas	216 717\$35	
Carteira de Títulos e Cupões	84 985 151\$31	
Carteira Comercial	494 735 397\$50	
Letras sobre o Estrangeiro	11 567 002\$70	
Correspondentes no País	306 796\$20	
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	71 075 617\$38	
Devedores e Credores	17 127 658\$63	
Empréstimos a mais de um Ano	12 419 297\$37	706 841 971\$12
		1 114 184 152\$07

IMOBILIZADO

Participações Financeiras	1 037 000\$00	
Imóveis	1 500 000\$00	
Amortização	1 130 000\$00	3 670 000\$00
Imobilizações Diversas	7 372 539\$10	12 029 539\$10

OUTRAS CONTAS DO ACTIVO

Contas Diversas		8 167 058\$63
CONTAS DE ORDEM		
Valores de Conta Alheia	301 191 515\$30	
Valores Recebidos em Caução	645 954 307\$60	
Devedores por Garantias e Avals	155 082 111\$05	
Devedores por Aceites	170 218 161\$90	
Devedores por Créditos Abertos	164 999 318\$10	490 299 591\$05
Outras Contas de Ordem	101 057 977\$35	1 541 503 391\$30
		2 675 884 141\$10

PASSIVO

EXIGIVEL

Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	661 114 847\$61	
Depósitos à Ordem — Moeda Estrangeira	219 974\$20	
Depósitos com Pré-Aviso — Moeda Nacional	21 719 864\$85	
Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	319 937 988\$15	1 002 992 674\$81
Cheques e Ordens a Pagar	431 839\$90	
Exigibilidades Diversas	396 553\$10	
Correspondentes no País	17 944\$30	
Correspondentes no Estrangeiro	247 981\$21	
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	82 493\$76	
Devedores e Credores	26 073 384\$64	27 250 196\$81
		1 030 242 871\$62

NÃO EXIGIVEL

Contas Diversas e Provisões		19 387 851\$88
CAPITAL E RESERVAS		
Capital	55 000 000\$00	
Fundo de Reserva Legal	15 815 112\$70	
Outros Fundos de Reserva	7 184 887\$30	78 000 000\$00

RESULTADOS

Lucros e Perdas		6 250 026\$90
CONTAS DE ORDEM		
Credores por Valores de Conta Alheia	301 191 515\$30	
Credores por Valores Recebidos em Caução	645 954 307\$60	
Garantias e Avals Prestados	155 082 111\$05	
Aceites	170 218 161\$90	
Créditos Abertos	164 999 318\$10	490 299 591\$05
Outras Contas de Ordem	101 057 977\$35	1 541 503 391\$30
		2 675 884 141\$10

Augustine, Reis & C.^a

LUCROS E PERDAS DO EXERCÍCIO DE 1968

ENCARGOS

Juros e Comissões a nosso Cargo	15 461 863\$75	
Contribuições e Impostos	3 038 340\$80	
Despesas com o Pessoal	10 117 420\$60	
Despesas Gerais	2 016 210\$57	
Rendimentos Diversos	1 139 163\$39	
Provisões e Amortizações	7 305 936\$68	39 111 963\$70
Saldo		6 250 026\$90
		45 661 992\$39

RECEITAS

Juros e Comissões a nosso Favor	39 463 126\$50	
Resultados em Operações Cambiais e sobre Títulos	2 977 193\$74	
Rendimento de Títulos de Crédito	2 560 486\$80	
Outros Rendimentos, Receitas e Lucros	661 185\$35	45 661 992\$39

Augustine, Reis & C.^a

COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

S. A. R. L.

Capital: Esc. 55 000 000\$00

Sede: Rua Augusta, 237 — LISBOA

DIVIDENDO DE 1968

A partir do dia 6 do mês corrente está a pagamento na sede desta Instituição bancária, na sua Delegação do Porto e na Agência em Coimbra, o dividendo de 12 %,ativo de impostos.

Para o pagamento do dividendo de acções ao portador, bastará a apresentação do cupão n.º 6, a não ser que tais acções se encontrem registadas, caso em que os accionistas deverão apresentar também o duplicado da declaração do registo em seu poder.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1969.

O GOVERNADOR

Eng.º Adelino Augusto Nogueira da Costa

FUTEBOL: «TAÇA DAS TAÇAS»

O Barcelona embaraçado pelos noruegueses do Lynn

• Nos dois jogos disputados em Barcelona, apenas a vantagem (espanhola) de um golo

BARCELONA, 6 — Embora consentisse um empate a dois golos, o Barcelona eliminou o Lynn, de Oslo, e passa às meias-finais da «Taça dos Vencedores das Taças». Na primeira «mão», também disputada em Barcelona, o Lynn fora derrotado por 3-2. Com tempo muito frio, assistiram ao encontro oito mil espectadores e o Lynn, sensacionalmente, chegou a estar a vencer por 2-0.

Os golos foram marcados pelo norueguês Johansen (aos 29 e 54 minutos) e pelo espanhol Gallego (75 e 83 minutos).

Merece, inequivocamente, saliência, o comportamento da incipiente turma nórdica que fazendo os dois jogos

em casa do adversário, acabou por não ser eliminada por um golo. Actuando em 4x3x3 e mostrando-se muito rápido e intencional no ataque o Lynn esteve a um passo de conseguir uma proeza retumbante.

Arbitrou o francês Robert Hellis e as equipas alinharam da seguinte forma:

BARCELONA — Reina: Franch, Gallego e Eladio; Torres, Zabalza e Pellicer; Pareda, Palau (Olivella), Juan Carlos (Fernandez) e Rife.

LYNN — Oasen: Rodevnaag, Kalle (Christopher-sen), Ostvold e Knut Berg; Moriebak, Johansen e Jam Berg; Harold Berg, Ole Olsen e Austnes.



HENRIQUE LINO

ANTUNES MARQUES

(Furriel Miliciano)

Morto em combate em 7/2/63 na provincia ultramarina de Moçambique

Missa do 1.º aniversário

Sua mãe, irmã e mais família participam a todas as pessoas de suas relações e amizade que será celebrada missa pelo seu eterno descanso amanhã, dia 4, às 10 horas, na Capela dos Anjos, em Alga.

DES POR TO

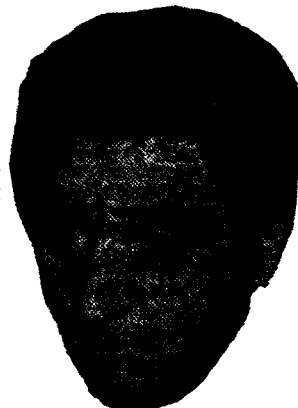
FUTEBOL INTERNACIONAL NO PORTO

MAIS «SENIORES» OS «JUNIORES» FRANCESES

• Portugal, 2-França, 2

RIERA REGRESSA À EUROPA

SANTIAGO DO CHILE, 6 — (F. P.) — Fernando Riera, o conhecido treinador chileno de futebol, segue, na sexta-feira, para Madrid, a fim de concretizar algumas propostas recebi-



das de clubes interessados nos seus serviços. A notícia foi dada pelo próprio Riera, ao informar que não tinha chegado a acordo com a Universidade do Chile, que projectara contratá-lo para a próxima temporada. Riera não especificou se as propostas que recebeu são de clubes espanhóis ou de outros países europeus. Durante a época passada, o ex-treinador do Benfica dirigiu a turma da Universidade Católica.

PORTO, 6 — No Estádio das Antas defrontaram-se ontem à noite os futebolistas juniores de Portugal e da França. Resultado: empate 2-2. Mas futebol a sério, futebol planeado, futebol adulto, só os franceses fizeram.

De facto, aquela equipa que ontem esteve nas Antas foi bem uma equipa conhecedora de muito daquilo que só o traquejo internacional consegue dar. E nela não sabemos que mais admirar: se a competência colectiva se o tecnicismo posto ao serviço dum futebol simples e rápido, se a ciência como todos servem o plano tático que lhes permitiu implantar durante todo o segundo tempo e muitas vezes antes o figurino italiano dum defesa «libero», o n.º 5. (Burkhard). Com os homens do meio campo sabendo bem do seu ofício e com Chiesa — um Kopa mais novo — a mostrar-se já certa entre esperanças — os gauleses foram senhores até ao intervalo.

E os portugueses? a pergunta aceita-se. Os lusos começaram bem no seu futebol mais rápido, mais miúdo, mais jovem, quando se diz — jovem, neste caso, é o mesmo que dizer insipiente; bravo e teimoso. Foram mesmo as qualidades da juventude, o seu querer e a sua fé no êxito que lhe terão dado o domínio do segundo tempo e o direito a que se diga que o 2-2 não escandaliza. Começamos bem, num golo «à senhora», feito por Louceiro em remate de muito longe a dar o melhor

caminho a um centro de Eduardo, mas em cinco minutos, um «azar» do guarda Vitor Manuel metendo mal as mãos à bola e dando ao remate de Repellin o caminho da baliza e o golo de Chiesa.

Este golo nasceu na sequência dum pontapé de canto incompreensivelmente cedido pelo mesmo Louceiro, viraram o resultado. Dois golos cedidos «à juniores» pareciam ir encaminhar a equipa para a derrota. Depois surgiu a primeira substituição. Mais forte fisicamente, Vitor Silva ocupou o lugar de Louceiro, cabendo-lhe a tarefa de marcar Chiesa. Mais tarde veio outra, a de Eduardo por Carlos Serafim, por igual influência. A troca de jogadores, antes do mais, permitiu que o Marinense Vitor Manuel passasse a dominar no flanco como extremo e Vitor Silva, no meio do ataque, lado a lado com João Machado dividiu com este a canseira de assustar Gill, seu protector Burkhard e toda a equipa da França. Aliás, José Manuel, que substituiu Belo, dava no flanco oposto boa conta de si contribuído, embora menos exuberantemente para isso.

O golo da igualdade apareceu e o da vitória só não chegou porque Gill foi «tigras» ao saltar para se enrolar na bola evitando, dessa vez, que como na outra a bola fosse dos pés de Vitor Manuel à cabeça de João Machado e daí talvez ao fundo da baliza.

Na equipa nacional, três nomes em «caixa alta»: Jacinto — o melhor defesa, Vitor Manuel, um avançado que já sabe do seu ofício e Vitor Silva, o mais sênior dos portugueses. Depois,

João Machado com bons pormenores e bom físico mas naturalmente à procura de ambientar-se e Carlos Serafim.

Chiesa foi coqueluche até pelo temor que gerou nas hostes lusitanas. Não seria difícil adivinhar pelo que mostrou saber que vestirá a outra camisola nacional francesa e que para isso não esperará muito. Veloz, bom técnico, poderoso no remate, sem «meças», porque lhes poderá pedir o português Jacinto. Gill foi o segundo francês.

O árbitro Caetano Nogueira começou bem e oscilou depois, passando do «caselismo» disfarçado ao «entil-casa» menos recatado.

LOBO DA ROCHA



Tentativa de ataque gaulesa. A defesa portuguesa estava atenta, na circunstância

NORTE, 1-SUL, 2

POUCAS «ESPERANÇAS»... GRANDE DESILUSÃO

PORTO, 6 — O «aperitivo» do jogo entre os juniores de Portugal e da França, não obstante os nomes já sonantes de muitas das «esperanças», quer do Norte, quer do Sul, serviu mal o propósito que comandou o jogo.

De facto, nem o interesse de «ensalo» da ausência de deslocações na marcação dos «livres», nem o nome de alguns jogadores, conseguiram aquecer o espectador, enregelado por um frio cortante, que os gauleses pareciam ter trazido na bagagem lá dos seus Pirenéus. Para além do resultado, com golos de Raimundo e Vitor Baptista, feitos depois do intervalo, e a anularem o 1-0 que Nelson soubera fazer, como prémio da supremacia antes evidenciada pelo Norte, terá que falar-se das exhibições individuais de seis, entre os trinta e dois, tantos

foram os que pisaram a relva.

Fonseca, com três ou quatro defesas que ninguém enfeitaria, e Caló, o melhor dos defesas, encaçaram a lista. Depois, Barros, um «bebê» do Leixões; Nené, o estudante já tão pretendido, Nelson, o poveiro em que muitos já têm os olhos postos, e Vitor Baptista, este com verdadeiro «motor», que, além de fazer o golo, muito contribuiu para que o triunfo conhecesse por direito os do seu lado, completaram a meia dúzia dos bons. No «caso» estiveram Prala e Toni. Afinal um jogo que foi treino... e um treino que o não foi. E quanto à inovação experimentada, quanto a nós, fracassou, até porque a língua de experiência, os tácticos ainda não «falarão».

L. B.

O CICLISTA SORLINI

NO F. C. PORTO?

Neste aproximar da época de sielismo a direcção do F. C. Porto desenvolve os maiores esforços no sentido de reforçar o seu lote de ciclistas profissionais. A notícia que demos ontem do francês, Humberto Niel podemos agora acrescentar as tentativas para conseguir o concurso de outro ciclista de nomeada, embora ainda amador e que esteve em evidência na última «Volta a São Paulo». Trata-se do italiano Sorlini, que travou com os portugueses, especialmente com Joaquim Agostinho, luta intensa naquela prova. Os contactos foram iniciados. Aguardemos a sua concretização.

ATLETISMO NO BENFICA

A Comissão de Atletismo do Benfica promove nos dias 8, 15 e 22 de Fevereiro, pelas 15 horas, na pista do Campo Grande, torneios de captação de atletismo para escolas e simpatizantes, dos 13 aos 19 anos, que queiram representar o clube naquela modalidade.

O SEIXAL F. C. COMEMORA

O 44.º ANIVERSÁRIO

O Seixal F. C., prestigiosa colectividade da margem esquerda do Tejo está a comemorar o seu 44.º aniversário. Em cumprimento do programa das festividades aquele clube promoveu ontem à noite uma sessão solene a que presidiu o antigo dirigente da colectividade e durante a qual o nosso prezado camarada de redacção Mário Zambujal discursou sobre as actuais estruturas de desporto nacional.

«ESPIONAGEM»... FUTEBOLÍSTICA

- Otto Glória na Holanda
- F. Vaz em Newcastle
- Partidas amanhã

Com as equipas do Benfica e do Vitória de Setúbal a funcionarem como «sobreviventes» portugueses em provas europeias — crescem as dúvidas e preocupações dos respectivos técnicos. É, assim, seguindo um hábito já enraizado, Otto Glória e Fernando

Vaz seguem amanhã viagem em serviço de «espionagem» futebolística.

O responsável do Benfica verá, no sábado, o Ajax-D. O. S., aguardando depois, em Amesterdão, a chegada dos seus pupilos. Entretanto, Fernando Vaz voará para Inglaterra, onde, também no sábado, assistirá ao Newcastle-Wolverhampton.

Em relação a este compromisso do V. Setúbal, confirma-se que os britânicos aceitam a data de 19 de Março para o jogo em Portugal, pretendendo, porém, actuar em sua casa a 5 e não a 12 de Março, como os sedes pretendiam.

Um caso que F. Vaz — como já dissemos — procurará resolver.

Escolhidos os dezasseis do Benfica

Entretanto, o departamento de futebol do Benfica já designa os onze jogadores que farão a viagem. São eles: José Henrique, Abrantes, Jacinto, Adão, Raul, Humberto Coelho, Humberto Fernandes, Cruz, Toni, Cotana, José Augusto, Jaime Graça, Torres, Simões, Estêvão e Prala.

Programa da viagem: partida na 2.ª-feira, em avião especial, às 9 e 20 e chegada a Amesterdão às 12 e 16; a seguir instalação num hotel; treino internacional de futebol, treino-se, ontem, contra uma equipa de juvenis daquela cidade, a quem venceu por 4-0.



Figueira, um dos jovens futebolistas do Benfica que se encontram em Itália

O BENFICA EM VIAREGGIO

Treino proveitoso contra uma equipa local

A equipa de jovens futebolistas do Benfica, que se encontra em Viareggio (Itália), onde vai participar num torneio internacional de futebol, treinou-se, ontem, contra uma equipa de juvenis daquela cidade, a quem venceu por 4-0.

A comitiva encarnada, que tem sido cuidada de

BASQUETEBOL: HOJE, EM ATENAS PANATHINAIKOS - BENFICA PARA A «TAÇA DAS TAÇAS»

Em Atenas, defrontam-se hoje as equipas de basquetebol do Benfica e do Panathinaikos, em jogo de segunda mão da primeira eliminatória da Taça das Vencedoras das Taças.

A equipa grega, já vencedora, em Lisboa, pela «expressiva» marca de 110-74, deverá repetir esse triunfo, conseguindo assim — com esperada facilidade — a qualificação para a segunda eliminatória. Para o Benfica, estas jogas com a categorizada formação helvética apresentam principalmente um proveitoso contacto com um basquetebol mais evoluído.

~~~~~

## SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação oficial de combates olímpicos.

~~~~~

TORRES SUSPENSO POR TRÊS JOGOS

Na sua reunião de ontem o Conselho Disciplinar da Federação Portuguesa de Futebol decidiu suspender por três jogos o benfiquista José Augusto Senecca Torres e punir o F. C. Porto com a multa de 500\$00 por edemora na entrada em campo após o intervalo, no que é recorrentes.

Na segunda divisão Abel Ribeiro Figueiredo, do Covilhã, sofreu a maior punição (3 jogos) enquanto José Luís Romel, do mesmo clube foi castigado com dois jogos de suspensão. Com um jogo foram ainda castigados José da Silva Galóis e João Manuel Turres Santos, do Luso do Barreiro. Verificamos também algumas repressões e advertências. Jaime Fernandes Viana, do Tondela, foi suspenso por três jogos.

PAR RUSSO CAMPEÃO EUROPEU DE PATINAGEM

GARMISCH (Alemanha), 6 — (A. N. 1) — O par russo Leksey Ulanov e Irina Rodnina conquistou o título de campeão europeu de patinagem artística no gelo. Em segundo lugar classificou-se o casal Oleg Protopopov e Ludmilla Belousova, quatro vezes campeões europeus e uma vez campeões mundiais.

Classificação final: 1.º, Irina Rodnina-Aleksey Ulanov, Rússia, 10 faltas, 418,4 pontos; 2.º, Ludmilla Belousova-Oleg Protopopov, Rússia, 19, 413,6; 3.º, Tamara Moskvina-Aleksey Mishin, Rússia, 27, 408,9; 4.º, Heidemarie Steiner-Heinz-Ulrich Wölther, República de Pankov, 38, 400,4; 5.º, Gudrun Haus-Walter Haefner, Alemanha Federal, 41, 398,2; 6.º, Marianne Streifler-Herbert Wiesinger, Alemanha Federal, 56, 384,7.

MINI-BASQUETEBOL NO PORTO

Noticiamos há dias que a seleção do Brasil de mini-basquetebol propôs a efectivação de jogos em Portugal durante a sua passagem pela Europa. O convite foi endereçado à Associação do Porto, cidade onde o mini-basquetebol atingiu certo desenvolvimento e que, inclusivamente, já participou num torneio internacional em Madrid, com as seleções nacionais de Espanha, França e Bélgica.

A Associação portuguesa solicitou da Federação um subsídio para suportar os encargos que implicavam a estadia da representação brasileira no Porto e a Federação, por sua vez, dirigiu-se ao director-geral dos Desportos.

Sabe-se, agora, que a Direcção-Geral prometeu dar o seu apoio à iniciativa e suportará as despesas com a organização dos jogos em que participará a selecção brasileira de mini-basquetebol no nosso País.

HOJE À NOITE

ANDEBOL. — No Pavilhão do Campo de Ourique: Jogos do Campeonato de Lisboa da 1.ª divisão: Almada-Belenenses, às 21 e 45 e, Madre de Deus-Campo de Ourique às 23 horas.

No pavilhão da Tapada da Ajuda: Jogos do Campeonato de Lisboa da 2.ª divisão: Boa Hora Encarnação, às 20 e 30; Vendedores de Jornais-Casa Pia, às 21 e 45 e Oriental-C. D. U. L. às 23.

No pavilhão de Campo de Ourique: Jogos do Campeonato de Lisboa da 3.ª divisão: Liga de Algués C.F. às 20 e 30 horas.

BASQUETEBOL. — No pavilhão da Tapada da Ajuda: Jogos do Campeonato Feminino da 2.ª divisão: Ferroviários-Queluz às 21 e 15 e Sporting-C.D.U.L. às 22 e 15.

TÊNIS DE MESA. — Nas mesas dos clubes indicados em primeiro lugar, jogos do Campeonato de Lisboa de Promoção: Arroios-Desportivo da Graça; Clemente Tejo-Mem Martins; Carregado-Luizano e Andorinha-Clube de Badminton. Os jogos têm início às 21 e 30.

NO PORTO

ANDEBOL DE SETE. — Campeonato Regional de Ju-



Seguros, firmes, os jugoslavos esperam o ataque dos «leões»

EXCELENTE EXIBIÇÃO DOS ANDEBOLISTAS JUGOSLAVOS

• SPORTING, 12-DINAMO DE PANCEVO, 22

Andebol de sala, aquele a que se assistiu, ontem, à noite, no Pavilhão da Ajuda. E isso deve-se, muito principalmente, à enorme categoria evidenciada pela equipa jugoslava do Pancevo que, inegavelmente revelou uma classe verdadeiramente ímpar.

O seu jogo com o Sporting constituiu espectáculo de alto nível graças à técnica individual dos seus elementos, altos (todos com mais de 1,90 m), imaginativos, excelentes a defender e «terríveis» a atacar. O Sporting — a atrair bom momento — não esteve, porém, à sua verdadeira altura durante o primeiro tempo. Na segunda parte a equipa rectificou, equilibrou a partida em muitos momentos e podia

até ter conseguido melhor resultado com um pouco mais de sorte — sete vezes a madeira da baliza devolveu a bola.

Tito Moreira Rato — homenagem do hóquei em patins

Tito Moreira Rato — falar dele é falar, inegavelmente, do hóquei em patins português. Pelo seu trabalho, dedicação, inteligência, iniciativa, o seu nome está indissolubilmente ligado à modalidade. A modalidade que é um dos orgulhos do nosso desporto. Pois, agora, depois de mais de quarenta anos de actividade directiva — sempre recordada pela lealdade e lisura de processos — Moreira Rato viu oficialmente reconhecida a sua acção: o Governo atribuiu-lhe a Medalha de Bons Serviços. Justiça! Aproveitando a concessão um grupo de homens do hóquei em patins vai-lhe prestar pública homenagem no decorrer de um banquete que se prevê para 8 de Março se, na data, o Secretário de Estado da Juventude e Desportos poder honrar o acto com a sua presença. Comissão de homenagem: Emílio Pinto, Olivério e Sidiónio Serpa, Jesus Correia, António Raio e José Vaz Guedes.

CORPOS GERENTES DO GINÁSIO C. SUL

Em reunião da assembleia geral recentemente efectuada o Ginásio Clube do Sul elegeu os seus corpos gerentes para 1960.

Ficam a presidir à assembleia geral, direcção e conselho fiscal respectivamente os senhores Mário Amandio Rodrigues, Carlos Alberto Pinto Durão e Jaime Amorim Ferreira. Para presidir às relações exteriores foi eleito o senhor Francisco Rosado da Silva Calo.

VOLEIBOL

Benfica-Slavia (Feminino)

no próximo sábado, na Luz

para a Taça dos Campeões Europeus

A equipa feminina de voleibol do Benfica faz no próximo sábado, no pavilhão do estádio da Luz, a sua primeira apresentação na Taça dos Campeões Europeus.

Isentas da fase de apuramento, as voleibolistas encarnadas entram a disputar a 1.ª mão dos oitavos de final da importante prova, tendo por adversária a equipa checa do Slavia Universita de Bratislava, que chega a Lisboa, depois de amanhã, às 16 horas, firmemente disposta a fazer prevalecer o seu muito mérito.

A comitiva do Slavia é formada pelos dirigentes Eduard Nemecek, Viliam Figher e Miroslav Rovny; pelo treinador, dr. Duzan Priclozny; pelas jogadoras Julia Bendeova, Maria Kovacova, Vera Kusa, Daniela Macurova, Maria Malisova, Hilda Mazurova, Xenia Rovna, Vera Rosenbergerova, Suzana Ruzickova, Paulina Stekova e Lidmila Vinduskova; e pelos jorna-

listas Ladislav Lehotay e Miroslav Prochaska.

O encontro, que está a ser aguardado com o maior interesse, é pretexto para um festival, cujo programa foi elaborado com as maiores condições de agrado. Dele constam um desafio de hóquei em patins entre as 1.ªs categorias do Benfica e do Parede, patinagem artística por Maria Helena Dias e Maria Joaquina Caetano, ginástica rítmica feminina, pela classe do Benfica e, a finalizar, o encontro de voleibol.

A equipa do Benfica é constituída pelas seguintes jogadoras: Maria Madalena Canha, dr.ª Maria Canas, Maria Leonor dos Santos, Maria José Maya, Maria Luísa Marques, Maria Teresa Fernandes, Maria Margarida Leite, Maria da Conceição Amaral, Maria da Graça Ramos, Maria Esperança Ramos e Maria Teresa Torgal.

As «encarnadas» jogam a 2.ª mão, em Bratislava, no dia 16.

JUVENIS, DE VOLEIBOL

LISBOA GINÁSIO—campeão

Ontem a noite e no ginásio da Escola Josefa de Óbidos, prosseguiram os campeonatos regionais de juvenis e juniores, em voleibol. Na primeira destas categorias, o encontro L. Ginásio-Benfica era decisivo para a atribuição do título regional.

O L. Ginásio que venceu o Benfica por 3-1 (15-8, 11-15, 15-4 e 15-6), sagrou-se assim campeão de Lisboa pela segunda vez consecutiva. O encontro, foi dirigido por

João Veiga e Oliveira Dias, e as equipas apresentaram as seguintes formações: L. GINÁSIO — Jorge Barata, Fernando Ferreira, Armando Simões, Norberto Ferreira, José Luís, José Ramon e Jorge Coelho.

BENFICA — António Dias, Jorge Mamede, João Guerra, António Fonseca, Jorge Capela, Fernando Esteves, Victor Felicitissimo e Carlos Alfama.

Vitória justa da equipa que demonstrou maior coesão e equilíbrio entre todos os seus sectores. Actuando com certo nervosismo — o que tem de se aceitar atendendo às idades dos participantes — o encontro não atingiu grande nível. Porém, foi bem disputado sendo de salientar a réplica animosa que o Benfica ofereceu a um L. Ginásio que, inegavelmente, revelou superioridade o que já sucedera no decorrer da prova.

Nos vencedores, Jorge Barata esteve em evidência, e se não se deslumbrar acreditamos estar em presença de um elemento com largas possibilidades futuras.

No Benfica, António Dias, foi o jogador mais esclamado.

Também em juvenis, o Nacional venceu o C.I.F. por 3-1 (15-10, 14-16, 15-4 e 15-5).

Para o campeonato de juniores o L. Ginásio ao vencer o Nacional por 3-2 (15-13, 13-15, 15-9 e 15-6), assegurou a sua presença no campeonato nacional não se sabendo ainda ao certo quem o acompanhará, tudo levando a crer, no entanto que o Externato de Moscavide só com vitórias, mas faltandolhe ainda disputar dois encontros, venha a ser o campeão.

A contar para o campeonato feminino a equipa B do Benfica venceu o C.I.F. por 3-1 (15-6, 12-15, 15-13 e 15-11).

101 equipas sendo 52 de Lisboa vão disputar a Taça de Portugal

Depois da Taça Fundação (certame individual), vai aparecer a Taça de Portugal (competição por equipas). Assim se cumpre o programa da actividade da Federação Portuguesa de Ténis de Mesa, criteriosamente elaborado.

O torneio que ora vai principiar alcançou um êxito de inscrição, pois reuniu 101 equipas de sete Associações, nas categorias de seniores, juniores, infantis e senhoras.

Lisboa, não deixando os seus créditos de primeiro centro de actividade, tem inscritas mais de metade do número total de equipas: 52, sendo 22 de seniores, 10 de juniores, 12 de infantis e 8 de senhoras.

Os restantes concorrentes repartem ao Porto (7 a, 6 j., 4 inf. e 2 senh.), Faro (5 a, 3 j., e 3 inf.), Viseu (2 a, e 2 j.), Coimbra (3 a, 3 j. e 3 inf.), Santarém (2 a. e 2 j.) e Braga (2 a.).

Pelo que se refere às provas na área da Associação de Lisboa, marcadas para 10 (seniores), 12 (infantis), 14 (juniores) e 22 do corrente (senhoras), indicamos a seguir o resultado dos sorteios.

ra-Arte e Sport (no Lisgás), G. I. P. Amoreira-Rod. Cordeiro (no Centro Católico), Cimento Tejo-Ateneu Comercial (no Avila), Avila-Belenenses (no Sporting) e Mirantense-Rec. de Apolo (no Benfica).

JUNIORES — Armadorense-C. Católico, Paço de Arcos-Intendente, Benfica-Belenenses, Lisgás-Ateneu e Sporting-Combatentes.

INFANTIS — Ateneu-Intendente, Paço de Arcos-Sporting, Rec. Apolo-Combatentes, Mirantense-Benfica, C. Católico-G. I. P. Amoreira e Casa Pia A. C. Armadorense.

SENHORAS — Rec. de Apolo-Ferroviário, G. I. P. Amoreira-Ateneu, Sporting-Combatentes e Benfica-Paço de Arcos.

Para as provas de juniores, infantis e senhoras não foram, ainda, marcadas as mesas.

No «Norte Desportivo» de hoje

O PRESIDENTE DO BENFICA
DA 5000 CONTOS AO CLUBE

SE FOR SNELEITO

LEIA A NOTICIA «BOMBA» DO SIA

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Diário de Lisboa

Propriedade de

Renascença Gráfica, S. A. R. L.

Editor: João G. de Sá

Sede: Rua Luz Soriano, 44

Tel.: 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5

Publicidade 3 42 21

End. Tel. DIBOA, Telex 1363

Lisboa 2 - Portugal



COMBATER A ALTA DE PREÇOS — OBJECTIVO ACTUAL DA I. G. A. E.

(Continuação da 1.ª página)

preços descabidos de má-fé, acrescentando que o desenvolvimento desta acção está

já previamente estruturado e orientado no sentido da movimentação de um constante e considerável número de brigadas, em cobertura simultânea de todas as áreas do País, com o rendimento prático de brigadas móveis já de há muito especializadas neste tipo de acção.

Vão ser substituídos os «fichas do arguido»

Segundo afirmou o sr. dr. Enes Ferreira, «um dos aspectos que irá merecer a especial atenção de certo número de brigadas é o da formação dos preços dos artigos ou produtos que, não estando tabelados, se encontram praticamente à mercê da fantasia ou apêlito especulativo de certos comerciantes, de forma a não lhes permitir percentagens que excedam os limites razoáveis».

A terminar a sua comunicação, o sr. dr. Enes Ferreira anunciou que em breve daria conta dos resultados da fiscalização empreendida, fazendo um apelo à baixa geral dos preços:

«Não basta que os preços não subam, é necessário que baixem e, em muitos casos, podem baixar efectiva e substancialmente. Conheci noutros países, designadamente em França, idênticos movimentos que foram coronados de êxito. A atitude positiva das empresas neste sentido, além da satisfação moral do dever cumprido e de consciente solidariedade no Bem Comum, dar-lhes-á o direito de inscrição, na respectiva ficha da actividade económica que exerce, não apenas ao registo de factos que interessam à acção penal mas ao de todos aqueles outros que demonstrem civismo, compreensão e patriotismo. O documento até agora conhecido nos serviços desta Inspeção-Geral sob a designação de «ficha de arguido» é, a partir de hoje, substituído por outro de índole completamente diferente e que se chama «ficha de actividade económica». Ali serão inscritos também todos aqueles factos que são de enaltecer, que ilustram, que dão luz ao público reconhecimento a quem os pratica».

«Pode-se contar com o Comércio»

— afirmou o presidente da respectiva corporação

Em resposta a uma pergunta que lhe fora dirigida no final da comunicação pelo inspector-geral, o dr. Manuel de Sousa, presidente da Corporação do Comércio afirmou poderem os poderes públicos contar com os comerciantes honestos, pedindo porém, que a fiscalização fosse a todos os sectores, desde a produção aos circuitos de comercialização.

Como tivesse sido referido que uma cadeia de firmas havia já correspondido ao pedido de baixa de preços, o sr. Neto Portugal, director dos serviços de fiscalização da I. G. A. E. quis esclarecer que se tratava dos Supermercados Modelo (oito estabelecimentos em Lisboa) e Invicta (outros tantos no Porto), os quais, não só se dispunham a baixar os preços mas também havia previsto verbas para a publicidade à campanha.

Rendas d. casa

Velo à baila, em seguida, o problema das rendas de ca-

sa. No decorrer da troca de impressões que se gerou, voltou o sr. Neto Portugal a intervir denunciando os lucros fabulosos auferidos pelos construtores, os quais a I. G. A. E. poderia controlar e sustentar se dispusessem de meios e técnicos, em condições, portanto, de avaliar o custo das construções e o preço por que são elas revendidas. Foi igualmente apontada a necessidade de uma legislação actualizada. Só então a I. G. A. E. poderia actuar — foi também esclarecido.

Em determinado passo da conferência, o sr. dr. Enes Ferreira afirmou ter o Ministério da Economia colocado à sua disposição meios incondicionais, para o bom exercício da acção fiscalizadora.

Já no final da reunião, foi afirmada a conveniência de estabelecer até ao fim da campanha da batata um preço único (possivelmente 2\$70), «capaz de satisfazer tanto o público como o consumidor».

Poderá ser afectada a exportação portuguesa de sardinhas de conserva para os Estados Unidos

WASHINGTON, 6 — (F. P.) — Os fabricantes americanos de conservas de sardinha em lata pediram ao Governo que aplique medidas de protecção contra as importações, segundo anunciou a comissão das pautas alfandegárias.

Em resposta a uma petição da Associação dos Conservadores do Maine — o estado-maior produtor — a comissão de pautas decidiu abrir um inquérito público sobre as importações de sardinhas em lata, tendo-lhe sido fixada a data de 29 de Abril. Este inquérito tem por finalidade determinar se o aumento das importações de sardinhas, nos Estados Unidos, resulta de benefícios pautais e se os conservadores do Maine foram realmente afectados.

Portugal é o maior fornecedor dos Estados Unidos de sardinhas de conserva em lata.

Com efeito, segundo o último Boletim Mensal de Estatística, a exportação portuguesa de sardinhas em

Salomé está em Lisboa. Chegou hoje, ao princípio da tarde. No entanto, esta presença da famosa artista espanhola em Portugal não tem como objectivo qualquer demonstração dos seus méritos de cancionista. Salomé (representante de Espanha no próximo festival internacional da canção) veio a Lisboa expressamente para fazer a entrega dos «Prémios da Imprensa» recentemente atribuídos



Na vila alemã de Kronach houve, em tempos, um poeta que só tinha um vício: tomar rapé. Pois bem, há dias, foi inaugurada uma estátua que, invocando o poeta, tem, como accesorio, um cunco de rapé, onde qualquer pequeno cidadão de Kronach pode, á vontade, puxar a sua pitada

O regime das empreitadas de obras públicas

O regime das empreitadas de obras publicas era regulado pelo diploma de 9 de Maio de 1906. Antiquado como se compreende e o «Diário de Lisboa» exaustivamente o demonstrou, há alguns anos.

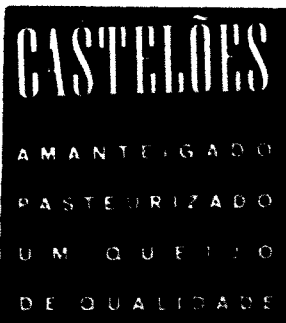
Por isso decidiu o Ministério das Obras Publicas, elaborar novo diploma, nele abrangendo todos os aspectos das empreitadas em obras publicas. Para o seu estudo se pediu a colaboração da Ordem dos Engenheiros e do Grémio Regional dos Industriais de Construção Civil e Obras Publicas.

Deixando para diploma posterior a matéria referente a fornecimentos, no novo decreto-lei se estabeleceram as disposições fundamentais: formação do contrato; execução da empreitada; pagamentos; recepção e liquidação da obra; rescisão e da resolução convencional da empreitada; contenciosos dos contratos e disposições finais e transitórias.

AOS LEITORES

Uma avaria no quadro eléctrico das nossas instalações provocou um atraso de mais de uma hora na saída da primeira edição de hoje do «Diário de Lisboa», bem como a inevitável perda de qualidade no que respeita a parte do noticiário e do arranjo gráfico.

Da ocorrência e consequências, que não tivemos possibilidade de prever nem de remediar mais cedo, pedimos desculpa aos nossos leitores.



SAPATARIA PARIS

268 — RUA DO OURO — 270

Aproveitem só até dia 15 os fins de colecções do nosso afamado calçado, por preços abaixo do custo.

Exposição no interior do estabelecimento.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava muito nublado e o vento era fraco a moderado de Leste por influência de uma massa de ar transportada na circulação de um anticiclone centrado na França e de uma depressão centrada a Leste das Açores.

OBSERVADA NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima, Praia da Rocha, 14.5, mínima, Figueira de Castelo Rodrigo, — 4.1.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 8°, na água do mar, 13.4.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado, por vezes encoberto. Possibilidade de chuva. Vento de Leste, rodando para Sul, fraco a moderado.

Amanhã
Nascer às 5 e 37
Ocer a 19 e 06



DIAS 24, 10, 16, 14
MARES:

PRELA MAR: Dia 6 — 6 e 29 (4 m); 7 — 8 e 55 (3,7 m); Dia 7 — 7 e 09 (3,9 m); 19 e 37 (3,6 m); Dia 8 — 8 e 53 (3,8 m); 20 e 19 (3,5 m); **BAIXA-MAR:** Dia 6 — 12 e 24 (0,9 m); Dia 7 — 0 e 40 (1 m); 13 e 10 (1 m); Dia 8 — 1 e 21 (1,1 m); 13 e 53 (1,1 m).

VIDA POLITICA

Ministro das Obras Públicas

O sr. eng.º Rui Sanches recebeu o reitor da Universidade de Coimbra, acompanhado da direcção da secção de futebol da Associação Académica; o presidente da Câmara Municipal da Marinha Grande; o presidente do Município de Amarante, acompanhado dos directores dos colégios de Villa Moia e Amarante; e o governador civil de Aveiro.

Subsecretário de Estado das Obras Públicas

Com o sr. dr. Silva Pinto trabalhará hoje o sr. eng.º Guimarães Lobato, presidente do Grupo de Trabalho dos Transportes, Comunicações e Meteorologia, e dr. Rui Pestana, presidente do Grupo de Trabalho da Política dos Solos, a recebeu o deputado Deodato de Guimarães.

A tarde um grupo de finalistas de engenharia civil do Instituto Superior Técnico

foi recebido pelos srs. eng.º Rui Sanches e dr. Silva Pinto.

Secretário de Estado da Indústria

O sr. eng.º Amaro da Costa recebeu os srs. dr. Henrique Sequeira, secretário-geral da Corporação da Indústria, acompanhado pela Comissão Organizadora das Industrias de Pesca, e o governador civil de Portalegre.

Passeio-mistério

do Clube do Campismo

No próximo domingo, o Clube de Campismo de Lisboa organiza o seu habitual passeio-mistério automóvel, que se espera venha a conquistar um êxito igual ou superior aos dos anos anteriores.

A concentração far-se-á no parque de estacionamento em frente da Penitenciária, sendo a partida dada às 9 horas.

Novo director-geral

do Secretariado da Reforma Administrativa

Foi nomeado director-geral do Secretariado da Reforma Administrativa o sr. dr. J. Américo de Campos Costa, que sucede naquelas funções ao secretário-geral da Província do Conselho, dr. Diogo de Paiva Brandão, incumbido do seu desempenho, por inerência e a título transitório, desde a criação do organismo, em Novembro de 1967.

A posse será conferida pelo ministro de Estado, eng.º Alfredo Vas Pinho, amanhã, pelas 18 horas, no Palácio de S. Bento.

Em ALVALADE VAREJO e «Diário de Lisboa» recebe os

Prémios da Imprensa recentemente atribuídos

Em ALVALADE VAREJO e «Diário de Lisboa» recebe os

Prémios da Imprensa recentemente atribuídos

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

Alexandre O'Neill
E. M. de Melo e Castro
Francisco Bronze
José-Augusto França
José Duarte
José Vaz Pereira
Júlio Moreira
Rocha de Sousa

N.º 549/6 DE FEVEREIRO DE 1969

KEN COX

Um ciberneteta

por E. M. de Melo e Castro

HA CERTAMEENTE um novo tipo humano que está a nascer. A margem do «establisment», como se diz em Inglaterra, criando um mundo que procura ser novo e ser melhor do que o mundo já estabelecido. Para se criar esse mundo novo não é preciso ser muito jovem e inexperiente, ou apaixonado, ou romântico, ou anárquico. É preciso estar vivo e ser consciente. Estar de olhos abertos, pois não se trata nem de torres de marfim nem de refúgios, nem de exaltações. «Em vez da Torre de Marfim, a Torre de Comando», como diz Machiavelli. De comando da vida própria e da própria vida (digo eu) — dizem os que conscientemente deixaram de ser só Poetas para entrarem numa nova categoria criadora a que se pode chamar OS CIBERNETAS: homens que agem com os materiais que o mundo de

Nova York ou outras capitais. Quando em 1962 escrevi para o Suplemento Literário do Times (1) chamando a atenção para a Poesia Concreta Brasileira houve uma falca que provocou uma enorme explosão num ambiente altamente oxigenado (preparado portanto). Hoje existem pelo menos na Inglaterra 45 editores de Vanguarda publicando «com os meios possíveis» livros, revistas, panfletos, cartazes, objectos. QUE SE VENDEM.

Tive recentemente oportunidade de assistir a um Congresso dessas editoriais: Propriedade e Trabalho de Poetas. Propriedade e Trabalho que está originando um mundo cultural novo em que a palavra Vanguarda é superflua. É que a Vanguarda só se entende relativamente a uma rectaguarda estática, e es-



na humanista portanto. Não a máquina escravizadora. Não a máquina que mata.

KEN COX de 41 anos morreu em Londres atropelado por um automóvel.

KEN COX era professor de Artes. Era poeta. Era escultor. E assim que se diz. Mas KEN COX desde 1963 que construiu máquinas cibernéticas. Essa a sua verdadeira ocupação. Não tinha subsídios. Vivía numa quinta longe de Londres. Trabalhava num estúdio que ele próprio construiu num estábulo — com uma enorme janela de vidro que alguns meses atrás ele próprio colocara.

Nesse estúdio construiu as suas mais notáveis obras entre as quais uma fascinante série de «balões ovais» de várias cores; vários arco-íris; o «suncycle» editado em Múltiplo pela Lisson Galerie de Londres; as «3 graças» que estiveram patentes na exposição «Serendipity Cibernética» organizada pelo ICA e que agora devem estar percorrendo a América. Nestas obras, fundamentais no novo universo criador em que vivemos (para lá do mesmo ambiente de renovação da arte em Inglaterra), Ken Cox tinha uma preocupação específica (como declarou em entrevista dada ao semanário «Telegraph»): «a tarefa que me impus é atingir a unidade entre o movimento como tal e os significados latentes que estão enterrados nas palavras que escolhi usar. Os materiais em si próprios também são importantes e são estes os 3 elementos que procuro sempre unir». Esta proposição é uma versão evoluída da proposta fundamental da Poesia Concreta.

Da Poesia Concreta dizia KEN COX: «É uma dádiva do céu: faz abrir os olhos das pessoas» ou então:

(Continua na 6.ª página)

Traduzir

GUIMARÃES ROSA

por Curt Meyer-Clason

CURT MEYER-CLASON é o grande divulgador da moderna literatura brasileira na Alemanha e o tradutor, escrupuloso e apaixonado, da obra de Guimarães Rosa — autor com quem manteve uma correspondência de quase dez anos.

O texto que hoje apresentamos ao leitor — excerto da conferência pronunciada em 24-10-68 no Goethe Institut de Belo Horizonte e mais tarde repetida na Livraria Quadrante, aquando da homenagem ali prestada ao romancista brasileiro — foi publicado no «Suplemento Literário de Minas Gerais» e é uma peça reveladora da aventura literária vivida por Clason ao traduzir a complexa linguagem do mineiro de Cordisburgo.

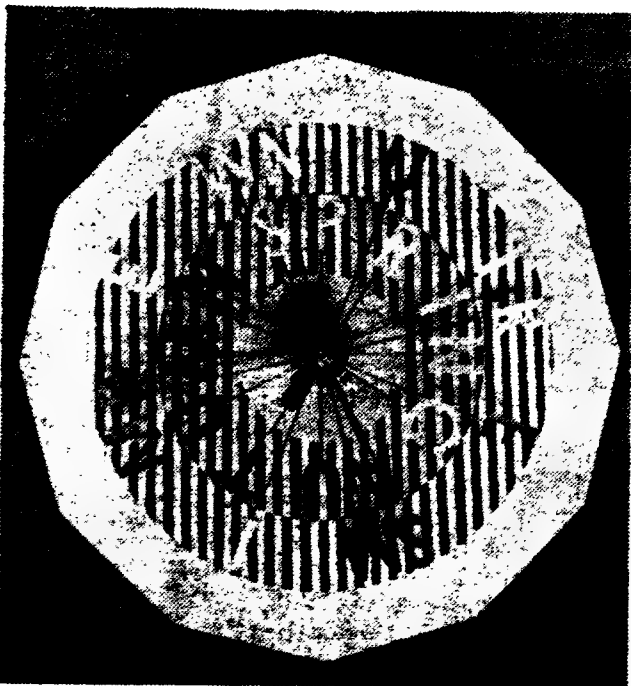
NAO CONHEÇO escritor — e conheço alguns — que se tenha, como João Guimarães Rosa, interessado tanto pelo problema da tradução, da transplantação — operação gêmea àquela que o autor realiza no papel branco diante de si, já que o processo da tradução prossegue o processo da criação literária. Foi Rosa um dos participantes do colóquio de Escritores Latino-Americanos e Alemães, organizado pela revista HUMBOLDT no ano de 1962 em Berlim, que mais se empenhou pela problemática da tradução, chegando até a propor a fundação de uma organização, talvez subvencionada pelo Estado. «Seria mais uma homenagem e um aplauso meu à revista Humboldt — disse textualmente Rosa — que a revista continuasse a fazer o que ela já faz, dando um cunho talvez mais sacramental. Então a revista poderia hospedar esse organismo, em sua forma escrita. A revista poderia dedicar até mesmo metade de sua extensão a estes assuntos, porque traduzir é conviver. Sugiro, pois, que se comece já com um nome, com um ponto de partida para esse organismo». Aqui fala um homem cuja vida sempre distinguia-se por uma presença total, por uma convivência espontânea. Não esqueçamos esta palavra importante, definitiva do autor de TUTAMÉIA sobre o ofício de traduzir: CONVIVER. E vejamos, verifiquemos um pouco a maneira da qual João Guimarães Rosa conviveu, durante os anos de nosso conhecimento mútuo, aos meus esforços para conviver com o mundo dos seus livros, transplantando-o, naciona-

lizando-o no terreno da língua alemã.

«A tradução e publicação em alemão me entusiasma, por sua alta significação cultural, e porque julgo esse idioma o mais apto a captar e reflectir todas as «nuances» da língua e do pensamento em que tentel vazar os meus livros». Assim, escreve-me Rosa em sua primeira carta, datada de 18 de Fevereiro de 1959, e acresce algo que, lido hoje, isto é, retrospectivamente, soa como um mau augúrio: «Com efeito, a demora, de mais um ano com que venho agora responder a sua estimada carta, estaria a denotar descaso, impolidez e falta de interesse. Posso dizer-lhe, porém, que tudo

ocorreu apenas por motivo de uma série de circunstâncias, tendo sido o ano passado, para mim, excepcionalmente atribulado e cheio de contratempos. Adoecei, seriamente, tive de ficar em longo repouso absoluto, aqui no Rio de Janeiro, em São Paulo». Mas só anos mais tarde confessou, em palestra íntima, o verdadeiro motivo por que ao fim e ao cabo se resolveu a responder-me. «Temi nessa altura que o meu coração não aguentasse. Por isso quis fazer tábuas rasa e não deixar em caso de morte nenhuma carta por responder». Talvez não seja acaso, portanto, que em sua última carta, dirigida a mim, de 27 de Agosto de 1967, surja novamente a palavra-chave, ponto de partida, ponto central do homem, poeta e amigo. «Coraçãomente» — explica Rosa à minha consulta sobre as duas últimas linhas do conto SEQUENCIA — «ficou mais concreto, directo, quente e imediato que cordialmente» — isto em português, porque, quando usamos «cordialmente», nem se recorda mais o radical latino; hoje «cordialmente» é termo de emprego banal.

(Continua na 6.ª página)



Ken Cox: a poesia da Cibernética.



Guimarães Rosa, 1952: um escritor na Fazenda

sempre lhes oferece HOJE sa em Inglaterra é o mundo transformando-os em si do fechado do «Establisment», em que impera o dinheirismo e o preconceito social. De alguma coisa dominada neste novo mundo criada. Há certamente uma dor, é a noção de espaço e tempo, espaço humano, que a máquina, como extensão, está a perder. A máquina dos sentidos, dos membros, das capacidades físicas, da capacidade de acção do e do pensamento. Homem: a máquina ciber-quer em Paris, quer em Lisboa, portanto; a máqui-

letras estrangeiras e letras estrangeiras • letras estrangeiras • letras estrangeiras

REVISTAS E PENSAMENTO

RAISON PRESENT

PUBLICAÇÃO das Editions Rationalistes, revista do racionalismo moderno, *Raison Present* entra agora no seu terceiro ano. Lembremos que participam no seu comité de redacção nomes conhecidos como os de Emile Bottigelli, Maurice Godelier, Ernest Kahane, Olivier Revault d'Alloines, Jean-Pierre Vernant, Pierre Vidal-Naquet e René Zazzo. O director é Victor Leduc. Neste número 9, correspondente ao período de Janeiro, Fevereiro e Março, encontramos no sumário: Etienne, *Un Nouveau Garap: La nouvelle critique* (trata-se, infelizmente, de um Etienne que está fora das questões essenciais, e que se limita a utilizar com brilho e alarido a sua tão famosa *perve*); *Entretien avec Jean-T. Desanti* sobre o seu livro, *Les Idéologies Mathématiques*, tesa de demasiado especializada, e, por isso, inacessível ao leitor comum, mas considerada genial pelo júri da Sorbonne; Pierre Vernant, *La transplantation cardiaque*, Victor Leduc, *Marxisme et Philosophie* (ensaio onde predominam as banalidades); reflexões cruzadas sobre o futuro de Maio, da autoria de Jean Deprun, Pierre Vidal-Naquet e de outros; um trabalho de síntese sobre o estruturalismo: *Du penseur modèle aux modèles de la pensée*, de Françoise van Laere (trabalho que vale a pena assinalar pela sua excelente qualidade e perfeita informação); Maurice Cavéling, *La laïcisation de la parole et l'exigence rationnelle* (comentário a um li-

vro de Marcel Détienné); uma discussão entre Marcel Conche e Etienne Borne sobre *Athéisme et rationalisme* e críticas a livros de Cheikh Anta Diop, Philippe Mairieu e Hélène Vedrine. Trata-se de um número do maior interesse.

LES TEMPS MODERNES

DOS SUMARIOS desta importante revista francesa, salientamos em relação ao número de Novembro: Richard Marientras, *Un génocide dans le sens de l'histoire* (sobre o Biafra); Josefa Slanska, *Rapport sur mon mari* (documento sensacional da vida do dirigente checo Slanska); Marc Goldstein, *Le P. C. F. du 3 Mai au 16 Juin 1968* (análise baseada numa leitura crítica de *L'Humanité*);



raízes do conflito; Roy Lisker, *New York: une gauche embryonnaire* (elementos importantes para uma possível transformação dos Estados Unidos da América); Christian Jelen, *Mézière: le sens d'une révolution*; Juan Goytisolo, *Prague, octobre 1968*; e, ainda: uma crítica ao livro de René Girard, sobre Lenas, e um comentário de Christian Zimmer (um dos melhores críticos cinematográficos franceses) a Socrate, de Lapoujade, e a *Edipo-Rei*, de Pasolini. Este número (270) inicia-se com um fragmento de um ensaio sobre *Les rebelles primitifs de Bosnie*. E, ainda, de salientar um estudo de Vilma Chiara, *Le processus d'extermination des Indiens du Brésil*.

CRITIQUE

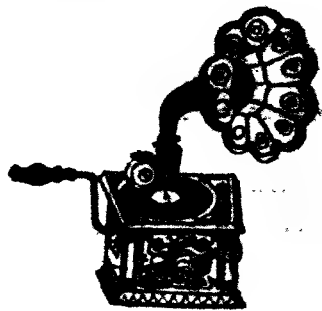
TRATA-SE certamente de uma das mais sérias revistas francesas. Pertencem à redacção de *Critique* nomes como os de Roland Barthes, Michel Foucault, Jacques Derrida, Michel Deguy, Roger Errera e Pierre Charpentrat. A direcção é de Jean Piel. No número de Dezembro, 259, *Critique* incluiu alguns textos de grande interesse: Roger Laporte escrevia sobre Hölderlin um longo ensaio de relação com a problemática heideggeriana (*Hölderlin ou le combat poétique*); Jean-Michel Gardair ocupava-se das cartas de Pavese; Gérard Granel assinava um texto apaixonante sobre as implicações teológicas, ao nível mais profundo, da *enciclica Humanae vitae* (*La destruction de la théologie*); Hervé Rousseau analisava a obra mais recente de Georges Dumézil, *Mythe et épopée*. Por fim, Jacques Nantet, a partir de trabalhos de Morin e Duwignaud, escrevia sobre os problemas da sociologia urbana. Merecem uma leitura atenta os artigos de Laporte, pelo tema e pelo nível de discussão que Laporte sempre assegura, e o artigo de Gérard Granel, na medida em que um filósofo, com alta preparação técnica, se ocupa de um assunto da mais escaldante actualidade em termos exemplares. No sumário do número de Janeiro, 260, *Critique* apresenta um conjunto de textos menos vellos, onde no entanto se salientam: um estudo de René Michas sobre Boulgakov; um comentário de Michel Dé-

guy a alguns textos de Saussure publicados postumamente (*La folie de Saussure*); uma análise muito curiosa da problemática picaresca, feita por Claude Esteban, com base na longa introdução de Maurice Molho à edição dos romances picarescos espanhóis na Bibliothèque de la Pléiade (*La trajectoire de l'échec*). Do ensaio sobre a picaresca, talvez o mais curioso deste número, sublinham-se os seguintes passos: o romance picaresco, mais do que um espelho passeado ao longo dos caminhos de Espanha aparece-nos hoje, para além de todos os juízos literários, como uma interrogação e uma espécie de desafio lançado por alguns homens a uma sociedade bem definida que se recusava a reconhecer-lhes e a atribuir-lhes um estatuto.

Assim, a classe vencida que suscita a figura do pícaro não procura, de forma alguma, através deste simulacro dela própria, elaborar uma literatura psicológica, como a burguesia triunfante o fará por toda a Europa, mas procura, pelo caminho trivial do imaginário, ganhar uma espécie de compensação a posteriori ao nível da ficção.

NA NOUVELLE REVUE FRANÇAISE

NO SEU PRIMEIRO NÚMERO deste ano, a prestigiada, mas algo académica revista francesa (agora sob a direcção de Marcel Arland, dado o desaparecimento de Jean Paulhan), apresenta um sumário de interesse, com aspectos polémicos que lhe são pouco usuais. Podemos ler um belíssimo poema de Saint-John Perse, *Chanté par celle qui fut là* («Amour, ô mon amour, immense fut la nuit, immense notre veille où fut tant d'être consumé»), uma narrativa de Henri Thomas, *Le Vosgien*; a primeira parte de um ensaio filosófico de Brice Parain (esse estranho pensador e moralista que participou num filme de Godard), *Petite Méta-physique de la Parole*; um texto de Marcel Arland, *Les bons Apôtres*; e ainda uma curiosa crónica de Jacques Bersani, *Consummation et Contestation*. Mas a grande sensação deste número é um artigo brilhante, subtil e mal-intencionado do linguista Georges Mounin (fiel discípulo de Martinet) sobre o estilo de Jacques Lacan, o psicanalista: *Quelques Extraits du Style de Jacques Lacan*. Texto extremamente saboroso pela análise estilística, feita com uma seriedade repassada de ironia, o seu valor crítico no que respeita às relações entre linguística e psicanálise é inteiramente nulo. Mounin critica os filósofos por distorcerem as noções linguísticas, precisamente porque a sua preparação filosófica lhe não permite entrever os motivos de tais distorções. Como François Wahl muito bem mostra em *Qu'est-ce que le structuralisme?*



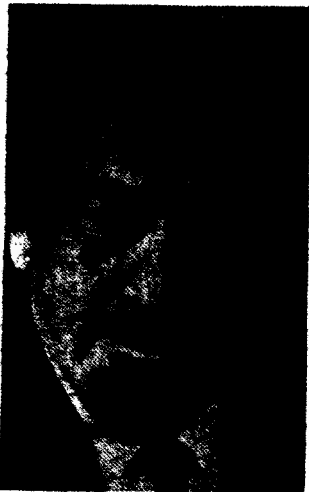
A VOZ AMERICANA

NO PROGRAMA «Horizontes», da TV, uma entrevista com James Michener, Prémio Pulitzer do romance norte-americano. Intervenção rotineira numa rubrica em que, por exemplo, se incluiu um vivo e valioso depoimento sobre teatro de Ruth Escobar.

Michener, autor do «best seller» *Sayonara*, disse pouco ou quase nada. E foi mal ouvido pelo entrevistador-tradutor, o jornalista Manuel Rodrigues, num ou noutro passo não deu a versão mais concludente das afirmações do romancista (por exemplo, falando de Updike, Michener salientou o carácter «experimental» desta literatura — pormenor importante que não foi reproduzido na tradução).

Mas se a entrevista não brilhou pelo dinamismo nem pela originalidade, o entrevistado, esse, limitou-se a uma arenga de compêndio muito *Digest*. Citou nomes mais que batidos — Dos Passos, Faulkner, Hemingway, Malamud, Updike... o trivial — mas, caso curioso e muito significativo, esqueceu Mailer, ignorou Mary Carth e, dizendo que a literatura do seu país se orgulhava de contar com bons romancistas negros, não nomeou um só deles, nem mesmo James Baldwin.

■ Ainda a literatura americana. Ainda a TV. Na Semana que findou, a US



Steinbeck: o homem dividido

Novel mereceu as honras dos estúdios do Lumiar.

Desta vez (rubrica «Panorama Literário») apresentou-se homenagem a John Steinbeck. Falou-se do talento do grande romancista e preveniu-se o público quanto à parte final da sua obra, afirmando-se, e muito bem, que era tendencioso omitir qualquer etapa essencial da vida de Steinbeck. Procurou-se, então, estabelecer uma unidade entre o autor de *As Vinhas da Ira* e o polemista que se declarou partidário da pena de morte. É evidente que Steinbeck, e os escamoteamentos,

como tantos outros novelistas (Orwell, entre outros; Silone, Jorge Amado, etc.), registou na sua carreira modificações profundas de atitude, e, como muito bem sublinhou o comentador da TV, não é correcto «tentar ludir ou escamotear a fase final da sua obra». Não. A fase final está lá. É o *A Leste do Eden*, um romance que, não tendo a pujança de *Ratos e Homens* ou de *As Vinhas da Ira*, continua a ser um trabalho importante e com a marca de Steinbeck. Mas há, também, os escritos políticos, e esses nada têm a ver com o clima humano nem com o partido tomado pelo escritor nos seus romances.

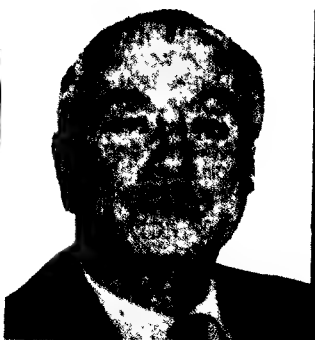
A louvável atitude de repudiar as distorções sectárias, exige coerência e rigor. Para uns, Steinbeck terá sido um bom romancista, que na fase final da sua vida sofreu uma evolução de panfletário violento e instalado: esses nunca poderão negar a qualidade de um livro como *A Pérola*, como *Tortilla Flat*, como *A Um Deus Desconhecido*. Para os outros, para outros leitores, que há largos anos minimizavam o romancista, Steinbeck aparece agora «revisto»: para eles é o cidadão empenhado no lado que consideram justo de uma batalha e é o autor de obras de ficção magistralmente realizadas. Quando muito, isto. Porque seria irrisório tentar ilustrar as últimas declarações de Steinbeck com as tomadas de posição assumidas nos seus melhores romances. Seria distorcer, escamotear. E, por mais que se tente essa manobra de «recuperação», os contos de *The Long Valley* (bastava um deles, «O Chefe»), as reportagens da 2.ª Grande Guerra, *The Burning Bright*, e os seus romances, mesmo os últimos, não se identificam de maneira nenhuma com o Steinbeck dos últimos anos.

John Steinbeck escreveu, também *In Dubious Battle*, que figura entre as suas obras essenciais e mais discutidas. Ninguém ignora que faz parte de uma fase do autor juntamente com *Of Mice and Men* e *Grapes of Wrath*. É um romance, mais do que todos, «engastado» (é que ainda esse termo tem alguma validade). Mas não se pode omiti-lo numa análise, mesmo que passageira, como fez o comentador da TV.

Porque *In Dubious Battle* é um exemplo de frustação da descontinuidade do pensamento de Steinbeck? Porque se considerou (muito pessoalmente, enfim) de menor qualidade literária? Embora... O certo é que foi omitido num comentário que pretendia se destinava a protestar contra as omissões e os escamoteamentos.

ANTÓNIO SÉRGIO

na PORTUGÁLIA EDITORA



PROSA DOCTRINAL DE AUTORES PORTUGUESES - 2.ª série -

(ANTÓNIO SÉRGIO)

Seleção, prefácio e notas de Joel Serrão

volume de 600 páginas, que reúne a sùmula do pensamento sergiano:

- *Como que a busca de um método...*
- *Problemas de homem português*
- *Humanismo, Racionalismo e Universalismo*

Col. ANTOLOGIAS UNIVERSAIS — 65\$00.

Na mesma colecção, organizada e prefaciada por ANTÓNIO SÉRGIO, a primeira série da *Prosa Doutrinal*, com textos fundamentais de:

Dom Duarte • Fernão Lopes • Francisco de Moraes • Francisco de Holanda • Amador Arrais • António Vieira • Luís António Verney • Ribeiro Sanches • Cavaleiro de Oliveira • José Agostinho de Macedo • Almeida Garrett • Alexandre Heróclito • Antero de Quental • Oliveira Martins • Eça de Queirós • Meniz Barreto • Sampaio Bruno

vol. de - 472 págs., 45\$00

PORTUGÁLIA EDITORA
Avenida da Liberdade, 13, 3.º — LISBOA

Um informalismo contraditório

por Francisco Bronze

NELSON DIAS
Galeria Quadrante

UMA PRIMEIRA EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL deve sempre merecer do crítico uma certa benevolência. Ainda quando este não consegue aderir espontaneamente à obra do artista ou quando o seu gosto recusa de modo inequívoco e vibrante a arte que se lhe apresenta, ele deve fazer um esforço de compreensão das razões contrárias que se lhe põem a diálogo. Deve também, e constantemente, pôr em causa o seu próprio gosto e tentar fundamentá-lo, explicitando os princípios teóricos pelos quais se rege. Decerto que nem sempre há tempo e oportunidade para fazê-lo. Uma tal tarefa é sempre mais difícil — e mais importante também — do que à primeira vista parece. No entanto ela impõe-se-nos hoje com uma forte evidência e como uma necessidade inadiável. Não será este o local mais indicado para fazê-lo — e por essa razão muitos dos juízos de valor que desejáramos fundamentar o mais rigorosamente possível, através do método mais seguro, não se libertarão facilmente des-

se carácter impressionista que afinal pretendemos renegar.

Deveríamos talvez começar por classificar a arte de Nelson Dias. Mas dizer que a sua pintura é de expressão lírica é não dizer nada.

Sabemos bem como os lugares-comuns se descarregam de informação e como as palavras perdem peso à força de usadas, até não guardarem nada do seu significado inicial. Acontece então tomarem elas outro sentido, numa alteração semântica de que nem sempre damos conta. Melhor será, por isso, evitarmos classificações pouco esclarecedoras e perguntarmos-nos antes como — através de que meios — se processa a pintura deste jovem artista.

Desde logo podemos verificar como nos seus quadros se sobrepõem problemas plásticos que podem separar-se em, pelo menos, três tipos analisáveis, a saber: os que dizem imediatamente respeito ao espaço, os que se referem à matéria e os que têm a ver com o gesto. Nenhum deles, é evidente, pode ser dissociado do problema da cor, a qual cobre inteiramente todo este campo de experiência que se abre à nossa percepção. O resultado é

sempre uma imagem (outro valor que convém não esquecer) de definição mais ou menos informal, corroida já — e ainda bem... — por um conflito interno que tentaremos explicar.

O espaço é vivido na pintura de Nelson Dias na consciência duma realidade concreta: — a dos irreversíveis limites que definem o rectângulo do quadro. Contudo, e apesar desta pintura se inscrever em esquemas de abstracção por demais divulgados, este espaço não é inteiramente assumido na verdade física que esse tal rectângulo, na sua bidimensionalidade e na sua forma, constantemente parece impor ao artista. Assim, o conflito que nesta pintura se esboça refere-se precisamente a um desfasamento entre a evidência desse espaço rectangular, concreto e imediato à percepção do pintor, e um outro espaço — memória que ele pretende sugerir através da imagem, lembrança ainda duma experiência anterior ao acto de pintar.

Ora, essa experiência de um espaço prévio e aberto, que só através do artifício pictórico pode ser evocado, choça-se naturalmente com as exigências do espaço fechado que é o qua-

dro. As duas realidades afrontam-se, guerreiam-se, instalam a contradição no seio desta pintura. E podemos também verificar como o pintor vai tomando consciência dessa contradição: o que se explica por esses rectângulos que frequentemente surgem desenhados, destruídos depois por emaranhado de gestos, por um derramamento de tintas que faz explodir a forma fechada, alargando-se num espaço que parece abrir-se para lá dos limites do quadro.

O conflito instala-se, como dissemos, mas não se resolve por este gesticular que reage contra uma forma tradicional, ou que pretende dinamizar a solidez duma matéria petrificada.

Quanto a nós parece-nos ser este o nó do problema: — a arte moderna já verificou que um espaço aberto não pode ser conquistado senão a partir do espaço fechado que o quadro é, de facto. Isto quer dizer que este mesmo espaço, só poderá abrir-se se tiver em conta a sua realidade concreta, a sua verdade de coisa, e jamais em termos de memória e de representação de uma experiência anterior. Isto é, o quadro só poderá abrir-se se ti-

ver em conta o espaço real que o circunda.

Esta memória de um espaço natural que se verifica ainda na pintura de Nelson Dias poderá facilmente entender-se como os resíduos duma estética naturalista que muita da arte dita abstracta nem sempre logrou despojar-se. Ela conserva por isso sempre algo de paisagem, que deve ter no caso da pintura de Nelson o significado preciso de paisagem-interior segundo aquela conhecida expressão romântica de que toda a paisagem pode ser tomada como a representação de um estado de alma. Assim, sugestões de profundidade espacial podem aqui encontrar-se através de certos artifícios picturais que toda uma arte tradicionalista largamente utilizou. A transparência das tintas pode sugerir um vazio atmosférico enquanto a opacidade da matéria evoca imediatamente a presença de um primeiro plano. Mas a matéria é precisamente, assim como o gesto que pretende dinamizá-la, um elemento pelo qual esta pintura pode afastar-se desse espaço de memória naturalista e a criar outras necessidades sensoriais. É sabido como, pela acentuação dos valo-

res matéricos, a pintura moderna se encaminhou, ao longo dos anos 50, para aquilo que foi designado por antipintura e como, desse modo, a arte logrou chegar a uma nova concepção espacial.

A partir das nossas palavras, não faltará decerto quem julgue a pintura de Nelson Dias demasiadamente «datée». Não recusaremos tal facto: no panorama das artes mundiais, «datée» é ela, sem dúvida, vivendo um «tempo» que de modo nenhum se pode dizer actual. Mas que não se infira disto que achamos desejável a frenética corrida «atrás da moda» que arrasta alguns artistas de duvidosa formação e autenticidade igualmente duvidosa. Não. A necessidade de evoluir deve ser num artista uma necessidade real e não fictícia, escusado é disê-lo. No fundo, supomos que o problema é realmente o de haver um processo dinâmico na criação de alguns artistas, e noutros tal processo não se verificar, por razões que não queremos agora deixar claras. No caso de Nelson Dias, o que importa é que o pintor viva realmente as contradições da sua pintura e delas se compenetre, pois só assim poderá desencadear ou acelerar um processo evolutivo que lhe seja próprio. Por enquanto, algumas contradições podem assinalar-se de facto nos seus trabalhos, mas nada nos indica que esteja próximo o momento em que se verificará o seu ponto de explosão. É necessário que cada artista viva o seu «tempo» individual, mas que este não seja um tempo fechado: — a sua capacidade de se abrir a outros «tempos» é, e será sempre, uma garantia de assegurar o seu próprio dinamismo.



Nelson Dias: «próximo do momento de explosão...»

EXPOSIÇÕES *

GALERIA BUCHHOLZ Rua Duque de Palmela	GRAVURAS, AUTORES ESTRANGEIROS DE GRANDE SIGNIFICADO
GALERIA PERMANENTE S. N. B. A. Rua Barata Salgueiro	EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE ARTE MODERNA COM ALGUNS ARTISTAS PORTUGUESES
S. E. P. T. Praça dos Restauradores	ANTÓNIO AREAL E AUGUSTINA BESSA LUIS, DESENHOS E MANUSCRITOS
Exposições não destacadas pelo Suplemento «DL»	JOÃO REIS (S. N. B. A.), JOSÉ RODRIGUES (S. E. P. T.)

(* Este quadro é da responsabilidade conjunta dos habituais colaboradores da página de artes plásticas, salvo indicação em contrário.

Uma exposição errada

por Rocha de Sousa

PESQUISAS PLÁSTICAS
DOS NOVOS
Galeria Dinastia

CABE AOS JOVENS um papel importante nas sociedades de hoje. Consciente desse papel, a própria juventude não se esquece de proclamá-lo, assumindo as pré-funções em que ele se decide. Sendo assim, é natural e é estimável que diversos meios de educação, ou diversas oportunidades de ordem social, se concretizem para instituir uma programação aberta capaz de integrar os problemas fundamentais das gerações recentes. Esse critério é assumido com notória prioridade por certos países mais avançados, onde de resto as infra-estruturas económicas e culturais têm manifestado importância, constituindo-se formas diferentes e dinâmicas de investi-

mento de capital nos sectores de base ao nível da educação. Aqui se poderá entender, conforme os domínios e as aplicações, que também as empresas privadas se encontram em situação de poder assumir responsabilidades na promoção da juventude, favorecendo e desencadeando meios que determinem tarefas mobilizadoras dessa mesma juventude, integrando-a num quadro de trabalho e de responsabilidade social onde se reconheça a verdadeira preparação do futuro.

A actividade artística das gerações mais próximas é, nesse sentido, um fenómeno de natureza social e cultural que importa ponderar com generosidade, mas igualmente numa cuidadosa referência crítica. Para além da acção pedagógica das Escolas, que deve constantemente adaptar-se às novas solicitações dos grupos humanos, há que consi-

derar o número crescente de iniciativas particulares onde o problema das artes é abordado e canalizado por diferentes sectores de intervenção. De uma forma geral, entre nós e ao nível das artes visuais, o aumento da produção, que está sociologicamente por estudar num plano de profundidade, ajustou-se ao crescimento de um aparelho de apoio com forte poder de iniciativa no sector das galerias. Singularmente, e a despeito de certas descontinuidades de ordem cultural, a produção artística dos últimos anos beneficiou de um conjunto de presenças novas que de facto assumiram papel significativo para uma possível perspectiva do futuro da arte portuguesa. Não só muitos artistas mais velhos se repensaram por dentro, atacando frontalmente as próprias sedimentações ou excessivas dependências de momentos já vívidos, como

também a crítica e certas galerias procuraram chamar a atenção do público para uma jovem pintura que parecia testemunhar o nascimento de uma mentalidade nova. Nem todas as iniciativas encontraram a palavra justa ou o momento exacto, mas houve, de uma forma geral, a preocupação de descobrir as personalidades mais significativas e as formas de intervenção já suficientemente caracterizadas. Provou-se que a esperança não era, nesse contexto de realizações, uma palavra vã. Mas sabia-se antecipadamente quais os riscos de certos entusiasmos e, sobretudo, quais os riscos de uma falta de referência crítica, aqui entendida como órgão selectivo e pedagógico e não apenas como aparelho específico de indemonstrável (também) capacidade criadora. Foram por isso ponderadas as escolhas que vieram a públi-

co, houve toda a severidade justificada, mas só assim se reduziu, apesar de alguns sacrifícios dolorosos, a margem flutuante dos equívocos.

As considerações assim sumariamente apontadas têm, neste momento, inteira justificação. São efectivamente suscitadas pela recente iniciativa da Galeria Dinastia, que envolve numa perspectiva errada as obras incipientes e confusas de alguns jovens. Não é possível, com efeito, manter perante esse facto uma indulgência crítica referida apenas aos objectos e alheia ao compromisso em que eles se integram. É neste sentido, particularmente, que a exposição tem de ser recusada e denunciada, já que ilude os verdadeiros princípios de apoio a uma autêntica produção realizada por artistas jovens, procurando fazer coincidir com os objectos possíveis dessa produção

uns espécimes de manifesta imaturidade, penosamente interiores, revelando confusão estética ou a linha geral de uma escolaridade por elaborar. Mas são estes produtos, justamente, que a Galeria Dinastia promove e aponta como significativos de uma procura de autenticidade projectada na desejável autenticidade da arte portuguesa. Borges de Castro, director da Galeria, explica-se deste modo: «O que está patente não nasceu de outra imposição que não fosse a de «procurarem ser eles próprios, vendo ao seu mundos, aquele onde vivem, «a seu modo», sem se deixarem voluntariamente influenciar por nada nem por ninguém. É considera-se que nesse aspecto, tal como na qualidade, muito conseguiram, pois verifica-se facilmente como uns dos outros se diferenciam, tão diferen-

(Continua na 7.ª página)



Sobre um concurso na E.S.B.A.

Folhetim artístico de José-Augusto França

REALIZOU-SE recentemente na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa um concurso para provimento das cadeiras de Teoria e Composição de Arquitectura. A ele se apresentaram dois assistentes, um mais velho do que outro, mas ambos de suficiente «curriculum». Tenho os dois em elevada consideração profissional e em boa estima pessoal, e de modo algum desejo pôr em causa a competência do vencedor ou a do vencido. De resto, aprovados ambos em mérito absoluto, tal problema não existe. Quer o arq. Formosinho Sanchez, quer o arq. Nuno Portas têm mérito — e entre ambos se optou. Como e porque, é o que se perguntará. E a resposta hipotética que se encontrar esclarecer-nos-á sobre o esquema opcional adoptado — o qual esquema tem que ver com as circunstâncias do ensino da arquitectura em Portugal (ou em Lisboa) e, mais latamente, com a conjuntura cultural portuguesa. De outro modo seria uma opção de acaso ou de capricho, subjectiva e inválida, o que, de todo em todo, não se deve pensar. Não se deve mesmo pensar de qualquer juri onde, como foi o caso, se sentem pessoas competentes e dignas. Os juris são como eram as mulheres de César — acima de toda a suspeita. Esse carácter é, por certo, convencional, mas faz parte das regras do jogo — e quem assim não pense não concorre. Adopto, portanto o ponto de vista que os dois amistosos rivais adoptaram, de officiosa confiança — e se me

emilho nestas declarações prévias é para evitar todo e qualquer dos malentendidos lusitanos que se imiscuem nestas coisas, em épocas de contestação.

Também acho útil dizer, antes que mo digam, que não tenho nada com isso pessoalmente: não sou nem fui aluno da E. S. B. A., não sou nem serei professor da dita — os deuses (ou talvez as musas) de uma coisa me livram e de outra com toda a certeza me safarão. Nada me importa pessoalmente que Fulano ou Cicrano tenha sido escolhido (e logo porque estimo os dois); mas, como sociólogo das coisas das artes, já me interessa o que no seu domínio se passa — e porque e como. E, discutindo nesse plano os acontecimentos que são tão históricos hoje como se há cem anos se tivessem passado, cumpro afinal um dever profissional. Que os historiadores de amanhã tenham de hoje melhor informação do que eu tive de ontem, quando me emaranhei na história do século XIX — e já na do seu ensino artístico. De resto, ponho a hipótese de não estarem muito diferentes as coisas, agora e então, neste mesmo domínio...

Entre dois candidatos absolutamente competentes, escolheu então o juri aquele que mais relativamente conveniente lhe é. Com que critério? O problema é só de critério — e deve logicamente pensar-se que outro juri teria definido um critério diferente, com ele chegando, provavelmente, a diferente resultado de escolha.

Ora parece indicado que um critério aplicável numa escolha destas (que é uma escolha axial, que comandará o futuro imediato do ensino escolar) seja efeito de uma problemática do próprio ensino. Com «x» dados estruturais e sua adaptação conjuntural se equacionam as

condições «y» a que o professor deve obedecer. *Aqui e agora.* Recusado seria dizer (mas infelizmente não é...) que alguns destes dados têm de ser fornecidos pelos próprios alunos, porque o ensino é função relativa entre docentes e discentes. Relativa, insista-se; isto é, não absoluta, de um lado ou de outro. Se uns sabem o que querem ensinar, outros sabem o que querem aprender, se uns começam por pensar que os outros não sabem, o reciprocamente fica logo verdadeiro... Pensemos mesmo na situação científica, muito mais possível do que parece, de um «ordenador» que receba em matriz os dados em que se acode e, relacionando-os com o «curriculum» dos candidatos, anuncie objectivamente aquele que corresponde ao necessário e exigível. Assim melhor se definiria o critério que, de outro modo, só empirico pode ser considerado — e marcado como se sabe, não pela unanimidade dos membros do juri mas apenas pela sua maioria, reparando-se logo que nele só participaram, como manda a lei (como é legal mas não lei, diria Almada Negreiros), professores impondo uma opinião docente que, como acima se viu, é apenas uma semelhança. Ou menos até, se considerarmos que os assistentes não participam nela. Isto responderá ao «como» perguntado atrás. Mas as coisas são o que são, embora discutivelmente elaboradas, sobre elas há que meditar.

Entre os arquitectos Formosinho Sanchez, escolhido, e Nuno Portas, grandes diferenças de temperamento, de tendências mentais — e de tempo. Ou, melhor, de tempo.

Por um lado temos o tempo de idade (que pode contar ou não; e talvez este elemento tenha influido senão determinado passivamente a escolha — o que

seria compreensível, mas não aceitável porque a idade de uma qual se mede aqui e agora de maneira diferente do que muita gente supõe; por outro lado temos o tempo de formação, as opções culturais sempre cronologicamente definidas numa informação mais ou menos actual, recebida e assimilada; finalmente há o tempo português — isto é, a utilidade que aqui e agora um professor deve ter, e vai com certeza ter, neste domínio.

Não desejo discutir neste folhetim o tempo de formação de ambos e apenas quero debruçar-me sobre o tempo português tempo operacional de extrema e delicada importância. Tempo não de passado mas de futuro. Porque foi escolhido quem o foi?

Pela sua formação e experiência curricularmente demonstrada, e através das provas do concurso e da tese defendida, mostrou ele *melhor corresponder* ao que uma profunda reforma modernizadora de programas (e sobretudo de esquemas mentais) vai mesmo requerer? Ou mostrou *corresponder pior*? Quais o juri, nestes planos (e só dele falo — mas é muitíssimo importante) deliberadamente o *melhor* ou o *pior*? Isso responderá ao «porquê» acima perguntado.

Por outras e mais urgentes palavras: Postos a par as qualidades e os defeitos, as vantagens e as desvantagens de ambos, qual deles aponta para o futuro — o futuro mais próximo em que a Escola de x se de alicunhar (e com que satisfação de alguns membros da maioria do juri assim se alicunha...) de «Belas-Artes»?

Não sei se devo desejar que o juri tenha acertado ou errado — mas voltarei ao assunto, se for preciso.

Uma longa dinastia

THE ARMS OF KRUPP
(1587-1968)

por
William Manchester
ed. Little Brown & Co.

PARA O GRANDE PÚBLICO de todo o mundo guerra, aço e Krupp são valores da analogia. E de antologia. Porque raras vezes na história da humanidade um apelido esteve tão ligado à indústria de guerra e triunfou, como este, de tantas derrotas.

Em todo o caso a saga dos Krupp, que William Manchester — conhecido autor

de *A Morte de um Presidente* — descreve em cerca de 1000 páginas de larga documentação, em todo o caso a aventura destes modernos fabricantes da destruição tem aspectos sensacionais que empolgam pela astúcia de que se revestem e pela imaginação que os concebeu. Desde a vitória da Prússia em 1871 até à derrota do III Reich em 1945, a História da Alemanha moderna está ligada à dinastia Krupp. Curiosamente, esta família veio da agricultura, mais precisamente da exploração florestal...

Entre 1587 e 1811 o nome Krupp andou fora dos pla-

nos militares. Passado laborioso, tenacidade de camponês, até que surgiu Friedrich I, O Grande (como se diria de um império com história e brasão), o qual fundou as primeiras oficinas de Essen. Essen e Krupp são outros dois nomes associados. Succedeu-lhe — reza a cronologia laboriosamente estudada por William Manchester — o filho Alfred. Alfred I, também, visto que outro do mesmo nome iria (provisoriamente, como se sabe) encerrar a dinastia no tribunal de Nuremberga depois da derrota de Hitler.

Alfred, aos 14 anos, encontrou-se órfão de pai e com uma firma falida. A data do acontecimento figura nos anais da História: 1826. Foi repetidamente citada, geração após geração, em discursos de circunstância e nos anais impressos como «o ano de apocalipse da indústria Krupp». Mas neste mundo de infortúnios a virtude acaba sempre por ser premiada quando é servida por homens de inteligência e de probidade. O jovem Alfred Krupp tinha esta convicção, e denodadamente lançou-se à obra de fabricar «o melhor aço do mundo» — o que efectivamente conseguiu. Quando, aos 60 anos, entregou a alma ao Criador, a fábrica de Essen tinha 13.000 operários e era universalmente conceituada. Com os seus canhões de boa tempera a Prússia tinha vencido insofismavelmente as obsoletas peças de artilharia fabricadas em bronze pelos fornecedores de Luís Napoleão.

Mas o aço é metal de guerra; o bronze, como se sabe, é matéria-prima de arte. A Alfred sucedeu o filho



Alfred Krupp: depois da aliança hitleriana a morte

Fritz que se lamentava, numa carta ao imperador Guilherme II: «A fortuna que me coube é a minha maldição. Sem ela eu teria dedicado toda a minha vida à arte, à literatura e à ciência». Desgostosamente para ele, o prestígio do aço não lhe permitiu descanso nem esbanjamentos perigosos. Os exércitos e as indústrias do mundo inteiro disputavam-lhe a mercadoria e as patentes e *malgré lui* as fábricas de Essen não produziam estatuetas nem se tinham transformado em paraísos das belas artes.

«Homem de sensibilidade requintada» como, por eufemismo, se lhe chama Manchester, a carreira de Fritz

Krupp acaba nos grandes escândalos e orgias em Capri que o levam ao suicídio.

Fritz, não obstante os seus excessos, deixou uma filha: Bertha — e aqui entra na genealogia um outro nome — muito que iria tornar-se familiar dos combatentes da Primeira Guerra Mundial. Com efeito, Bertha foi a madrinha da «grande Bertha», o canhão de longo alcance que apavorou a Bélgica e a França e foi, em 1914 o que as V2 vieram a ser em 1941 para os Aliados na Europa...

Com Bertha Krupp entra na dinastia do aço o prestígio emblemático dos grandes barões de sangue prussiano. Casada com Gustav von

Bohlen und Halbach a herdeira do colosso de Essen revela-se uma dedicada e engenhosa mulher de iniciativa. O reinado Bertha Gustav envolve duas guerras mundiais porque a partir do tratado de Versalhes é sob o seu signo que a Krupp arma clandestinamente a Alemanha e se transforma no grande condado industrial do Rhur.

Hitler soube prestar-lhe as necessárias homenagens, mas foi, no entanto, ele que, no dizer de Manchester, apoiou as conspirações familiares que depuseram do trono «esse genial empresário e patriota, agora infelizmente senil». Alfred Krupp, o filho da grande aliança, veio a ocupar o lugar muito antes da morte do pai em 1950. Como é sabido, a sucessão veio amaldiçoada por Neptuno: as bombas aliadas destruíram a maior parte das instalações de Essen, os soviéticos invadiram os domínios sagrados e Alfred Krupp veio a ser julgado e condenado por crimes de guerra.

Manchester em cerca de 300 páginas faz o debate e o inventário das responsabilidades de Alfred Krupp numa altura em que a Alemanha se industrializa sob novos esquemas de organização. Um novo homem, Arndt Krupp, renasce das cinzas dos Bohlen und Halbach e torna parte activa na reconstrução do país. É um obreiro do chamado milagre alemão. «Não evoca o passado», como salienta William Manchester, «mas procura esquecer através de uma aficada e constante decisão de realizar...»

JORGE DE SENA EM COIMBRA

Realizar-se no próximo sábado, dia 8, a partir das 16.30 horas, nas instalações da

UNITAS

Cooperativa Académica de Consumo
Rua da Sofia, 73 — COIMBRA

uma sessão no decorrer da qual o escritor Jorge de Sena autografará os seus livros. No mesmo dia, a partir das 21.30 h., no Teatro do Bolo do CTTAC, efectua-se um colóquio, orientado pelo Prof. Vítor Matos e Sá, acerca da obra de Jorge de Sena.

PORTUGÁLIA EDITORA



DOIS NÚMEROS DE CIRCO

por Alexandre O'Neill

DESDOBROU o lenço de assoar, estendeu-o no chão e começou a seu número: deitou-se de costas sobre o lenço, enovelou-se, pediu que alguém do respeitável público lhe puxasse, cruzasse e atasse as pontas («a do monograma a ver-se bem!») e, feita a trouxa, deu ao todo um balançar ligeiro enquanto vagia como quem, sem querer incomodar, procura mãe.

Uma senhora de preto, que era respeitável público, tinha lágrimas nos olhos e apertava na mão um lençinho. Dolorosas lembranças? Crianças olhavam-se entre rir e chorar e uma voz rompeu a protestar com veemência e nojo.

No centro do redondel, a trouxa balançava. Do verde, ao cor-de-rosa-carne, esteve sempre em loco.

Foi então que alguém deu saída ao mal-estar:

— Música, maestro!

Acenderam-se as luzes e a orquestra, toda lustrosa de «smokings», atacou, um pas-doble bem alegre, bem deste mundo, enquanto o pessoal da arena, já atrapalhado pelos augúrios-de-soirée, levava a trouxa para fora, para sempre.

Entre o rico e o pobre a aposta é simples: dar no vinte. Primeiro, acender uma vela e segurar nela a um braço (esticado) do corpo. Depois, eu, que sou o rico, vou afastar-me vinte passos da chama tremulante. Tás nervosa? Natural, natural... Com essa penca rematada em maçoleta. (Já sábis que o tomate este ano baixou?...)

Vou contando os vinte passos. Sei medir as distâncias que te separam de mim. Quatro... Cinco... Tás com as pulgas? Não? Então despartula-te lá, tira o quetxo da biqueira da bola, estica-me esse braço, endireita-me essa vela! Qué?... Ah tu queres que eu espere um bôcadinho? Minha pistola está muito nervosa. Não pode esperar!

Então, já deste lume ao cavalheiro esse? E nem ao menos te tirou o chapéu?

Em posição, cathordas! Seis... Sete...

Agora se ril

Agora me rio porque ah ah tu não sabes lh'lh' o que trazes nas costas uh'uh'...

Quê qu'eu trago, nês costas?

Trazes o 'ul

Trago o quê?

O 'ul O 'ul

Cathordas duma liga pum-pum!

E o senhor sário, que pedira lume ao cathordas, saltou para o redondel e correu atrás do rico e do pobre. Tinha dois buracos no chapéu, conforme demonstrava com dois dedos que até pareciam outra coisa...

«Jazz» na União Soviética

(Segundo Yuri Vakhariéff)

por José Duarte

TODAS AS FORMAS DE ARTE estão em progresso e o «jazz» não é excepção. O progresso, contudo, deve ser fortemente baseado na tradição. Neste sentido, todos os músicos de «jazz» soviéticos sabem o significado histórico de Duke, Count, e Earl e muitos outros grandes «jazzmen» do passado. O problema, porém, é como essa tradição chegou ao «jazz» soviético. A maioria dos músicos do meu país nunca ouviu, por exemplo, a Original Dixieland Band e todo esse passado musical. Ouvi, sim, a música mais nova, as últimas correntes.

E, no entanto, não se pode dizer que tocam uma música de «jazz» sem tradição. As tradições chegaram-lhes através da música de Charlie Parker, Dizzy Gillespie, Miles Davis, Thelonious Monk, John Coltrane e até Ornette Coleman. Por vezes afirmam-se que é impossível tocar como Miles sem ter aprendido a tocar como Armstrong. Considero-a uma teoria completamente absurda.

///

Aprender a improvisar não é problema para músicos mais ou menos talentosos. Enquanto que aprender a ter «swing» é muito mais difícil. É por isso que na Europa não há muitos músicos que tenham «swing», particularmente entre os das secções ritmicas onde o «swing» é mais importante que a improvisação.

Quanto ao «blues feeling», ele pode ser alcançado de várias maneiras e expresso por várias formas. A palavra «blues» não tem equivalente em russo e é usualmente traduzida por tristeza ou nostalgia. E quanto se escreveu já sobre a nostalgia na União Soviética! Muitas das canções soviéticas são canções tristes, mesmo algumas daquelas cantadas ou tocadas em tempo rápido. O «blues feeling» é uma característica muito específica que nós, soviéticos, entendemos. Só quero dizer com isto que esse sentimento, ou provavelmente a sua natureza, não nos é estranho.



Charles Lloyd em Moscovo

Não há cantores de «blues» na União Soviética e não acredito que algum dia apareçam. Há, no entanto, alguns cantores de «jazz», o que evidentemente é diferente. Um cantor de «blues», na União Soviética, seria um pobre imitador, nunca um criador, pois o «blue» é uma forma de arte folclórica, enquanto o «jazz» é um meio de expressão internacional.

///

O contacto com o «jazz» americano é na União Soviética conseguido principalmente através das emissões da rádio americana, escutadas em onda curta. Agradeço a Willis Conover o seu precioso trabalho. Durante o 2.º festival internacional de «jazz» em Praga, muitos músicos soviéticos tiveram oportunidade de conhecer e trocar impressões com Willis Conover. As emissões da rádio Voz da América em russo, embora não sejam tão inteligentes como as de Conover, são também muito importantes. A maioria dos músicos de «jazz» soviéticos não aprecia os comentários à música, preferindo só prestar atenção ao «jazz» em si, mas a maioria dos ouvintes comuns esses comentários forjam uma ideia errada do que o «jazz» realmente é.

Poder-se-ia recorrer a algum dos bons críticos de «jazz» americanos para escrever esses comentários...

///

O público soviético é essencialmente admirador das grandes obras e as visitas e concertos de alguns músicos americanos têm sido sempre um êxito. Anota-se por uma visita de Armstrong ou Ellington, mas o próprio Ornette Coleman poderia contar com

prevê a importação de um milhão de discos americanos, mas não especifica se eles são de música clássica ou «jazz». Contudo, não é proibido enviar pelo correio discos da América para a União Soviética. Muitos dos músicos e admiradores soviéticos da música de «jazz» trocam, com amigos americanos, livros, revistas e discos, dos quais fazem várias cópias em gravadores e as distribuem.

NOTA MARGINAL, EM ESTILO DE CURIOSIDADE: MAS A PROPOSTO:

Em conversa pessoal, dada com Fashad Badalbelly, pianista soviético de 21 anos de idade, vencedor «ex-aquo» com Victoria Postnikova, pianista soviética, de 25 anos de idade, do IV Concurso Internacional de piano Viana da Mota (Set./Out. de 68), ele também me informou do grande interesse pelo «jazz» no seu país. Ele, em particular, afirmou conhecer e ouvir muito «jazz» e preferir Thelonious Monk, Dave Brubeck, John Coltrane.

Esta uma nota que me parece vir a propósito e ser conveniente (embora o «jazz» pouco lucre com este interesse dos génios da clássica) quanto mais não seja para atenuar sectarismos.

Por lapso, no artigo «Variações sobre o termo soul» de José Duarte, incluído no suplemento literário de 23 de Janeiro último, não foi indicada a autoria da frase, em substituição:

«...deixemos nos cabarés a música de jazz e os seus músicos e não dessacralizemos o que é sagrado...»

Júlia d'Almeida directora do Centro de Estudos Gregorianos de Lisboa.

um grande e conhecedor público.

A história do «jazz» é estudada na escola de «jazz» de Leninegrado e há um curso de «jazz» no conservatório de Tallin. Em todas as grandes cidades há um clube de «jazz» e assiduamente os seus membros realizam conferências nas universidades, escolas e fábricas.

///

No entanto, é infelizmente impossível adquirir discos de «jazz» na União Soviética. O acordo cultural americano-soviético

acaba de ser publicado: A ANGÚSTIA DO TEMPO PRESENTE E OS DEVERES DO ESPÍRITO

— Uma obra excepcional onde se reúnem os depoimentos de Raymond de Soumure, Paul Ricoeur, Mircea Eliade, Robert Schuman, Guido Calogero e François Mauriac.

— Um tema de actualidade actualizado.

ENCONTROS INTERNACIONAIS DE GENEVRA

472 págs., 75\$

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8, Mem Martins
Delegação em Lisboa: Rua das Flores, 45, 2.
Delegação no Porto: Rua de Entreprevedores, 6, 2.

Traduzir Guimarães Rosa

(Continuação da 1.ª página)

superficial, convencional. Naturalmente, em alemão (herzlich) a coisa é diferente, não sei. Mas talvez possa ser reforçado: *mith-erzlich? herzherrlich? herzherrlich? herzherrlich? herzherrlich?* Teremos de achar algo de impacto maior, os corações aparecendo descobertos e vermelhos, quase anatómicamente, como os Sagrados Corações de Cristo e da Virgem. Como escreveu uma vez Jean Louis Barault: «O coração acima do corpo e mesmo do espírito: la chair de l'esprit...» — Ele disse isso, só não sei se direitinho assim (estou citando de cor). Oucamos o trecho em questão: «Só o um-e-outra, um em-si-junto, o viver em ponto sem parar, coraçoadamente: pensamento, pensamento Alvor. Avançavam, parados, dentro da luz, como se fosse no dia de Todos os Passados». — «Nur das Einer-und-Eine, das Beide-in-sich, Leben im unaufhaltsamen Punkt, Herzblut, Gedanke, Gedankengut, Welase Glut, Stillstehend schritten sie im Licht, als waer es der Festtag Aller-voegel». Aquil, novamente, uma versão algo mais conclusiva, graças à capacidade da língua alemã para formar neologismos, imagens sintéticas, substantivos compostos. A dificuldade do advérbio novo, inimitável na minha língua, contornei pelo substantivo «Herzblut» — sangue do coração, conjugado semanticamente e acusticamente a «Gedanken, Gedankengut, welase Glut» a fim de acompanhar a consonância do original: «coraçoadamente: pensamento, pensamento, Alvor».

As relações de Rosa com a língua de meu país eram aquelas de um leitor assíduo, de um linguista, de um poeta, que no referido Colóquio de Berlim, analisou a potencialidade específica das diferentes línguas, factor a que o tradutor não pode deixar de tomar em conta, referindo-se em seguida concre-

tamente à língua alemã, para apontar «dois aspectos senão opostos nem extremos e característicos e importantes na alma alemã». Citou uma canção patriótica A GUARDA NO RENO constituída por uma série de onomatopéias recitadas necessariamente em tom heróico, caracterizando-a como exemplo da vitalidade e pujança alemã. Recitou depois alguns versos de Heinrich Heine para demonstrar aquilo que a língua alemã tem de mais suave, de mais «rio claro, cristalino, correndo debaixo de árvores e levando o perfume de flores de mão de amada». Anos mais tarde, como contribuição a uma «Festschrift» para Joseph Witsch, seu editor alemão em Colónia sobre o RENO, intitulada O RENO E O URUCUIA, disse ele: «Lá, em Minas Gerais, quando com nove anos de idade, muito espantel os meus, ao comprar por mim mesmo, uma gramática alemã, para estudá-la, sozinho, sentado à beira da calçada nos intervalos de jogar com outros meninos, futebol de rua. Só foi isso por linato amor às palavras recortadas de exactas consonantes: tais como Kraft e Sanft, Welt, e Wald, e Gnade e Pfad e Haupt e Schwung e Schmitz. Do que, depois, quer estudar medicina também em livros alemães, aproximar-me de Schiller, Heine, Goethe, e namorar de preferência, as louras moças de origem alemã. E para reter o seu fundado interesse em ver seus livros publicados na Alemanha, salientou: «Sempre achei que seriam, principalmente, leitura para alemães — gente que sente de modo agarrado e afectivo a natureza, e que precisa, a todo momento, de maneira inadiável, de apoiar-se na metafísica. Mesmo, em horas mais devaneadas, chegava a pensar que aqueles livros, tão brasileiros, e mineiros, estariam contendo algum tanto virgens, irrevelados, enquanto não recebessem a sanção e

bênção dos leitores alemães, os de facto mais capazes de «ver tudo» neles. O que digo é sincero, nada demagógico, poderia jurá-lo pelo corcel do jagunço Riobaldo os quais, indissoluveis, vêm a ser um «Welch, Mahr» («cavaleiro combatente» ou «cavalo de combates») — que, conforme vejo num léxico etimológico, e passando por Wimara, Guimara, foi o primitivo nome de Guimarães».

Tratar a problemática da tradução da linguagem rosiana numa palestra dessas é impossível pois seria o trabalho de um seminário, a tarefa de uma série de conferências. Por que isto tem de comum a obra e a linguagem de João Guimarães Rosa, uma comunhão com esta coisa que temos diante de nós, esta coisa movente, perturbante, rebelde, a vida: «elas — obra e língua de Rosa — são também perturbantes, semoventes, obscuras; em resumo: concretas e utópicas a um só tempo. Palpáveis e fugidias. Mas no momento em que se toca esta coisa palpável, o idioma, o meio de expressão de Rosa, torna-se de certa maneira enigmático, fugidivo, movente, evadido. Agostinho, se não me engano, diz que, meditando-o, sabe bem o que é o tempo, mas no momento em que se propõe a dizê-lo, já não o sabe. A recriação da obra de Rosa contém algo disto. Pois — e aqui queria citar o admirável Oscar Lopes — uma das maiores qualidades desse estilo tão poético reside, a meu ver, na precisão que consiste em dar por forma imprecisa um pensamento que, como da do imediato, é impreciso, em vez de o mascarar de pseudo precisão. Poder-se-ia dizer que o idioma de Rosa é composto de dois

elementos: do activo e do contemplativo — novamente em conformidade com o carácter de seu criador.

A tradução da obra de Rosa, portanto, tem que ser não uma fotografia filológica, uma tradução científico-naturalista, mas sim uma transplantação homológica, uma busca de paridade fisionómica em vez de uma imitação analógica. Não apenas o conteúdo textual, mas também, melhor em primeiro lugar, a mensagem do poeta, isto é: a *allure*, a psicologia, os sentimentos, opostos ou ambivalentes, o «ca mais» invisível que envolve a palavra, o «como» somente audível que acompanha a frase — são os elementos que a minha versão deve transmitir ao leitor alemão. «Só se lê bem quem traduz» disse anos atrás um amigo comum nosso que me dera o fio de Ariadne para penetrar no labirinto vernacular que, naquela época, foi para mim O GRANDE SERTÃO: VEREDAS, Mário Calábria, Consul-Geral em Munique. Ou vice-versa: para traduzir Rosa tenho que me tornar em primeiro lugar o leitor ideal dele, alguém que procura compreender a mais íntima intenção do romancista, do poeta. O tradutor é o pintor, que deseja criar um novo quadro de língua: uma contra-imagem. Ele é o compositor que deve destilar do original um novo som: um contra-som. Pois a obra de Rosa é também um conjunto de sons e imagens. Nela não há abstracção, adjectivação que detenha o fluxo da visão, o ritmo do som. Tacto e ouvido são os sentidos que devem ter a liderança nessa aventura da recriação. A verdade dos cinco sentidos — que era a verdade



Ilustração de Poty para Sagarana

declarada de Goethe — também é a do criador da épica Teodiceia do Brasil, Vladimir Nabokov, que, (como sabemos, vive entre três línguas e escreve em duas), disse uma vez: «O tradutor que deseja reproduzir o espírito do texto e não o mero sentido, já começou a traçar seu autor». De acordo — se aderimos ao pensamento em que se baseia este postulado. Para mim, porém, não existe, numa obra literária, tal dicotomia, tal divisão entre espírito e corpo, entre alma e carne, entre texto e contexto. Não acredito num, em detrimento do outro, ou vice-versa, não valorizo um mais do que o outro. Procuro sempre ver o todo no todo. Como diz Paul Valéry: «O que temos de mais profundo é a nossa pele». Manter viva a pele da linguagem! Sónia pede a Raskólnikoff que se ajoelhe e beije a terra-mãe. Traduzir implica

contacto epifânico com esta coisa viva que é a língua, tão viva como um pássaro, um homem, um animal, tão palpável como o pé da rua, o «cuscuzinho» da chitva, o cheiro do al. Traduzir requer um estado de amorosidade, de sensibilidade, como *conditio sine qua non*. Miguel Angel Asturias, amigo de Rosa, cujos livros tiveram na Alemanha a má sorte de serem mal traduzidos, conta que os livros da América do Sul precisam ser traduzidos eufóricamente. Num entrevista como o crítico Guenter W. Lorenz, um apaixonado da América do Sul, conhecedor de Brasil e de sua literatura, admirador de Rosa, o autor de VIENTO FUERTE declarou: «O tradutor de romances latino-americanos tem que ter uma potência poética. Se ele, no fundo, não é poeta, se ele não sabe traduzir eufóricamente os nossos livros, o leitor alemão nunca terá uma impressão remota do que seja a nossa literatura. O nosso Espanhol é uma língua que se move numa escala amplíssima e esta escala que se permuta em estações do sentir, do adivinhar, do pensar — exactamente nesta ordem — quer que ela seja traduzida na maneira em que se expressa no original. O tradutor de nossa literatura tem que estar a par do que acontece em nossas terras, ele tem que saber que nossas obras são a resposta a esta realidade viva e em transformação. Se é verdade o que Asturias explica no que diz respeito ao espanhol falado em Guatemala, em comparação com o da Castela, quando mais verdade se colocamos a língua brasileiro-mineiro-rosiana ao lado do vernáculo de Coimbra! Curt Meyer-Clason

Ken Cox, um cibernetista

(Continuação da 1.ª página)

«As vezes sinto que as enormes paredes vazias que nos ameaçam nas cidades estão mesmo a pedir poemas concretos com grandes letras fazendo os mais belos efeitos de luz e sombra, enriquecendo essas paredes e tão fáceis de fazer tecnicamente! — Como seria bom se pudéssemos vencer as pessoas responsáveis de que isso é legítimo!»

As obras mais importantes de Ken Cox revelam, pois, um sentido da comunicação colectiva, de participação total da obra de arte na vida de todos os dias.

Exemplo: o seu objecto de dez metros de altura colocado no mar em Brighton durante um festival, e do qual ele dizia: «não pude realizá-lo como desejava: não tive dinheiro suficiente. Foi muito arriscado colocá-lo no mar. Mas valeu a pena, mesmo só por 10 dias. A gente de Brighton achou-o muito divertido e os pequenos barcos à vela e a motor serviam-se dele para andarem à volta».

Mas este sentido de uma nova monumentalidade viva é acompanhado de uma profundidade simbólica e uma intensionalidade poética muito delicada, como

se revela nas explicações das suas obras. Assim sobre a série de balões ele dizia: «As cores diferentes baseiam-se no conceito chinês dos quatro elementos mais o céu. Num destes cânones de simbolismo há 5 cores; vermelho para o fogo, amarelo para a terra, verde para a água, azul para o céu e branco para o ar. Assim eu tenho 5 balões destas 5 cores, e cada um tem um pequeno poema, com arranjo elementar de letras, sugestivo dos 5 elementos. Os balões devem ser vistos em grupos».

Deve-se acrescentar que cada balão é uma pequena maravilha técnica pois estando preso a um suporte, inclina, diminui, oscila, treme, por conjugação de correntes internas de ar quente.

Os balões de KEN COX são de um tecido leve e possuem um mistério que produz uma serena inquietação.

Sobre as «Três Graças» escreveu KEN COX o seguinte texto para o catálogo da Serendipia Cibernética:

«Três em uma e uma em três — Trilogia e Tríptico — clássicamente o conceito do amor na época da fusão do pensamento medieval e renascentista: Venus como a encarnação da interac-

ção entre as três partes, paixão, amor e beleza — todos mudando constantemente no detalhe, mas ficando fundamentalmente as mesmas. AMOR é a influência unificadora dos volúveis e imprevisíveis elementos VOLUPTAS e é PULCHRITUDO: as 3 graças dançando, rodando e intercombinando-se, trocando gestos simbólicos — o amor como paixão incendiada pela beleza.

VOLUPTAS inclina-se para AMOR, AMOR transfere o gesto para PULCHRITUDO. PULCHRITUDO devolve o gesto a AMOR e assim volta a AMOR o fogo que originalmente veio de VOLUPTAS. AMOR revigora por PULCHRITUDO torna-se a única possível ligação entre os outros dois elementos».

É necessário agora referir que as 3 graças de KEN COX são 3 torres com elementos rotativos que formam cada uma delas as palavras AMOR, VOLUPTAS, PULCHRITUDO, muitas e repetidas vezes. As torres rodam em frente de painéis com projecções verticais das 3 palavras e formam 1 Poema Concreto. Os elementos de AMOR estão dispostos numa hélice dupla que roda lentamente com velocidade constante. VOLUPTAS tem 2 rotas independentes, com

dados electrónicamente por um programa que dura 2 horas. PULCHRITUDO tem um movimento intermitente e bem equilibrado controlado por 11 motores independentes.

— Quando for a Inglaterra, não poderei falar com Ken Cox.

No fim do próximo mês de Fevereiro estará patente em Londres uma exposição com obras de Ken Cox que evidenciará a estatura de um dos mais significativos construtores de uma *poesia nova*, que nos referencia os olhos e nos recorda que apesar de tudo poderemos ser Homens Também novos — Está ao nosso alcance.

E. M. de Melo e Castro

(1) Vide TLS — 23 de Maio de 1962 e catálogo da recente exposição colectiva Luso-Britânica de Poesia Concreta e suas consequências (Apostrofe, Setembro 1962) «ARLINGTON QUADRO» que transcreve essa obra e em que DON SYLVIA HOUEDARD (um dos melhores poetas europeus mantidos e envidados de Inglaterra) se refere significativamente.

um título da colecção "SÉCULO XX"

ALBERTINE SARRAZIN

som piedado

uma das mais emocionantes e dramáticas obras da literatura universal

Col. "Século XX" 252 págs., 45\$.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8, Mem Martins Delegação em Lisboa: Rua das Flores, 45, 2.ª Delegação no Porto: Rua de Entreparedes, 6, 2.ª

Testamento de Mestre Villon

(Continuação da 2.ª página)

resta da obra foi recolhida da tradução oral; conhecida entre os universitários e os vira-latas que frequentavam as tascas de Paris; e grande parte se terá perdido. Mesmo da parte escrita, ou ditada aos camaradas da estúrdia, copistas nas horas vagas, muito da sua obra se perdeu, como o Romance do Traque-do-Diabo, obra de ficção que ousou propor, como o primeiro romance da literatura moderna.

O Romance do Traque-do-Diabo foi escrito a par e passo com os acontecimentos a que se referia. O próprio título é uma alusão directa a um marco de pedra cujo roubo pelos estudantes foi o ponto de partida para o desencadear das tensões acumuladas entre a Universidade e o poder real. Com o pretexto do roubo do marco a polícia invadiu a Universidade e prendeu 40 estudantes. No mesmo dia o reitor acompanhado pela massa de universitários foi ao Châtelet exigir a libertação dos detidos, mas o cortejo foi atacado pela polícia que matou um estudante e feriu um grande número.

O conflito prolongou-se durante cerca de três anos, durante os quais a Universidade esteve frequentemente fechada. Só em 1454 quando o reitor obteve completa satisfação para as exigências dos estudantes e da Universidade, os cursos começaram normalmente.

Entretanto François Villon, vivia entre a Universidade e a boémia, escrevia romances e baladas, procurava não morrer de sede. Mas que pode fazer um Mestre de Artes para saclar a sede que o atrai para as fontes todas quantas correm neste mundo?

A GORDA GUIDA

A taberna da Grosse Margot pode servir, temporariamente. A Gorda Guida.

Tem encantos para o mais exigente.

Mestre François não os desprezou e de cliente, passando por credor e amante de ocasião, acabou por se tornar «patrão». Assim viveu:

Quando há fregueses pego na caneca:

Não dou nas vistas vou buscar a pinga.

A todos sirvo a fruta o queijo e o pão.

Aos bons pagadores lhes digo «Bene Stat».

Quando lhes der o cio cá os espero.

Neste bordel onde estamos [vivendo!]

E a quem mal achasse ou mal dissesse, respondia, na «Balada da Gorda Guida»:

Se amo e sirvo a bela de bon grado.

Devo passar por reles chavelhudo?

O menage não seria sem problemas:

Quando sem cheta, a Guida vem dormir,

Nem a quero ver, com a raiva que lhe tenho.

Mas depois de pegar num banco e de De fazer um

escrito no nariz, tudo se recompõe e

Ambos grossos dormimos como um sóco.

O amor, a barriga bem cheia na intimidade da Gorda Guida, a estúrdia, o trabalho no romance do Traque-do-Diabo, são talvez os «tempos felizes» de François Villon. Mestre das Artes.

Mas a polícia veio desmontar o paraíso: a Taberna da Gorda Guida foi fechada, os bons tempos de companheirismo perderam o carácter inocente e tranquilo, o compromisso rebentava pelas costuras.

Em seguida a um incidente fatal com um padre, Mestre Villon fuge de Paris. O pai adoptivo conseguiu obter uma amnistia para a morte, accidental, do padre, mas François não o soube se não muito mais tarde. Entretanto fixa-se um tempo em Dijon e vagabundela com um grupo de amigos, «La Coquille», vivendo de assaltos e expedientes.

Estava lançado na vida de malfetor e é assim que o vamos encontrar nas prisões, depois nos salões do duque Carlos de Orleans, numa tentativa de regeneração, isto é, de entrar no sistema.

DEBATE DO CORAÇÃO E DO CORPO

Que ouço? Sou eu. — Quem?

— Tu coração,

Que se aguenta apenas por um cordão.

Quando assim te vê pobre abandonado

Como cachorro no canto enroscado.

Mestre Villon estava consciente do jogo.

Com o grau académico de «Mestre das Artes» não poderia ter acesso aos prazeres deste mundo. Mas não estava disposto a abdicar deles:

Não há tesouro que viver a [seu grado,

Repete ao fim de cada estrofe da balada satírica ao congoe Franc-Gontier.

Os meios que usava para viver a seu grado não eram os mais tranquilizadores.

Vários amigos foram parar à força. A corda andava sempre a balançar na sua

imaginação como se vê na «Balada dos Enforcados»: — Fôh arm armalho ortil Pendurados aos cinco e aos

[seis,

Aqui expomos a carne bem [nutrida

Agora já devorada e apodre- [cida,

As chuvas em barreiras nos [lavaram

E ao sol que nos seca nos [tisnamos;

Pegas e corvos nossos olhos [devoraram

E a barba e as sobranceiras [nos tiraram

E desde então nunca mais [sentimos;

Para cá e para lá como o [vento variar

A seu bel prazer nos faz [dançar.

Entre o coração e o corpo de François estabele-

cia-se assim um debate, imposto pelo coração, mal aceite pelo corpo:

Deixa-me em paz! — Porquê?

[Eu vou pensar,

Quando? — Quando infância [se acabar,

Não digo mais nada. — Nem [eu preciso.

Como os enforcados na ponta da corda, François oscilava entre o coração e o corpo. Mas o corpo terá

levado sempre a melhor e é de querer que o coração acabava por aceitar de bom agrado a derrota

O TESTAMENTO

A obra mais extensa de François Villon é o TESTAMENTO. São 173 octetos de oito sílabas dum impecável rigor formal que em nada limita a vivacidade do ritmo nem a invenção. Além destas estrofes o Grande Testamento, pois há um Pequeno também, compreende diversas baladas intercaladas: das Antigas Damas, dos Antigos Senhores, em Velha Língua Francesa, da Bela Heaulmière, da Bela Heaulmière para as Prostitutas, e muitas outras, além de rondós uma Oração feita a pedido da mãe, etc. Com a pompa habitual dos textos didáticos, o Grande Testamento já foi considerado o equivalente poético das catedrais góticas.

Foi aos trinta anos que Villon o começou a escrever o Testamento. Cansado, doente, farto de prisões e vagabundagens, instalou-se em casa do pai



Epitáfio dudit Villon
freres humains qui apres no? Sures,
Napez les cucurs contre no? enbardes
Car se pitie de no? pouitez auez
Dieu en aura plusost de vous merdes
Dous nous boies cy atafes emq sip
Quat de la char q trop aude nourrie
Eslet piera deuouree et poutrie
et no? les os deuoues edies e poutrie
De nostre mal personne ne fenrie
Mais pices-dieu que tous nous surt
le adfouidie

Ilustração da 1.ª ed. de poesias de Villon

adoptivo onde se pôde dedicar ao trabalho:

Ao trigésimo ano de idade

Com todas as vergonhas di-

ligradas

Nem louco de todo nem de [todo sabio,

Com o corpo temporária-

Com o corpo temporária-

mente vencido pelo cora-

ção.

No Testamento vai del-

xando um pouco de tudo

a todos:

Primeiro minha alma pobre [dou

A Santa Trindade abençoada [tem custado

Nado em Paris, de Pontoise [cerca;

E o meu pescoço a uma cor- [da atado,

A nossa grande mãe a terra; [lha pesa,

Ao pai adoptivo deixa o

Romance do Traque-do-

Diabo que estaria à data

completo e que nunca foi

encontrado; à mãe uma

oração à virgem Maria em

forma de balada. Aos fra-

des mendicantes e aos de-

votos deixa-lhes gordas

«sopas jacobinas», a Mes-

tre Jean Lourens o avesso

dos bolsos para que os es-

prema todos os dias, ao

barbeiro Galerne um blo-

co de gelo para que o co-

loque todo o Inverno sobre

o estomago — assim evita-

ria ter calor no Verão se-

guinte.

A última balada do Tes-

tamento abre com um con-

quite para o enterro:

pelo bom trabalho que ti-

nha feito Mestre François

recomeça a boémia de Pa-

ris. Um passeio para ma-

tar saudades e avivar a

memória, um tascos onde se

entra, um companheiro de

acaso ou um antigo conhe-

cimento, a mulher que se

encontra, a festa, e assim

voltam os bons velhos tem-

pos. No fim do ano de 1462

Villon é condenado à for-

ca com dois camaradas

depois duma rixa com pa-

dres.

A morte e a vida aceita-

as como uma coisa só,

com um sentido de humor

de exilado (No meu país

estou em terra estranha),

que o não seria tanto no

sítio onde vivia, como no

tempo em que nasceu. Mas

quando preparava já o pes-

coço para a corda há tanto

esperada, a pena foi

considerada excessiva e co-

mutada em expulsão defi-

nitiva da cidade.

Com a natural alegria de

quem escapa da força des-

pede-se da mãe, do pai

adoptivo e dos amigos, não

sem aproveitar para reco-

lher alguns escudos, e par-

te, dizem, na direcção de

Poitou. Nunca mais houve

notícias de Villon, nem se

conhecem obras posteriores

a esta data.

Alguns autores propõem

interessantes hipóteses.

Que tenha encontrado

uma nova Gorda Guida e

vivido como um tranquilo

patrão de estalagem-bordel

que tenha continuado uma

vida de malfetorias e aca-

bado na força. Etc.

Outros afirmam que

morreu em data desconhe-

cida.

Mas não é verdade que

os vates são imortais?

Quem sabe se muitas

coisas que se passam hoje

e ninguém sabe a quem

atribuir responsabilidades

não serão obras dele?

JULIO MOREIRA

Uma exposição errada

(Continuação da 3.ª página)

tes pesquisas fizeram, tão bom e por vezes tão elevado nível atingiram.

Ora se referimos que a exposição patente, em desastrosa coexistência com móveis de estilo e tapetes de luxo, não tem senão uma vaga caracterização de pessoalismo (o caso de Varela, por exemplo, e mesmo assim fatalmente formado a partir de padrões exteriores já conhecidos), começamos por entender o seu errado fundamento — e, o que é mais grave, a negativa orientação pedagógica que aponta aos próprios jovens apresentadores. A pretensão de que uma arte portuguesa autêntica se deve fazer à margem dos estímulos e informações colhidas na transformação geral do pensamento plástico é uma pretensão falsa na medida em que ignora os dados da universalidade constantemente perseguida pelos artistas contemporâneos e a possível vinculação desses dados ao carácter do nosso mundo. Por outro lado, os jovens escolhidos, que se exprimem ainda numa zona de imponderabilidade estética e numa dependência de figurinos estereotipados ou já destituídos de actualidade, não se sublinham na linha requerida pelo exemplo. antes se negam e destroem contra ele. Assim terá de se dizer que a Galeria Dinastia criou uma perspectiva errada no plano histórico ao pretender negar uma produção estabelecida pelo exemplo de uma pseudoprodução nascente e anunciada, como ponta ou princípio de uma arte portuguesa autêntica — a dos que não cederam a pressões para mudar de rumos. A juventude das obras nem sequer é excessiva, é apenas juventude no sentido da sua instabilidade de formulação. Os jovens, estes jovens que possivelmente terão algum talento e alguma proposta original a fazer quando se descobrirem no tempo e num quadro ideológico definido, são assim (e agora) incondicionalmente traídos pela referência prematura e pela enervada perspectiva da exposição em que se confrontaram.

ROCHA DE SOUSA

Um livro concebido como uma reportagem e tendo por base a observação directa e o testemunho

P I C A S S O

AS MULHERES/OS AMIGOS/A OBRA

por JEAN-PAUL CRESPELLE

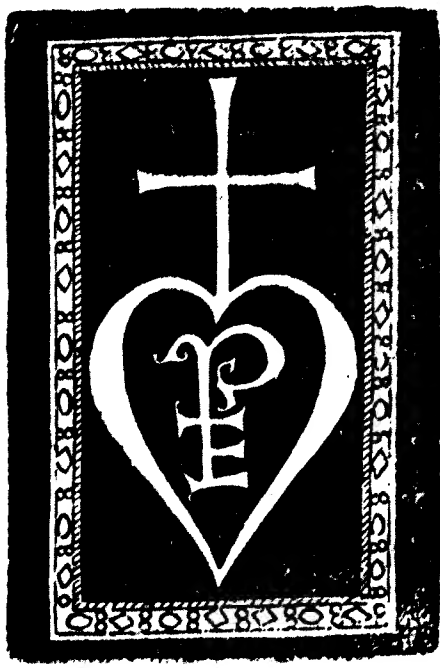
O maior génio da Pintura moderna surge, pela primeira vez, na sua verdadeira dimensão, com a evocação das figuras, por vezes comovidas, das mulheres que amou, tornando-as alguns personagens que lançam sobre o homem e a sua obra uma luz verdadeiramente nova.

Volume de 340 páginas, com ilustrações: 75000

Colecção Figuras de Todos os Tempos

LIVRARIA BERTRAND

Le grant testament villon/et le petit.
Son codicille. Le largon i les balades



Frontispício da 1.ª edição das "Poésies" de Villon, datado de 1949

FOI Nu como um verme, ainda que bem vestido, que Mestre François Villon fez uma das raras tentativas de ganhar «honestamente» a vida.

Por volta de 1458 vivia o poeta na sombra do palácio de Carlos de Orleans depois duma breve purificação na sombra das respectivas mamorras.

Os motivos da reclusão são desconhecidos, ainda que fáceis de imaginar no contexto da sua vida: quanto à sub'da nessas planas de sombra se por um lado foi obra da grandeza dos senhores, foi por outro reconhecimento da grandeza da poesia.

A 19 de Dezembro de 1967 nasceu Maria, filha do Duque Carlos de Orleans e em comemoração casaram-se as prisões.

Foi com uma Balada de reconhecimento e homenagem que Mestre Villon assumiu o seu lugar de poeta entre os bardos que frequentavam a Corte de Carlos de Orleans, poeta ele próprio.

Para cortesia faltava-lhe porém o jeito e o gosto, e não tardou a cair em desgraça.

Necessidade leva ao erro
E ao lobo a fome traz do bosque!

Assim Villon descobriu, contra a sua própria maneira de estar no mundo, maneira de recuperar os escudos ducals: nova balada sob um tema de curso do ano anterior:

Morro de sede junto duma fonte.
Com todas as vergonhas de [geridas,

Se o fez, e com sucesso imediato a nda que de curta duração, terá sido por um rebate de honestidades, tal como a concebiam e concebem os honestos cidadãos; mas no seu foro íntimo estaria por certo a sujeitar-se ao mais desonesto (e penoso) dos compromissos.

Morro de sede junto duma fonte,
Escaldando em fogo e baen- [do os tentes;
No meu país estou em terra [estranha;
Junto ao braseiro arripio-me [ardente;
Nu como um verme, vestido [a presidente.

O COMPROMISSO

Morrer de sede junto duma fonte é talvez o resumo dos nossos destinos. Condção humana? Não. Situação comum à maioria dos homens. O ter sido o poeta Carlos ouque de Orleans, a propor o mote para concurso dos seus vates domésticos, ele senhor das fontes todas (até da poesia!), vem criar um espaço espectacular onde entra o humor e o absurdo, uma burlesca seriedade e uma dramática fantochada: personagens marionetes que nos são hoje familiares, mas que talvez só Mestre François tivesse, ao tempo, reconhecido.

Com todas as vergonhas de [geridas,

Nem louco se todo nem se [todo sábio,

ele sabia que a contradição formal do mote, que para o duque de Orleans se resolveria talvez no espaço poético da transcendência, era a exata expressão de contradições fundamentais em que se estruturava a vida quotidiana, era o espaço fechado onde se enovelavam os destinos predeterminados pelo nascimento.

Toda a vida de Villon terá sido uma forma de se evadir (No meu país estou em terra estranha) desse casulo, de saciar avidamente a sede na água das fontes a que só raros têm acesso.

Jean-Marc Bernard, laureado da Académie Française («Morto pela França»), na piedosa intenção de justificar o poeta pelas suas malditorias exclama em certa passagem da obra «François Villon, Sa vie-Son oeuvre»: «Ele estava ainda tão fraco tão fácil de vencer!» ou ainda Mas a sua alma precisava de maiores cuidados do que o corpo.

Se Mestre Villon aparecesse por aí, não deixaria de glosar gostosamente este novo mote de Jean-Marc Bernard:

Estava tão fraco, tão fácil de vencer!

Sobretudo se isso lhe rendesse uns bons escudos.

Ou umas frotas de cama, mesa e roupa lavada.

Pelos meios honestos das baladas para os senhores dos motes e das fontes, ou pela absurda alegria dos assaltos, Mestre Villon foi perseguindo o compromisso impossível entre as limitações que resultavam da sua condição e a obstinada recusa a morrer de sede junto duma fonte.

MESTRE FRANÇOIS

François de Montcorbier nasceu em Paris em 1431, duma família de baixa condição. Muito cedo orfão de pai, foi recolhido pelo capelão da Igreja de Saint Benoite le Belourné, Guillaume de Villon.

Se a sombra dos claustros (sempre na sombra!) lhe abriu o acesso à Universidade nem por isso o protegeu contra a violência do mundo.

A dominação inglesa, a libertação de Paris (1436), as lutas internas, a fome, as epidemias, foram os dados da experiência infantil de François, dito Villon com seu pai adoptivo.

Se por essa experiência foi comprometida talvez a sua carreira de «Mestre das Artes» grau académico que obteve por volta de 1454, Mestre François ficou em compensação liberto de toda a retórica, tanto a do verbo como a do comportamento, ou seja, a da carne.

Quando se explica como



Le tonbeau que fait
le dit Villon quant
il fut singe

Se fides francos boni ce me poife
De de parte empere pontife
Qui l'ame cache l'ame toife
Aman mon col que mon col poife

o lobo que a fome traz do bosque tem talvez d'ante dos olhos a imagem dos verdadeiros lobos que nesse período da infância entravam na cidade para tomar a sua parte na carnagem. E toda a sua expressão anda assim colada à pele do real, alheia ao que seria ao tempo, a forma poética cultivada pelos senhores e pelos seus escribas.

Grande parte do que nos

(Continua na 7.ª página)

«Morrendo mil vezes»

por José Vaz Pereira

CINEMA 69, Spécial U. S. A. — número de Janeiro (132), especialmente dedicado ao cinema americano, período 1960-1968

COMO LON CHANEY, o cinema americano tem mil faces. Mas essas mil faces não significam a demissão duma personalidade poderosa. Para comprovar esta última bastaria o facto de os próprios detractores copiarem o tipo de cinema que criavam.

Cinema 69, spécial U. S. A. mergulha na época 1960-68, uma das mais contraditórias, convulsivas e dramáticas da cinematografia estadunidense. Classifica, inventaria. Faz o balanço. Com um estilo excessivamente entusiástico talvez. Mas igualmente com uma vontade nítida de compreender antes de coordenar.

O fenómeno mais característico destes anos pode identificar-se com a sobrevivência de todos os géneros (underground, independente, negro, musical, comédia, Oeste, ficção científica) se bem que alguns tenham conhecido momentos de penumbra (como o musical) e outros apresentem uma evolução nem sempre tonificante (caso do filme de guerra). Como Jack Palance, num filme de Stuart Heisler, Hollywood morreu mil vezes. Por outras palavras, a sua morte foi decretada vezes sem conta. Mas os anos 60 provaram, ao contrário, que o cinema americano, ultrapassando uma

certa elephantiasse da super-produção, estava pronto, sob o ponto de vista técnico, artístico, comercial industrial para resistir a tudo. Até à própria Televisão e ao seu próprio esgotamento.

Mais do que isso a sua vitalidade polémica e a sua capacidade de intervenção acentuou-se. Queimou publicamente os seus tabus — quem liga hoje, na América, ao código Hays? A naturalidade com que se implantou, com quase institucionalização a audácia dos temas tornou-se rotineira. em «O Estrangulador de Boston» o criminoso já não é tratado como uma criatura dominada pelo Mal mas como um doente, um inadaptado que a sociedade esqueceu; em «Tony Rome» nenhuma das descobertas ou actividades do herói são suficientes para activar o poder corrupto do dinheiro; em «América, América» a primeira visão da terra prometida resume-se ao tratamento animal a que são submetidos os passageiros da 3.ª classe, em «Os Inadaptados», os últimos homens livres que domam puros-sangues na planície reconhecem que já não têm razão de existir na era do helicóptero.

Claro que, juntamente com esta rajada de vento, subsistiu a indústria convencional. Doris Day é contemporânea de «Harlem Story», de Shirley Clarke e de «2001. Odisseia no Espaço», de Stanley Kubrick. Mas são as comédias da «virgem profissional» que fazem a figura de pastiches anacrónicos. O caminho é outro e toda a gente o sabe, inclusive os donos dos estúdios.

O número de «Cinema 69» regista o imobilismo do musical, o renascimento histórico do filme negro (que coincide geralmente com épocas de agitação e de protesto ou de crise económica); o carácter fetichista das películas de guerra, a postura heroica, ainda que isolada, de Jerry Lewis defendendo os pergaminhos da comédia; a progressiva politização do «science-fiction»; os inexplicáveis horrores que estão reservados ao «género histórico»; a persistência insólita do cinema fantástico numa sociedade computadorizada; o aparecimento do superhomem negro pró-branco lembra Sidney Poitier; a velhice saudável dos grandes (Hawks, Ford, Walsh, Hitchcock) embora alongando-se em demasia numa tentativa de vender «A Cortina Rasgada» como uma alquimia de mestre a quem se pode permitir tudo. Fora disso e ao lado disso a explosão de um cinema subterrâneo que já entrou nos circuitos normais de exibição e já tem o seu «marketing».

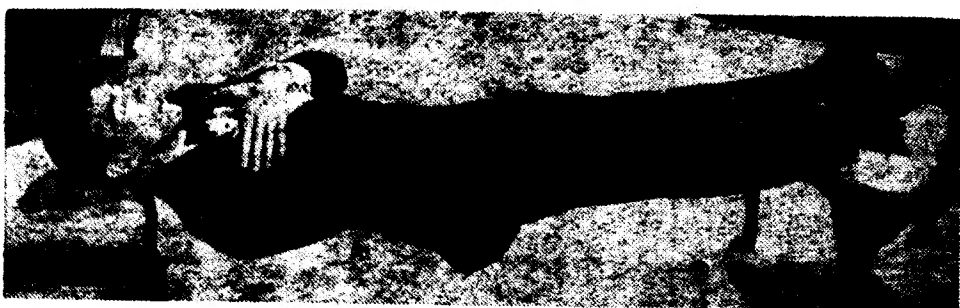
Dar todo este panorama rapidamente e com vigor é tarefa difícil de que a revista indicada se encarrega multissimamente. Fornece também uma lista extensa de livros sobre cinema americano.

Evidentemente que em qualquer biblioteca de um cinefilo interessado nas coisas de além-Atlântico, Cinema 69, spécial U.S.A. passa a ser leitura obrigatória. Pena é que a interligação entre a produção fílmica e a presente situação histórica dos Estados Unidos se faça mais através de sinais exteriores e de

manifestações puramente epidérmicas de instabilidade social e política do que das causas mais profundas que estão na origem do mal estar da mais dinâmica e competitiva das sociedades de consumo.

Será complicado traçar um diagnóstico sombrio sobre o futuro do cinema americano, após uma tal demonstração de vitalidade. A frase optimista «os filmes estão para ficar» parece confirmada.

Com o cinema, também se renovam as faces. Nunca uma indústria, um movimento artístico, uma cinematografia nacional dispuseram dum arsenal tão vasto e tão variado de actores e actrizes. De Raquel Welch a Ossie Davis, a escassez parece não ser problema. Como se comportarão a tendência para o debate e para a polémica e a escalada erótica que se verificam actualmente nos E U se a sociedade americana, por um desses movimentos irreversíveis e cíclicos tão frequentes na curta história do seu país, se incline novamente para um período de respeitabilidade, de convencionalismo, de «law and order» conduzida por dirigentes prudentes e conservadores no estilo de Richard M. Nixon e a sua culpa: esconhida entre os pilares dos WASP (White Anglo-Saxon Protestant) que comandam na finança, na indústria e nas grandes empresas? Essa é a grande pergunta. E é evidentemente e de modo mais partidar uma resposta. Mas talvez que o poder WASP acabe, em última análise, por provocar mais a belicância dos tipos do que a sua real tendência para a conformismo ideológico.



James Coburn